

COMPREENDENDO A VIDA E A MORTE



ANTONIO BENJAMIN DIOMEDE



Com este livro, fragmento de décadas de estudos sobre temas ligados ao espiritismo, Antonio Benjamin Diomedé amplia o seu legado e traz para reflexão questões filosóficas como a continuidade da vida, que intriga religiosos de todos os credos. O autor trata a questão da vida depois da morte com a naturalidade de quem dorme e acorda no dia seguinte, pois tem como suporte a codificação do espiritismo, de Allan Kardec, que por sua vez dedicou vários anos à pesquisa de uma nova doutrina lastreada na ciência, na comprovação de que o corpo é animado por um princípio inteligente que nunca morre. Mais que fazer pensar, *Viver de Novo* indica os caminhos da fé raciocinada, e o leitor conclui por si mesmo que a vida continua, que o espírito é eterno e que apenas o corpo fenece, como qualquer instrumento material, que um dia deixa de existir.



ANTONIO BENJAMIN DIOMEDE tem sua vivência na doutrina espírita facilmente comprovada em cada página deste livro. Trabalhador dedicado, logo percebeu a grandeza dos ensinamentos de Allan Kardec e passou a ser um divulgador incansável da codificação para o maior número possível de pessoas. Duas atividades principais marcaram sua atuação poucos anos depois de chegar à casa espírita Seara Bendita, no bairro Campo Belo, em São Paulo. Primeiro ministrou cursos fundamentais para a formação de futuros voluntários da casa e, em seguida, no início da década de 1990, concebeu e começou a editar o jornal Seareiro, um tabloide de quatro páginas com artigos espíritas, muito bem recebido pelos leitores. Desde então, o pequeno jornal cresceu, tornou-se revista e hoje é uma conceituada publicação bimestral de 44 páginas.

ANTONIO BENJAMIN DIOMEDE

COMPREENDENDO A VIDA E AMORTE



Fontenele
Publicações

São Paulo – 2024

Copyright © 2024 por Antonio Benjamin Diomede
Compreendendo a vida e a morte
Antonio Benjamin Diomede

1ª Edição
Setembro de 2024

Edição:
Fontenele Publicações

Revisão:
Paloma Nogueira

Diagramação:
Isabel Kubaski

Epub:
Marcos Diques

Capa:
Ingo Bertelli / Luísa Cassab

Coordenação editorial:
Joaquim Ferreira

ISBN – 978-65-5871-638-9

CIP – (Cataloguing-in-Publication) – Brasil – Catalogação na Publicação
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Diomede, Antonio Benjamin

Compreendendo a vida e a morte / Antonio Benjamin Diomede. 1 ed. São Paulo, Fontenele Publicações, 2024.

(Digital);

ISBN 978-65-5871-638-9

CDD 133.9

Índice para catálogo sistemático

1. Espiritualidade. 2. Filosofia. 3. Ciência.
4. Vida eterna. 5. Morte - Aspectos espirituais. I. Título

A editora não se responsabiliza, nem de forma individual nem de forma solidária,
pelos conceitos e opiniões no conteúdo deste livro.

Todos os direitos reservados ao autor. Proibida sua publicação total ou em partes por
qualquer meio de comunicação, sem a autorização prévia do autor.

Fontenele Publicações

Av. Paulista, 1765 - 7ª Andar cj 72 cv10028 - Bela Vista - São Paulo/SP - CEP: 01311-930
Contato/WhatsApp: 11 98635-8887 / 95150-4383 / 95150-3481
contato@editorafontenele.com.br

SUMÁRIO

Apresentação	7
Sobre o autor	9
Dedicatória	11
Agradecimentos.....	13
Prefácio	15
Epígrafe	17
Pré-reflexão	19

SOBRE A VIDA

Tema 1 – A viagem espacial: de onde viemos?.....	23
Reflexões sobre o primeiro tema	38
Tema 2 – O planeta Terra: onde estaremos?	41
Reflexões sobre o segundo tema.....	58
Tema 3 – O veículo planetário: como viveremos?	59
Reflexões sobre o terceiro tema	84
Tema 4 – A vida terrena: qual sua finalidade?	85
Reflexões sobre o quarto tema.....	104

SOBRE A MORTE

Tema 5 – O desembarque: quando iremos embora?.....	107
Reflexões sobre o quinto tema.....	115
Tema 6 – Fim da viagem alheia: como os outros vão embora?.....	117
Reflexões sobre o sexto tema	130
Tema 7 – O fim da nossa viagem: como nós iremos embora?	131
Reflexões sobre o sétimo tema.....	142
Tema 8 – A viagem continua: e depois que formos embora?	145
Reflexões sobre o oitavo tema.....	157
Síntese.....	159
Mensagem final	167
Roteiro para debates.....	169
Referências.....	173
Anexos	175

APRESENTAÇÃO

OITO PROPOSTAS PARA CONFIRMAR OU MODIFICAR SUA VISÃO DA VIDA E DA MORTE

Esta obra explora o sentido da vida e da morte sem sectarismos ou preconceitos e busca compatibilizar ciência e espiritualidade.

Seu bom aproveitamento será obtido pela análise profunda das propostas e perguntas apresentadas e reflexão ponderada sobre os múltiplos aspectos dos temas inerentes à nossa estada terrena.

* * *

Mais do que ler, pense. Os questionamentos multiplicam-se conforme sua capacidade de refletir. O infinito é o limite. Experimente!

SOBRE O AUTOR

Nascido em São Paulo, em 1934, Antonio Benjamin Diomede, empresário do ramo imobiliário, iniciou-se na doutrina espírita em 1970 na Federação Espírita do Estado de São Paulo e em 1972 na Seara Bendita Instituição Espírita. Em ambas as instituições desenvolveu trabalhos na área pedagógica e nesta última tornou-se Diretor de Ensino e Presidente do Conselho, do qual ainda faz parte. Há mais de 10 anos ministra na Seara o curso *Reflexões sobre a Vida e a Morte*, origem e inspiração para este livro, cuja renda integral será destinada a obras assistenciais.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que, como eu, buscam entender, ainda que só um pouquinho, os alicerces de nossa vida e morte, já que da sua construção pouco podemos saber por enquanto.

AGRADECIMENTOS

A minha esposa Maria Alice, que me acompanha há 63 anos, me apresentou à doutrina espírita, percorreu comigo todos os caminhos do aprendizado e revisou com muito carinho este trabalho.

Ao meu filho Flávio e sua esposa Gilene, às minhas filhas Cláudia e Beatriz e às minhas netas Fernanda e Luísa.

À Luísa, um agradecimento especial por criar em *Power Point* a apresentação de 336 slides do curso *Reflexões sobre a Vida e a Morte*.

Aos que revisaram os textos: Fernando Neves, Silvia Angerami, grande incentivadora para que o livro existisse, e Joaquim Ferreira, que ainda se tornou dedicado coordenador editorial.

À Rosane Muniz, pelo incentivo, e a todos que de alguma forma contribuíram para que este livro se tornasse realidade, em especial Thereza Christina Faria Lima, por dividir comigo a sala de aula no curso que ministramos na Seara Bendita.

A Deus, a Jesus e a todos os amigos do plano espiritual pela inspiração de tudo o que está sendo levado aos leitores.

PREFÁCIO

Ninguém gosta muito de falar sobre a morte. Mas o que precisamos entender é que ela é parte intrínseca da vida. Mais cedo ou mais tarde, todos somos defrontados pela morte. É um parente distante ou próximo, um vizinho, um conhecido.

No meu caso, foi meu avô materno. Ele partiu quando eu tinha apenas seis anos de idade e meus familiares não quiseram me contar. Para eles, eu era muito nova para entender. Mais tarde, quando me contaram, me senti traída, porque não tive a oportunidade de viver o luto, de me despedir do meu vovô Norberto.

Não adianta esconder a morte das crianças, como se fosse algo feio ou impróprio para menores. Por isso é que livros como este são tão úteis e necessários. O autor, meu amigo Antonio Benjamin Diomede, não tem receio de levantar um por um os inúmeros véus que nos distanciam das realidades da vida e da morte. Não há como falar de uma sem falar da outra, pois ambas são faces da mesma moeda.

O grande mérito deste livro é não apenas elucidar teorias construídas ao longo dos séculos em torno desses dois conceitos, opostos e complementares, como também provocar a reflexão do leitor. Aqui você não encontrará as respostas prontas para as questões que rondam a humanidade e que nos intrigam desde sempre. Mas terá de construí-las você mesmo. Passo a passo.

Diomede foi muito feliz quando comparou nossa estadia terrena a uma viagem espacial. E a nave que nos conduzirá nessa viagem é o nosso querido planeta Terra, combalido, agora enquanto escrevo este prefácio, pela presença de um vírus perigoso, que nos ameaça e amedronta.

Quem disse que a viagem seria fácil?

Este livro poderá esclarecer muitas questões e ainda propor outras nas quais você ainda não tinha pensado.

Meu convite é para que você aperte o cinto e embarque nessa aventura de criar o seu próprio conjunto de respostas para as questões mais básicas e fundamentais de todo ser humano: O que sou? De onde vim? Onde estou? Para onde vou?

Tenha uma boa viagem!

Silvia Regina Angerami – jornalista e escritora

EPÍGRAFE

“Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz.”

Platão

PRÉ-REFLEXÃO

As pessoas podem encontrar a harmonia terrena, e até mesmo a pós-terrena, para quem a aceita, pelos mais diversos caminhos e formas de pensar, sem que esta ou aquela filosofia possa provar que detém a verdade sobre a maior realidade da vida: a morte.

O humano só tem duas certezas: nasceu e vai morrer. O resto é mistério.

Nenhuma das afirmativas das religiões ou mesmo da ciência é definitiva e todas as que são aparentes verdades hoje podem ser modificadas amanhã.

Os exemplos abaixo foram retirados da edição número 6, em português, da revista *Scientific American*, em artigo do filósofo e professor de física Roberto de Andrade Martins.

- ✓ Séc. IV a.C. – Aristóteles elabora seu sistema filosófico, que balizará toda a ciência ocidental até o início da Era Moderna. Estabelece dogmas, dizendo que só havia terra, água, fogo e ar e que a Terra era o centro do universo – o que será superado por Galileu, Kepler e outros.
- ✓ Séc. III a.C. – Euclides sintetiza toda a geometria grega. Seu tratado *Os Elementos* será por mais de dois milênios o modelo por excelência da literatura científica. No século XIX descobre-se que a geometria euclidiana é apenas uma das muitas possíveis.
- ✓ 1492 – Colombo chega à América acreditando haver encontrado o caminho para as Índias.
- ✓ 1623 – Galileu, embora tenha desfeito o engano de se pensar na Terra como centro do universo, erra ao negar que cometas sejam astros supralunares. Diz que eram meros efeitos da atmosfera.

- ✓ 1644 – Descartes publica *Princípios da Filosofia*, no qual procura expurgar as superstições e explicar todos os fenômenos de forma mecânica. Sua física, porém, revela-se insustentável e, em poucas décadas, será completamente ultrapassada por Newton.
- ✓ 1859 – O naturalista britânico Charles Darwin, em sua obra *Origem das Espécies*, um dos livros mais importantes da história da ciência, apresenta a Teoria da Evolução, base de toda a biologia moderna. A proposta de Darwin, de que as espécies se originam por processos inteiramente naturais, contradiz a crença religiosa sobre a criação divina, tal como apresentada na Bíblia, no livro Gênesis. As discussões que o livro desencadeou disseminam-se rapidamente entre o público, criando o primeiro debate científico internacional da história (e que ainda está em aberto).
- ✓ 1862 – Kelvin calcula o tempo de duração da atividade solar e chega a 20 milhões de anos. Sabemos hoje que o Sol está ativo há 4,6 bilhões de anos.
- ✓ 1905 – Einstein descarta o conceito de éter. Mas, para acomodar os fenômenos, é obrigado a atribuir ao espaço-tempo várias propriedades físicas do éter. Em 1920 reabilita o éter.
- ✓ 1922 – Bohr chega à sua interpretação probabilística da mecânica quântica, porém, pouco mais tarde, David Bohm demonstra que a interpretação causal é perfeitamente possível.

Artigo da *Revista Galileu*, “Desconfie da Ciência”, nos apresenta o seguinte:

(...) A questão é tão séria que motivou o psicólogo alemão Gerd Gigerenzer a produzir um livro inteiro (...) para apresentar ferramentas que ajudem as pessoas a entender e comunicar essas incertezas, diz o pesquisador. As ferramentas de Gigerenzer para “entender como os erros se constroem” são resumidas por ele em duas regras: 1) saber que a ciência nunca apresenta certezas, apenas probabilidades; 2) tentar colocar as porcentagens do jeito mais simples para não ser enganado.¹

O mesmo artigo cita o ensaio *Por que a maioria das descobertas de pesquisas é falsa*, do epidemiologista norte-americano John Ioannidis, Ph.D.

¹ Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT252212-17773,00.html>. Acesso em: 02 mai. 2020.

da Tufts University, especialista em descobrir erros científicos, que aponta carência de rigor matemático.

(...) Mas, ainda que o pesquisador se esforce para eliminar posturas tendenciosas, ele pode ser “enganado” pelos resultados. Muitas vezes o que parece uma correlação clara entre causa e efeito é apenas uma infeliz coincidência, defende Ioannidis. Se você não é um especialista, a forma mais indicada de separar o joio do trigo é ter postura crítica frente a pesquisas, tentar identificar os erros mais comuns, como o uso falho de estatísticas e relações que parecem não ter sentido. E, antes de mudar um comportamento após ler que alguma coisa faz mal, consulte um médico para saber se o estudo é confiável ou se é um ponto fora da curva.

Pesquisar, experimentar, é isto mesmo: arriscar-se a errar. Só não se pode ter a vaidade de achar que já se descobriu tudo.

Portanto, ninguém deveria arvorar-se o direito de impor aos outros como as coisas são. Todos nós temos o potencial para vir a saber. É só uma questão de ter experimentado, visto ou lido antes.

A frase acima foi inspirada na citação do dentista e pensador Dr. Ênio de Domênico.

Há outras frases e conceitos de extremo simbolismo, como as que seguem:

- ✓ “Quanto mais sei, tanto mais sei que nada sei.” – Sócrates.
- ✓ “A verdade tem três aspectos: o meu, o seu e o correto.” – Confúcio.
- ✓ “Eu discordo do que você diz, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-lo.” – Evelyn Beatrice Hall, em seu livro *The Friends of Voltaire*.
- ✓ “É melhor rejeitar 10 verdades do que aceitar uma só mentira.” – Allan Kardec.

São grandes conceitos que, se aplicados no dia a dia, modificariam os relacionamentos humanos, transformando o planeta Terra no melhor dos mundos.

À medida que os cientistas se esforçam para desvendar os mistérios da natureza, fronteiras se rompem.

Abrem-se novos horizontes em uma espiral fabulosa que a cada dia torna-se mais dinâmica. Uma enxurrada de conhecimentos novos mostra que as descobertas dos últimos 50 anos são em maior número do que tudo o que se descobriu nos milhares de anos anteriores.

Refletir sobre a vida e a morte não é um exercício que implique grande conhecimento acadêmico, científico ou tecnológico, porque, afinal, ninguém pode dizer com certeza o que é a vida ou a morte. Implica, sim, a observação desses eventos como as únicas certezas absolutas que temos: um dia ingressamos na vida terrena e um dia vamos deixá-la.

Durante nossa passagem no planeta, dedicamo-nos, cada um a seu modo, a muitas finalidades, uma delas é a de ganhar dinheiro, mas, em geral, pouco se nota o desejo de conhecer de forma profunda a possível origem da vida ou mesmo os aspectos da morte. No entanto, como a morte é inevitável para todos, deveria, em tese, ser o assunto de maior interesse. Para quem chegou até aqui, dedico este estudo, não como alguém que sabe, mas apenas como alguém que leu primeiro tudo isso e que deseja juntar as partes, para proporcionar a todos a oportunidade de reflexão a respeito.

Nesta pesquisa, alguns conceitos se destacam, como este externado pelo psicanalista Sigmund Freud, em 1915, no ensaio *Nossa relação com a morte*:

(...) em suma, que a morte é natural, inegável, inevitável, contudo, nos comportamos como se não fosse assim. Demonstramos a tendência inequívoca a deixar a morte de lado e eliminá-la da vida. Tentamos guardar um silêncio mortal sobre a morte... No fundo ninguém acredita na própria morte...

TEMA 1

A VIAGEM ESPACIAL: DE ONDE VIEMOS?

REFLEXÃO

Assim, enquanto avançamos em busca do infinitamente grande, passamos também a compreender o infinitamente pequeno. Participamos, todos, de um momento singular de nossa história como espécie. Os físicos e os astrônomos levam-nos a conhecer mais e melhor as leis que regem a formação e o movimento do Universo. Biólogos traçam, com precisão, o mapa de nossos genes e comprovam a íntima ligação entre todos os seres vivos. Apesar disso tudo, a vida continua sendo um mistério.

*(Milton R. Medran Moreira, em
O Espírito de Um Novo Tempo)*

O ser humano é movido pelo que acredita. Se não acreditar que pode andar, não anda; que pode correr, não corre; que pode aprender, não aprende. Todas as descobertas foram feitas para superar o que parecia impossível. Mas alguém acreditou e desbravou. É preciso acreditar em algo para executá-lo.

Quem faz o mal, o faz porque acredita que vai ser bom para ele. Até para nos matarmos precisamos acreditar que essa seria a melhor solução para os problemas enfrentados. Então, monte o seu sistema de crenças, escolha as

suas crenças, mas de dentro para fora e viva de acordo com elas, sejam quais forem.

Ninguém existe sem crenças, e elas são, na prática, as únicas coisas verdadeiramente nossas; ninguém pode obrigar-nos a acreditar em algo; só acreditamos porque aceitamos acreditar; se elas são de livre-arbítrio nosso, por que não escolher as melhores?

Se formos capazes de sempre escolher o melhor, o que nos faz bem, o que pode nos proporcionar paz de espírito e harmonia, desfrutaremos com agrado a experiência terrena e a expectativa do porvir.

É claro que há condicionantes psicológicas por intermédio das quais a maioria tem sido manipulada para acreditar nisto ou naquilo.

Mas, à medida que cresce o conhecimento, as crenças deveriam ser assumidas pela razão própria, e não mais pela razão dos outros.

Então, comece agora a pensar: tenho definido dentro de mim um sistema de crenças apoiado na realidade, no que vejo acontecer, no que posso apalpar e avaliar se é real? Ou aceito o que outros somente falam sem provar nada?

Em um trabalho extraordinário, lançado em 2003 e exibido em São Paulo entre 20 de abril e 10 de julho de 2011, sob o título *6 Bilhões de Outros*, a videoexposição de Yann Arthus-Bertrand revelou a realidade mundial das crenças humanas.

O autor, fotógrafo e piloto de helicóptero, empenhado em produzir *A Terra Vista do Céu*, em razão de uma pane acabou pousando em Mali, na África, e ali, conversando com a população local, teve um despertar para produzir entrevistas com outros povos e conhecer seus pensamentos.

Com sua equipe, realizou mais de 5.600 entrevistas em 78 países, inclusive no Brasil, gravando-as em vídeo, produzindo um material extraordinário que merece a melhor das atenções.

Por meio dele podemos compreender que a humanidade, em todo o planeta, tem os mesmos anseios, os mesmos valores, os mesmos desejos e aspirações e professam quase que as mesmas crenças.

Podemos reparar que a força da crença move a todos, e que, quando essa força desaba, a vida também desaba e perde o sentido e a motivação.

A base das entrevistas foram 40 questões formuladas a todos e o trabalho pode ser acessado no site www.6bilhoesdeoutros.org. Quem entrar no site poderá conhecer as perguntas e até mesmo respondê-las, se quiser.

De nossa parte, e neste momento, sugerimos refletir sobre as quatro perguntas básicas desta obra e que podem dar o sentido de nossas vidas:

O que somos?

De onde viemos?

Onde estaremos?

Para onde iremos?

Escolha em cada item a seguir uma das respostas para o seu sistema de crenças ou elabore outras para si mesmo:

O QUE SOMOS?

- a) Ente eterno criado por uma Inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas, à qual nos referimos pela palavra Deus, capaz de elaborar astros, corpos e mentes tão sofisticados que, mesmo sendo micro-organismos na grandiosidade universal, contêm maravilhas espantosas que deveríamos admirar e respeitar humildemente, desfrutando das múltiplas experiências que estão ao nosso alcance em diversas encarnações e em diversos mundos.
- b) Um ser produzido no nascimento atual por uma divindade que chamamos de Deus, que nos coloca aqui para uma única experiência e através dela nos observar e que ao final desta jornada nos julga e premia ou castiga pela eternidade.
- c) Um ser produzido pelo acaso.

DE ONDE VIEMOS?

- a) De outras regiões universais, por meio de incalculáveis anos de existência e ultimamente de experiências anteriores aqui na Terra mesmo.
- b) Da criação de Deus na ocasião do meu nascimento terreno.
- c) Do processo biológico de gestação produzido pela minha mãe e meu pai.

ONDE ESTAREMOS?

- a) Em um planeta bem pequeno em relação a outros astros próximos, mas que me permite a oportunidade de adquirir conhecimentos que levarei para sempre comigo.
- b) Em um planeta onde devo exercer uma atividade que me permita amealhar riqueza para poder desfrutar uma vida confortável.
- c) Em um planeta onde devo simplesmente existir, sem me envolver nos acontecimentos que permeiam meu dia a dia.

PARA ONDE IREMOS?

- a) Para outras vidas neste ou em outros astros, continuando a desfrutar do sabor dos conhecimentos, relacionamentos e crescimento pessoal.
- b) Para um mundo paralelo a este, habitado por entidades que vão receber-me para um julgamento do que fiz de bom ou de ruim, permitindo que eu passe a viver em companhias angelicais ou demoníacas conforme meu merecimento.
- c) Para o nada.

Mas as pessoas, em geral, não se fazem esses questionamentos e aceitam opiniões de terceiros, padres, pastores, gurus, escritores, que tomam por conhecedores de verdades e não se preocupam em pesquisar e avaliar por si mesmas qual poderia ser a resposta mais adequada para as perguntas feitas.

Se você que está fazendo esta leitura tem disposição e vontade para penetrar no mistério, vamos juntos desbravar os caminhos que já estão abertos na ciência, na filosofia, na espiritualidade e nas milenares práticas humanas que nos conduzem a belíssimas interpretações do que queremos saber.

Em complemento às indagações acima, podemos analisar os seguintes questionamentos:

1. O QUE SOMOS? PARA O QUE EXISTIMOS? PARA O QUE SERVIMOS?

São questões pouco discutidas. A maioria nasce, vive e morre sem se preocupar com as possíveis respostas.

Sou mesmo produto de um Criador que me colocou aqui para ficar observando como eu me comporto e depois me premiar ou castigar?

Isso parece estranho, mas é no que mais se acredita.

Sou um componente do universo que neste momento está na Terra vivenciando uma experiência. Qual o sentido dela?

Esta é minha única experiência ou terei outras oportunidades?

2. DE ONDE VIEMOS? O QUE NOS CRIOU? JÁ EXISTÍAMOS ANTES?

A maioria das pessoas prefere preocupar-se mais com o que vai acontecer após a morte e menos com o que poderia ter acontecido antes do nascimento. É um assunto em que a crença tem muito peso, a educação religiosa domina os pensamentos e as opiniões são muito diversificadas quanto à forma de entender a nossa origem.

Desde os povos primitivos até hoje, a crença mais generalizada é a da criação por um Deus ou mesmo deuses, conforme registros da Antiguidade em todas as culturas.

Uma constatação é inelutável: algo nos criou, nós não nos criamos. Não estávamos na Terra. Logo, chegamos e a qualquer momento iremos embora.

Se nossa origem é uma energia criadora difusa no universo, um personagem individualizado, antropomórfico, ao qual chamamos Deus, ou o acaso, qualquer que seja essa força ela é a nossa matriz e como tal deve ser respeitada, porque observamos que essa criação obedece a leis e princípios e que existe uma organização metódica em torno de nossa existência.

3. ONDE ESTAREMOS? O QUE DEVEMOS FAZER NA TERRA?

Num dos muitos orbes do universo. Não há números que expressem o tamanho da grandeza universal, nem que possam representar a quantidade de astros que nos cercam.

A vida terrena tem uma infinidade de possíveis experiências que não se podem traduzir em números. Variam ao infinito. Desde a mendicância à extrema riqueza material, conviveremos com todas as possibilidades e poderemos experimentar todas elas, conforme a trajetória que se desenhar para nós, fruto de nossas aptidões e capacidades, escolhas que seremos compelidos a fazer continuamente, famílias em que nasceremos, regiões que habitaremos, ambientes em que nos entrosaremos e crenças que desenvolveremos, para o bem ou para o mal.

4. PARA ONDE IREMOS? DEPOIS DO DESEMBARQUE O QUE VAI ACONTECER CONOSCO?

São questões bastante discutidas e que têm várias respostas. Embora sem saber se está dizendo a verdade, muitos agem como se soubessem. Afinal, trata-se do nosso futuro e, como veremos mais adiante, é lá que vamos passar o resto de nossas vidas.

Cada um de nós tem sua utilidade, porque, para que tudo funcione, é preciso que cada peça desse imenso tabuleiro desempenhe seu papel. Imagine um relógio que só tivesse mostrador e ponteiros, ou seja, a parte externa visível e bonita. Funcionaria? Sabemos que não. Tudo o que está escondido dentro da caixa, desde as engrenagens até o menor dos parafusos, tem sua importância. Se faltar uma micropeça que seja, não funcionará. Poderemos ser nós, tão somente, uma micropeça no planeta? Talvez, mas seremos tão fundamentais como qualquer outra no contexto universal.

Então trilhemos o seguinte caminho: analisar com detalhes os mais importantes aspectos desta temática. Dividiremos o assunto em tópicos, estudando um a um.

Assim, optamos por apresentar os temas em oito assuntos que atendem aos seguintes questionamentos:

SOBRE A VIDA

Tema 1: A viagem espacial: de onde viemos?

Tema 2: O planeta Terra: onde estaremos?

Tema 3: O veículo planetário: como viveremos?

Tema 4: A vida terrena: qual sua finalidade?

SOBRE A MORTE

Tema 5: O desembarque: quando iremos embora?

Tema 6: O fim da viagem alheia: como os outros vão embora?

Tema 7: O fim da nossa viagem: como nós iremos embora?

Tema 8: A viagem continua: e depois que formos embora?

Repare que os temas estão divididos em duas partes bem antagônicas: quatro temas tratam da vida e quatro tratam da morte. Porque não se pode estudar a morte sem entender a vida. Especialmente para entender as mortes traumáticas por doenças degenerativas, acidentes, crimes, suicídios, não há consolo possível a não ser entendendo, ou aceitando, a presença de outras forças no universo, mas isso deverá aparecer no próprio andamento das discussões aqui apresentadas.

Vistos todos esses pontos, estamos prontos para a nossa primeira proposta. Vamos a ela.

PROPOSTA

Pensar sobre a condição em que todos nos encontraremos no planeta Terra.

Estar sobre esse planeta é um grande mistério.

Observar a maneira como um ser humano é criado é admirável.

Pensar que um microscópico elemento, um espermatozoide, no meio de outros milhões deles, se funde a um óvulo e, deste encontro, surge o embrião de um novo habitante que traz na sua constituição todas as características singulares desse ser.

Nesse zigoto estão contidos todos os componentes do novo ser, ou seres, quando se tratar de gêmeos, trazendo já definidas a cor dos olhos, pele, cabelos, rosto, compleição física, enfim, todas as futuras características do corpo e, ainda, que se traduzirão pela maneira de ser, de se comportar, a capacidade de aprender, socializar e dar conta das múltiplas tarefas no dia a dia enquanto ali estiver.

Como os seres são criados? Não são todos iguais, já chegam diferentes? Onde adquirem essas diferenças?

São perguntas intrigantes e querer respondê-las já levou muitos à loucura. Pensar fanaticamente sobre elas desequilibra, pois não há respostas prontas e a capacidade humana de elaborá-las com aceitação geral ainda não foi alcançada.

Só podemos nos contentar em admitir o seguinte:

Hipótese 1: Aqui estou, não sou daqui, cheguei e vou embora. Se eu não estava aqui, estava em outro lugar e fiz uma viagem para vir.

Hipótese 2: Fui criado no momento da concepção.

Proponho que a primeira hipótese seja aceita para efeito de estudo e vamos fazer o seguinte exercício:

A VIAGEM ESPETACULAR

Imaginemos que estamos em qualquer ponto do universo e dispomos de uma nave espacial capaz de nos levar a todos os lugares e todos estão convidados a fazer uma dessas viagens. Quem quer ir?

Naturalmente, porque a viagem é virtual, quase todos querem, já que têm curiosidade pelo espaço. Se fosse numa nave de verdade, muitos teriam medo. E precisaríamos de um grande preparo para enfrentá-la. Mas, neste caso, todos podem ir.

Mas o que é preciso para isso?

Nada. A nave tem tudo o que necessitaremos. Ela foi idealizada de tal forma que abriga muito bem todos os passageiros, supre suas necessidades de alimentação e bebidas, acomodações, passatempos, tudo, enfim.

Quanto custa?

A passagem não é paga com dinheiro, mas com o trabalho que fizermos na nave. Todos devem desempenhar uma função nela. Pode escolher a sua.

São milhares de ocupações, desde as que não exigem qualquer preparo intelectual até as que necessitam de um grande conhecimento.

Quanto tempo demora a viagem?

Não é revelado o tempo de duração da viagem e não é igual para todos. Sabemos a data de ida, mas não a de retorno.

Para onde vamos?

Vamos para um dos mundos que integram o espaço universal.

Tudo bem? Vamos embora?

Lembrete importante: viajaremos do lado de fora da nave.

Relativamente poucas pessoas se atentam para isso. Nós seremos passageiros de uma nave espacial, que se movimenta no universo acompanhando os demais astros em velocidades altíssimas, seremos menos do que minúsculos em relação ao tamanho dessa nave, viveremos na sua crosta, portanto ao ar livre, mas estaremos grudados ao solo de forma a não sermos lançados ao espaço infinito.

Você se importa? Se não... vamos nós!

POR ONDE ESTAMOS VIAJANDO?

O universo é tão imensamente grandioso que teríamos uma infinidade de direções para escolher, mas, nesta experiência, temos um destino que logo conheceremos.

Desembarcaremos nesse orbe, que também é uma nave, pois está viajando no espaço, girando sobre si mesma e em torno do Sol, que, por sua vez, gira em torno de outros orbes e assim infinitamente.

Essa nave chama-se Terra e nenhum de nós estava nela anteriormente. De algum lugar viemos. Algo nos criou e nos colocou no planeta. Qualquer que seja a crença sobre o que nos criou, um fato é indiscutível: Não estávamos na Terra antes e, em um dado momento, chegamos!

Mas, antes de desembarcar da nave espacial que nos transporta à Terra, vamos contorná-la e observar como nela se vive.

De maneira geral, estamos sendo esperados e vamos ser recebidos com muita alegria e emoção.

Somos preparados durante nove meses no útero de um ser que vamos chamar de mãe e vivenciamos nesse período um processo maravilhoso, desenvolvido com admirável inteligência, que nos permite crescer e de

alguma maneira nos preparar para sair por uma abertura estreita, fato que, às vezes, complica nossa entrada na Terra.

Durante a vida nos esqueceremos desse momento mágico. Ao deixar o útero materno, somos recebidos com alegria e carinho.

Contudo, há grande quantidade de nascimentos indesejados e mesmo rejeitados, que submetem o ser dessa condição a sérios obstáculos para, como se diz popularmente, “vencer na vida”, e muitos, mesmo assim, conseguem.

Uma vez nascidos, teremos que assumir funções na nave Terra.

Cada habitante do planeta tem um papel a desempenhar. E, quando pensamos em habitantes, não podemos restringir-nos à raça humana. Temos de lembrar que tudo, absolutamente tudo o que está no planeta é seu habitante.

A partir dos menores micro-organismos formadores de minerais, vegetais, animais, hominais, tudo o que está lá desempenha algum papel. Cada *coisa* tem sua função e utilidade.

Nós, na nossa ignorância quase absoluta dos processos universais, não percebemos qual a finalidade de tudo o que habita o planeta conosco, mas a ciência tem demonstrado o inter-relacionamento efetivo entre tudo o que existe.

A visão ecológica da vida fomentou nas ciências a criação do chamado pensamento sistêmico, que se encontra definido por Deepak Chopra no livro *A Teia da Vida*:

Por volta da década de 30, a maior parte dos critérios de importância-chave do pensamento sistêmico tinha sido formulada por biólogos organizmicos, psicólogos da Gestalt e ecologistas. Em todos esses campos, a exploração dos sistemas vivos – organismos, partes de organismos e comunidades de organismos – levou os cientistas à mesma nova maneira de pensar em termos de conectividade, de relações e do contexto. Esse novo pensamento também foi apoiado pelas descobertas revolucionárias da física quântica nos domínios dos átomos e das partículas subatômicas.

Ou seja, tudo se relaciona com tudo. Desde os menores elementos imagináveis até os demais mundos do universo, tudo se influencia mutuamente e interfere no funcionamento do todo.

Essa constatação de complementaridade transportada para o dia a dia se aplica plenamente à família ou ao núcleo de convívio em que nascemos.

Com quem quer que nos receba e abrigue, teremos a primeira experiência terrena de convívio, criando um vínculo com essas pessoas, ainda que sejamos órfãos. E, como tal, influenciaremos e seremos influenciados por esse elo.

Provavelmente, mas cada vez em menor número, teremos irmãos, primos e toda a cadeia familiar que é um vasto campo de experimentos, seja pela riqueza de bons relacionamentos interpessoais, mas também o é quando temos que administrar uma relação conflituosa, problemática, o que é um grande desafio à nossa maturidade e compreensão do que temos que superar. Os demais papéis vão surgindo à medida que a vida transcorre. Podemos fazer escolhas ou aceitar os que aparecem.

Como regra geral, em seguida, assumiremos os papéis de amigos, depois estudantes, profissionais, namorados, casados, pais, avós, aposentados, falecidos...

Uns já nascem com maturidade suficiente para saber escolher o que querem, mas a maioria é levada pelos acontecimentos e segue sua vida administrando o que ela coloca em seus caminhos.

Um item importantíssimo a ser observado na compreensão do viver é a diferença inata entre as pessoas, fazendo com que a maneira de ser de cada um seja única e reconhecível ainda que sejamos bilhões de seres embarcados na nave Terra.

E não deveríamos esquecer nunca que a nossa permanência sobre o planeta é absolutamente transitória.

QUANDO VAMOS PARTIR?

Não sabemos. Estaremos sobre a nave Terra, fora dela, que viaja pelo espaço sem nos dar conta disso. Na primeira oportunidade, olhemos para o céu, olhemos para nossos pés e constataremos que eles estão apoiados sobre a crosta terrestre, que estamos eretos no espaço, embora presos ao solo. Notemos que somos muito pequenos em relação ao planeta, mas podemos realizar muito, tanto bem quanto mal, e deixar, quando da nossa partida, uma história bonita ou feia, conforme as nossas escolhas.

Como não sabemos quando será a hora da partida para o regresso, é bom que estejamos sempre prontos para isso.

Para reforçar a consciência de nossa condição de micro-habitantes planetários, vamos recordar alguns dados sobre o mundo à nossa volta:

A QUE VELOCIDADE A TERRA SE MOVE?

Quem tiver oportunidade, o que infelizmente é muito raro, vá a um observatório para ver os astros. Teremos a perfeita dimensão da nossa pequenez no universo.

Ver os nossos vizinhos universais ao telescópio é um grande exercício de humildade e deveria ser, quem sabe um dia, do conhecimento obrigatório de todos.

Ir ao planetário é muito bom, deve ser praticado por todos, mas, se puder, não deixe de ir ao observatório.

A Terra percorre cerca de 940 milhões de quilômetros ao redor do Sol a cada ano sideral, ou seja, o movimento de translação completo, aquele que dura 365 dias, 5 horas e 48 minutos.

Viajar no planeta Terra é fantástico. É uma nave espacial dotada de todos os requisitos necessários à sobrevivência, que tem em si mesma a capacidade de produzir tudo o que os viajantes necessitam, mas, infelizmente, não encaramos o tempo passado nela como uma viagem temporária e que precisa ser bem aproveitada.

ONDE ESTÁ A TERRA NO UNIVERSO?

Vamos começar por entender, pelo menos um pouco, alguns conceitos de astronomia.

GALÁXIA

A Terra, em conjunto com o Sistema Solar, está localizada na galáxia Via Láctea, orbitando a 28 mil anos-luz do centro da galáxia. Presentemente, o Sistema Solar está localizado a 20 anos-luz acima do plano equatorial da galáxia, no Braço de Órion.

DISTÂNCIAS DO SOL, DOS OUTROS PLANETAS PRÓXIMOS E DA LUA

A Lua, do latim *Luna*, é o único satélite natural da Terra, situando-se a uma distância de 384.405 km do nosso planeta. Integram o sistema solar 205 luas, começando pelos planetas mais distantes do Sol, com a seguinte distribuição: Netuno (14), Urano (27), Saturno (82), Júpiter (79), Marte (2) e Terra (1)². Ganimedes, uma das luas de Júpiter, é a maior em volume, mas a nossa Lua é a maior proporcionalmente em relação ao seu planeta, com mais de 1/4 do tamanho da Terra e 1/6 de sua gravidade, sendo o único corpo celeste visitado por seres humanos.

As Luas do Sistema Solar

Planeta	Mercúrio	Vênus	Terra	Marte	Júpiter	Saturno	Urano	Netuno
Número de satélites	0	0	1	2	79	82	27	14

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_sat%C3%A9lites_naturais_do_Sistema_Solar

SISTEMA SOLAR

O Sistema Solar é constituído pelo Sol e por um conjunto de objetos astronômicos que se ligam ao Sol pela gravidade. Acredita-se que esses corpos tenham sido formados por meio de um colapso de uma nuvem molecular gigante há 4,6 bilhões de anos. Dentre os muitos corpos celestes que orbitam ao redor do Sol, a maior parte da massa está contida em oito planetas. Os quatro menores – Mercúrio, Vênus, Terra e Marte – são conhecidos como planetas telúricos ou sólidos, encontram-se mais próximos do Sol e são compostos principalmente por metais e rochas. Os quatro maiores planetas – Júpiter, Saturno, Urano e Netuno – encontram-se mais distantes do Sol e concentram mais massa do que os planetas telúricos, sendo também chamados de planetas gasosos.

² Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_sat%C3%A9lites_naturais_do_Sistema_Solar. Acesso em: 30 abr. 2020.

UNIVERSO EM EXPANSÃO

Discute-se a respeito do número de astros no universo. Se ele é finito ou infinito, se estaria ou não em expansão. Existem as galáxias, estrelas, planetas, cometas e o espaço sideral, ou seja, todo o espaço que não é ocupado por corpos celestes e suas eventuais atmosferas. É a porção vazia do universo, região em que predomina o vácuo. O termo também pode ser utilizado para se referir a todo espaço que transcende a atmosfera terrestre.

E quantidade de astros? Quantos são no universo? *Superinteressante*, em julho de 2018, aponta um caminho:

Se o universo é infinito, os cientistas supõem que o número de corpos celestes que o compõem deve ser igualmente infinito. Nós só podemos contar o número de estrelas que ficam na parte visível do cosmo, aquela cuja luz chega até a Terra. Para começar, isso inclui nada menos que 100 bilhões de galáxias – grandes sistemas estelares como a Via Láctea, que abrange todo o nosso Sistema Solar. “Essas galáxias podem conter de alguns milhões de estrelas, no caso das menores, a centenas de bilhões, no caso das mais luminosas”, diz o astrônomo Laerte Sodré Jr., da USP. Com uma média de 100 bilhões de estrelas por galáxia, essa estimativa alcançará a bagatela de dez sextilhões de astros! (Para ter uma ideia do que significa um sextilhão, acrescente uma fileira de 21 zeros ao algarismo um.).³

Astrônomos e físicos medem o que os seus equipamentos sofisticados permitem enxergar e saber. Mas o que eles podem provar agora não significa que seja a verdade final.

E O QUE É O NOSSO PLANETA NO UNIVERSO?

Uma micropoeira. Considerada a quantidade de astros existentes, o tamanho da nave Terra é infinitesimal. O interessante é notar em relação aos demais companheiros universais que a Terra apresenta uma condição única para a existência do nosso modelo de corpo e de vida.

³ Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quantas-estrelas-existem-no-universo/>. Acesso em: 06 mai. 2020.

Tudo o que vimos é pouco, quase nada, em comparação com o que há para ver.

Até agora, vida igual à nossa não se mostra possível nos astros já visitados pelo humano, como a Lua, ou por naves, como Marte. E todos os astros pesquisados por instrumentos atestam a incompatibilidade do nosso corpo com suas atmosferas, já que a composição da nossa parece única.

ENÓS, O QUE SEREMOS SOBRE O PLANETA?

A poeira da poeira, fisicamente, mas, pelo poder mental, acessamos a cada dia mais e mais instrumentos com os quais podemos criar, destruir, modificar, interferir, não só no próprio planeta Terra, mas também nos vizinhos, mesmo que ainda não tenhamos entendido direito a nossa futura nave-residência, porque ao embarcarmos nela vamos nos deparar com o seguinte:

- ✓ Não saberemos direito quem é o fabricante.
- ✓ Não teremos manual e deveremos descobrir sozinhos como ela funciona.
- ✓ Em vez de entendê-la, ficaremos brigando para saber quem ocupará qual espaço, quem mandará mais e quem viajará com mais conforto, ainda que o tirando do outro.
- ✓ A maioria achará que nunca desembarcará.⁴

Esses são alguns dos problemas básicos que fazem da viagem a dificuldade que é. Vamos pensar um pouco sobre ela?

PRIMEIRA POSSÍVEL CONCLUSÃO

Precisamos prestar mais atenção ao entorno, aprender a olhar para o céu, sentirmo-nos integrados ao espaço, e não ao chão da Terra, e termos consciência de que somos seres do universo. Somos todos extraterrestres, e não terráqueos. Os verdadeiros ETs somos nós mesmos. Ninguém estava

⁴ Para uma visão da nossa importância no universo, consulte a palestra do educador, filósofo e palestrante Mário Sérgio Cortella. Disponível em: <http://vimeo.com/24049930>. Acesso em: 17 nov. 2019.

aqui nem vai ficar aqui. Somos, pois, extraterrestres em viagem sem tempo certo para terminar.

Nos próximos três temas, que tratam da vida sobre o planeta, continuaremos a imaginar que estamos fazendo análises e reflexões sobre ele, olhando de fora, como se estivéssemos ainda na nave que nos trouxe até aqui e ainda não desembarcamos.

Vamos fazer de conta, por exemplo, que durante nossa gestação de nove meses nós possamos analisar onde vamos desembarcar, quem vai nos receber, qual o tipo de família com a qual vamos viver, o tipo de região planetária onde moraremos, enfim, tudo o que dirá respeito ao nosso futuro sequente como habitantes da Terra.

A partir do que foi exposto, calmamente, prepare-se para responder às perguntas que seguem.

Refleta bem sobre as questões. De preferência responda por escrito, para si mesmo, o que pensa a respeito. Se puder trocar ideias com terceiros, será muito enriquecedor.

Depois de respondido, deixe o tema amadurecer por uma semana, durante a qual vá prestando atenção nos fatos que acontecem a toda hora e que têm relação com o assunto em pauta.

REFLEXÕES SOBRE O PRIMEIRO TEMA

A viagem espacial: de onde viemos?

Imagine estar fazendo uma viagem espacial com destino à Terra; ao chegar, e antes de desembarcar da nave e ingressar no planeta, pense nas seguintes questões:

1. Eu me lembrarei com frequência de que sou um ser do universo e não da Terra, que ela é para mim um veículo no espaço e que a minha condição ali será a de passageiro?
2. E como passageiro do planeta Terra, eu me lembrarei de que posso desembarcar a qualquer momento? Estarei preparado para isso?
3. Meu relacionamento com os demais passageiros será semelhante ao que eu praticaria em uma viagem de turismo, quando todos se confraternizam, se ajudam, trocam gentilezas, ou vou entrar em conflito com eles?

4. Meu apego às coisas do planeta será o de quem acha que nunca mais vai embora?
5. Como conciliarei essa noção de transitoriedade com a necessidade de sobrevivência e a consequente luta pelo sucesso financeiro?

Guarde as respostas. Poderá conferi-las periodicamente e perceber o que mudou ao longo dos anos.

TEMA 2

O PLANETA TERRA: ONDE ESTAREMOS?

REFLEXÃO

*Muito do que é bom não custa nada.
O sol, a lua, as manhãs.
O mar, as árvores, as flores, o canto dos
pássaros, a água do regato.
Nas pequenas coisas da vida é
que estão os grandes prazeres.
Nós somos o que há de maior importância:
seres superiores.
Senhores da vida e da natureza que se
organiza harmoniosamente.
Somos a um só tempo:
temporários e atemporais;
passageiros e condutores;
história e fato.*

(Nuno Cobra, em A Semente da Vitória)

As ponderações de Nuno Cobra são as de quem tem um histórico vitorioso de lidar com pessoas e fazê-las, também, vitoriosas.

Contém verdades importantes para nos impulsionar na direção de alcançar nossos objetivos materiais e imateriais: somos passageiros e condutores; história e fato. E onde exerceremos essa capacidade? Sobre o planeta que habitaremos. Vamos em frente!

Apresento a minha segunda proposta de trabalho reflexivo:

PROPOSTA

Fazer um reconhecimento do planeta, suas principais características favoráveis e desfavoráveis à habitação, bem como quais as principais experiências que realizaremos durante a vida planetária.

No capítulo anterior, iniciamos a nossa viagem espacial e chegamos ao objetivo: a Terra. Contudo, ainda antes de desembarcar, usando sempre a nossa imaginação, vamos fazer um reconhecimento do que encontraremos?

O QUE VOCÊ ACHA QUE É A TERRA PARA O UNIVERSO?

Tomo a liberdade de apresentar minha opinião, pois, sendo essas concepções as mais variadas possíveis, a cada um cabe o direito de pensar o que é a construção universal, como bem entender. Eis a minha:

UM PARQUE DE DIVERSÕES!

O universo tem muitos mundos. Para o que será que eles servem? A ideia proposta é que cada um deles se destina a um tipo de experiência, assim como cada brinquedo de um parque de diversões nos proporciona um tipo de experimentação: subidas, quedas bruscas, sustos, velocidade etc. Os donos dos parques ficam inventando artefatos diferentes para que em cada um deles as pessoas sintam emoções diferentes. O inventor do mundo, quem quer que seja, não poderia fazer a mesma coisa?

Por hipótese, cada astro pode ter o seu formato de vida que não precisa ser igual ao nosso. Queremos encontrar no espaço novas formas de vida, e elas devem existir, mas aqui mesmo temos muitas vidas que se expressam

de forma totalmente diversa daquela com a qual estamos acostumados a reconhecer. Por exemplo, existem organismos que vivem no escuro total e não dependem do oxigênio como nós. Mas compartilham o planeta conosco.

Esse brinquedo, no qual estaremos, tem características que deveríamos reconhecer e aprender a lidar com elas, para vivenciarmos melhor a experiência terrena. Estudemos algumas.

Nascemos em algum ponto da Terra e, em geral, ficamos confinados ao espaço próximo, e, mesmo nesse espaço restrito, existem maravilhas para serem apreciadas que podem preencher várias vidas.

O cientista suíço Jean Louis Rodolphe Agassiz (Môtier, 28 de maio de 1807 – Cambridge, 14 de dezembro de 1873) foi um zoólogo, geólogo, notório pela Expedição Thayer, quando estudou as plantas, especialmente no Brasil. Ele disse: “Se eu quisesse estudar só a diversidade vegetal do que tem no quintal da minha casa a vida inteira não seria suficiente”.

É importante a reflexão do leitor sobre a nossa, em geral, indiferença para o que vai ser lembrado a seguir, que é extremamente belo, mas que na correria do dia a dia deixamos de perceber e dar valor.

Naturalmente o relato sequente é só para despertar lembranças. Há uma infinidade a mais de maravilhas, na Terra e no universo, que deveriam ser sempre valorizadas.

ÁGUA DOCE E SALGADA

Que elemento fantástico é esse que deu origem à nossa vida física, que compõe cerca de 80% do nosso corpo, que nos sustenta e alimenta, enfim, sem o qual não sobreviveríamos! O nosso planeta deveria chamar-se Água, e não Terra. E mais à frente veremos outras propriedades extraordinárias desse líquido precioso que possui características ainda pouco estudadas.

CÂNIONS, MONTANHAS, PLANÍCIES

Elevações, depressões, montanhas, planícies, grotões. É extremamente belo observar a geologia. Além das formações em relevo, se penetrarmos no subsolo, encontraremos outros elementos variadíssimos, como minerais,

petróleo, água, gases e outros componentes para serem explorados e aplicados para o conforto do homem.

DESERTOS, GELEIRAS E FLORESTAS

Regiões áridas, geladas e cobertas por vegetação formando um contraste absoluto, mas que mostram a infinidade de variáveis que encontramos em todas as regiões.

ESPÉCIES HABITANTES DO PLANETA

Identificadas com segurança são apenas algumas, mas na realidade são em número incalculável. Todas, de alguma forma, se entrelaçam e se tocam em alguma parte da escala evolutiva. Vejamos as mais conhecidas e estudadas.

MINERAIS

Nem sabemos ao certo quantos são, mas estima-se que haja cerca de quatro mil diferentes composições. O estudo notável de uma inteligência privilegiada, o russo Dmitri Mendeleiev, criador da primeira versão da tabela periódica dos elementos químicos, descortinou essa organização primorosa que envolve a constituição dos elementos fundamentais da natureza. No total, a nova Tabela Periódica possui 118 elementos químicos, sendo 92 naturais e 26 artificiais.

Tabela Periódica

Fonte: <https://www.todamateria.com.br/tabela-periodica/>

Ainda temos as composições e arranjos que produzem a riqueza dos componentes de tudo o que existe na Terra, mas... falta descobrir quantos.

VEGETAIS

O número é incalculável, mas a estimativa é de que haja cerca de 400 mil espécies de árvores, flores e frutos.

ANIMAIS

Nesse capítulo é que o homem se perde mesmo. São cerca de:

- ✓ 5 a 10 milhões de diferentes espécies de insetos
- ✓ 60 mil espécies de vertebrados
- ✓ 10 mil espécies de aves
- ✓ 5 mil espécies de mamíferos

O que é a espécie humana perante tanta diversidade? Mesmo sendo minoria no reino consegue dominá-lo e, se nada for feito para impedir, até mesmo destruí-lo.

SERES MICROSCÓPICOS

Nunca nos lembramos de que eles existem, a não ser que nos ataquem, por intermédio das doenças. São protozoários, bactérias, vírus etc., que também fazem parte da viagem e defendem seus espaços. Quantos serão? Impossível calcular. A ciência estima em trilhões.

HOMINAIS

São cerca de 160 diferentes povos com biótipos diversos, culturas, línguas, códigos morais e tantas diversidades que parece realmente impossível procederem de um único ancestral.

Até aqui observamos as coisas materiais; e os sentimentos imateriais?

Nós nos comovemos com uma infinidade de sutilezas que alcançam nossos sentidos e perante cada uma expressamos alegria, tristeza, romantismo, indiferença, sempre de acordo com o mais íntimo de cada um. Onde estará a fonte dessas emoções?

PAISAGENS

Por que nos comovemos com as paisagens? Como compreender o poder emocional que elas provocam no que temos de mais íntimo?

ARTES

Outro capítulo da vida difícil de explicar. Sua variedade é infinita. Sua capacidade de comover, idem. E a capacidade humana de criar sempre mais é extraordinária.

Tomemos a música como exemplo: com apenas sete notas se compõem milhares de ritmos, melodias, nuances infinitas, que comovem, acalmam,

agitam, dizem muito mesmo sem palavras e quando têm letra transmitem mensagens concisas, porém de grande efeito emocional. Por que será que cada música diz algo especial para cada um?

O mesmo se dá com as pinturas, esculturas, representações teatrais, filmes, danças, objetos e uma infinidade de manifestações artísticas que impressionam a cada um de forma diferente.

Pense no seguinte: um sapato tem uma superfície muito pequena, mas os fabricantes conseguem variar sua modelagem ao infinito. Acontece a mesma coisa com os relógios, os enfeites e assim por diante.

Ou seja, a capacidade mental criadora do homem é inesgotável.

CIÊNCIAS DAS VÁRIAS FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO

Campo infinito da ocupação humana. Temos tudo a desbravar. Muitas vidas serão poucas para conhecer cada campo aberto à pesquisa. Física, química, biologia, matemática, cibernética, literatura, história, geografia, astrofísica, oceanografia, engenharia, arquitetura e todas as suas derivadas são inesgotáveis campos do saber.

Desde sempre, e a cada geração, vêm habitar o planeta seres que trazem consigo conhecimentos novos que nos levam ao progresso.

ESPORTES PESSOAIS

Quantas modalidades existem para desfrutarmos ou competirmos! Grande fonte de recreação e de alegria, os esportes são um instrumento precioso para o lazer, atividade indispensável para o equilíbrio psicológico das pessoas. E, quando exercitados no sentido competitivo, têm promovido tanta superação que é difícil assegurar qual será o índice imbatível em cada modalidade.

ESPORTES DE ESPETÁCULO

Recurso extraordinário para o entretenimento humano! Desde as tribos até nossos dias, eles atraem as pessoas, agregam, promovem o esforço

e a superação. Por outro lado, têm sido motivo para a criação de eventos de rara beleza nas Olimpíadas e Copas, em que a capacidade humana de criar, produzir coletivamente e demonstrar espírito associativo tem sido demonstrada de forma notável.

Tudo isso é muito bonito. Não há como traduzir em palavras. Só mesmo sentir.

E O QUE É LIMITANTE?

Limitações físicas e mentais

Na experiência terrena, a maioria das pessoas está dotada de todas as capacidades físicas e mentais previstas para o uso do corpo humano. No entanto, uma quantidade considerável delas não dispõe dos mesmos recursos que as outras.

Não têm a capacidade plena de exercitar um dos cinco sentidos, às vezes mais de um, ou não conseguem expressar-se intelectualmente como os outros o fazem.

No entanto, no decorrer dos tempos, pessoas têm mostrado desempenho surpreendente, superando todas as limitações e buscando valorizar suas vidas com exemplos marcantes para a humanidade.

Helen Keller

Nascida no Alabama (EUA), Helen Keller provou, com seu exemplo, que as deficiências sensoriais não são capazes de impedir o sucesso. Helen Keller ficou cega e surda, desde tenra idade, devido a uma doença diagnosticada na época como febre cerebral – hoje se acredita que tenha sido escarlatina. Com muito esforço e dedicação, ela se tornou uma célebre escritora, filósofa e conferencista, personagem famosa pelo extenso trabalho que desenvolveu em favor das pessoas com deficiência.

Quando Helen tinha sete anos, começou a ter aulas com a professora Anne Sullivan, que teve papel preponderante em seu desenvolvimento e aprendizado. Anne tinha então 21 anos. Ela havia estudado na Escola Perkins para Cegos (Perkins School for the Blind), pois, quando criança, tinha sido cega, mas recuperou a visão depois de nove cirurgias. Anne morou na casa de Helen para ensiná-la e tornaram-se inseparáveis até a morte da professora, em 1936.

Com muito carinho, dedicação e perseverança, Anne Sullivan conseguiu ensinar à aluna os alfabetos Braille e Manual. Em 1904, Helen recebeu seu diploma de bacharel em filosofia pela Universidade Radcliffe, além de dominar os idiomas francês, latim e alemão.

Dorina Nowill

Dorina de Gouvêa Nowill nasceu em São Paulo, em 28 de maio de 1919 e morreu aos 91 anos, vitimada por uma parada cardíaca, em 29 de agosto de 2010. Ficou cega aos 17 anos, em virtude de uma infecção ocular. Mesmo assim, continuou os estudos e formou-se professora primária. Especializou-se nos Estados Unidos, na Universidade Columbia, como bolsista de uma fundação voltada para educação e reabilitação de cegos, onde conheceu seu marido, o advogado Edward Hubert Alexander Nowill. Ocupou importantes cargos em organizações internacionais e criou a Fundação Dorina Nowill para cegos, há mais de 60 anos, dedicada à inclusão social das pessoas com deficiência visual, por meio da produção e distribuição gratuita de livros em Braille, falados e digitais, acessíveis diretamente para pessoas com deficiência visual e para mais de 1.400 escolas, bibliotecas e organizações de todo o Brasil. A Fundação⁵ também oferece programas gratuitos de serviços especializados à pessoa com deficiência visual e sua família, nas áreas de educação especial, reabilitação, clínica de visão subnormal e empregabilidade.

Stephen Hawking

Stephen William Hawking nasceu em Oxford, na Inglaterra, em 8 de janeiro de 1942, exatamente no aniversário de 300 anos da morte de Galileu, e faleceu em 14 de março de 2018, em Cambridge, Reino Unido. Considerado o mais brilhante físico teórico desde Albert Einstein, foi responsável por contribuições fundamentais ao estudo dos buracos negros e ocupou a cadeira que foi de Isaac Newton como professor de Matemática na Universidade de Cambridge.

Sua história é marcada pela superação de limites. Em 1959, com 17 anos, entrou para a University College, em Oxford, onde estudou Física, concluindo o curso em 1962. No mesmo ano, Hawking descobriu que possuía esclerose lateral amiotrófica, uma doença degenerativa que enfraquece os músculos

⁵ Disponível em: www.fundacaodorina.org.br. Acesso em: 18 nov. 2019.

do corpo. Mesmo doente, continuou estudando até se tornar Ph.D. em cosmologia pelo Trinity Hall, em Cambridge, em 1966.

Em 1970, Hawking iniciou o trabalho sobre os buracos negros. Como resultado de sua pesquisa, descobriu que buracos negros emitem radiação. Em 1979, assumiu a posição de professor e retornou, durante os anos 1980, a um interesse antigo sobre as origens do universo e como a mecânica quântica pode afetar o destino.

Em 1985, enfrentou uma pneumonia e passou a necessitar de cuidados constantes. Ainda jovem, ficou imobilizado em uma cadeira de rodas e comunicava-se por um sintetizador de voz. Foi coautor de muitas publicações, como *300 Years of Gravity* e *The Large Scale Structure of Space-time*, e autor de obras consagradas como *Uma Breve História do Tempo* (1988), *Buracos Negros, Universos Bebês e Outros Ensaio*s (1993) e *O Universo Numa Casca de Noz*, lançado no Brasil em 2001.

Enquanto procurava juntar as pontas entre as teorias da relatividade e da mecânica quântica, o físico inglês afirmava que a simbiose entre o orgânico e a máquina aconteceria em breve.

João Carlos Martins

João Carlos Gandra da Silva Martins nasceu em São Paulo, em 25 de junho de 1940. É pianista e maestro brasileiro. Aos oito anos venceu um concurso de obras de Bach. Seus primeiros concertos atraíram a atenção de toda a crítica especializada mundial. O pianista, no entanto, viu-se diversas vezes privado de seu contato com o instrumento. Primeiro, perdeu o movimento da mão direita em decorrência de um acidente em um jogo de futebol em Nova Iorque. Fez vários tratamentos e recuperou parte dos movimentos da mão, mas desenvolveu uma rara doença – Contratura de Dupuytren –, que o impediu mais uma vez de tocar. Dessa vez, acreditou que seria para sempre. Vendeu seus pianos e tornou-se treinador de boxe. Mas sua incontrolável paixão o fez retornar, e realizou grandes concertos. Criou um estilo único de tocar, usando a mão esquerda em suas peças, e obteve extremo sucesso com essa atitude. Ao realizar um concerto em Sofia, na Bulgária, um golpe na cabeça em um assalto fez com que perdesse mais uma vez parte do movimento das mãos. Ao se esforçar, sofria dores intensas, principalmente na mão esquerda. Novamente pensou que nunca mais voltaria a tocar. Mas, em 2003, ele sonhou com o maestro Eleazar de Carvalho oferecendo-se para ensiná-lo a reger. Em maio de 2004, regeu uma das maiores orquestras de câmara do mundo, a English Chamber Orchestra,

em Londres. Incapaz de segurar a batuta e virar as páginas das partituras nos concertos, o maestro faz um trabalho minucioso de memorizar nota por nota, demonstrando ainda mais seu perfeccionismo e dedicação à música. Ele também desenvolve um programa de introdução à música com jovens carentes, por intermédio da orquestra Bachiana Filarmônica Sesi-SP, que costuma tocar obras clássicas dos compositores Bach, Beethoven, Brahms, Ennio Morricone e Astor Piazzolla em comunidades carentes da capital paulista, como Paraisópolis e Ermelino Matarazzo, e em cidades com menos de 10 mil habitantes.

Em entrevista concedida em 2010, ele declarou:

Tenho que agradecer a Deus por estar fazendo música até o final da minha vida, mesmo com tantas adversidades que eu tive. E também agradeço a Deus por ser brasileiro porque cada vez me sinto mais motivado. Hoje, com o que Deus me deu de sorte e conseguindo fazer com que a música clássica atingisse todos os segmentos da sociedade, quero aproveitar mais ainda esse momento em benefício da música e da sua contribuição para diminuir a criminalidade, como estou fazendo em favelas de São Paulo, e quero fazer nacionalmente. Como meu pai viveu até 102 anos e eu estou só com 70, tenho uns 30 anos ainda pela frente, dá pra fazer muita coisa.

PARATLETAS

Os Jogos Paralímpicos são o maior evento esportivo mundial envolvendo pessoas com deficiência que nos dão incríveis exemplos de superação por atletas com deficiências físicas (de mobilidade, amputações, cegueira ou paralisia cerebral). Realizados pela primeira vez em 1960 em Roma, Itália, em 1976 já contavam com a participação de 40 países. Os Jogos de Seul, em 1988, representam um marco para o evento, já que pela primeira vez os comitês organizadores dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos trabalharam juntos. O apoio do Comitê Olímpico Internacional proporcionou a fundação, em 1989, do Comitê Paralímpico Internacional. Desde então os dois órgãos desenvolvem ações conjuntas. Ao longo da história, diversos atletas com deficiência física participaram de edições dos Jogos Olímpicos, tendo conseguido resultados expressivos. O Brasil estreou em 1976 e conquistou sua primeira medalha na edição seguinte. Em 2008, pela primeira vez encerrou uma edição entre os dez primeiros no quadro de

medalhas, ficando em nono lugar com 47 medalhas. Em 2016, esse número quase dobrou, chegando a 72 medalhas no total.

Esses são só alguns exemplos da superação humana, mas a história está repleta de consciências que têm provado que as limitações do corpo físico podem ser superadas pela força de vontade do campo mental.

CATÁSTROFES NATURAIS

Terremotos, maremotos, tempestades, vendavais, tufões, deslizamentos, vulcões, raios, trovões.

A construção planetária deu-se de tal modo que ainda continua geologicamente instável, provocando eventos pequenos para a sua superfície, mas destruidores para os minúsculos seres que estão sobre ela.

O mesmo se dá com as variações climáticas: viajamos no universo e sofremos influência direta, já reconhecida, do Sol, da Lua e de outros fenômenos como o *El Niño*. Mas, por estarmos inseridos em uma teia de astros, provavelmente, também somos influenciados por outros corpos celestes que ainda não chegamos a reconhecer.

E o que vamos encontrar, feito pelos que estiveram ali anteriormente?

PRÉDIOS, CASAS, CASTELOS, IGREJAS, MONUMENTOS

Ao desembarcar na Terra encontraremos tudo o que nossos antepassados já deixaram: povoados, vilas, cidades, metrópoles, estradas, pontes, ferrovias, edifícios, casas, estádios, monumentos. Também observaremos a trajetória evolutiva dos seres, pois, a cada geração, mais conhecimentos e técnicas foram acrescentados, e hoje podemos construir o que parecia impossível anteriormente.

CONSTRUÇÕES MISTERIOSAS

Um número grande dessas obras já foi descoberto, mas com certeza ainda falta muito a descobrir. Quem será que fez tudo isso? Habitantes

como nós, ou meros viajantes que deixaram suas marcas e que até hoje não soubemos interpretar?

Exemplos: os Moais, na Ilha de Páscoa, no Chile, as pirâmides do Egito, entre outros.

Moai é o nome que designa as mais de 887 gigantescas estátuas de pedra, construídas por volta dos anos de 1.200 a 1.500 pelo povo Rapanui. Suas cabeças ostentam *pukaos*, cilindros de pedra vermelha pesando até doze toneladas. Em sua maioria, medem entre 4,5 e 6 metros de comprimento e pesam entre 1 e 27 toneladas. A maior delas, entretanto, tem mais de 20 metros de altura.

As pirâmides do Egito, conhecidas como pirâmides de Gizé, Guizé ou Guiza, ocupam a primeira posição na lista das sete maravilhas do mundo antigo.

A grande diferença delas em relação às outras maravilhas do mundo é que ainda persistem, resistindo ao tempo e às intempéries da natureza, encontrando-se em relativo bom estado e, por este motivo, não necessitam de historiadores ou poetas para serem conhecidas, já que podem ser visitadas.

As teorias inventadas nos últimos séculos para explicar a construção das pirâmides sofrem todas de um problema comum: o desconhecimento da ciência egípcia do Antigo Império. A teoria que melhor explica a construção das pirâmides sem contradições logísticas e sem invocar elementos extraterrenos é a química, mais exatamente um ramo dela, a geopolimerização.

Os blocos foram produzidos a partir de calcário dolomítico, material facilmente agregado no local misturado a compostos comuns à época, como cal, salitre e areia. Toda a massa dos blocos foi transportada por homens carregando cestos da massa, posta a secar em moldes de madeira. O esforço humano, nesse caso, seria muito menor e o assentamento dos blocos, perfeito.

Através dos séculos, a humanidade, ignorando as implicações solidárias que nos governam, ou seja, temos que tratar bem para sermos bem tratados, foi agredindo o planeta para retirar o máximo que ele pode oferecer. Só que os bens se esgotam, a água acaba e o ar envenena-se. Somam-se as guerras, absurdos humanos com danos incalculáveis e as agressões interpessoais por rivalidades e criminalidades.

Mas é pena que nem tudo é bonito no planeta. Além das ocorrências naturais que nos atingem, temos que conviver com a falta de entendimento de grande número de habitantes que não sabem preservá-lo.

E AS COISAS NEGATIVAS QUE OS HABITANTES ATUAIS FAZEM COM O PLANETA?

Desgraças provocadas pelo homem

Hoje há um grande grito planetário pela conservação do nosso mundo. Isso é entusiasmante, ainda que as iniciativas de preservação sejam sabotadas pelos interesses financeiros. Mas o planeta sempre foi assim: do pior para o melhor. Uma vez iniciada a onda, dificilmente será revertida. Podemos ter confiança que os objetivos serão alcançados. Demora, mas chega-se lá. Vamos fazer a nossa parte.

Além das responsabilidades do homem quanto às agressões que pratica contra o seu *habitat* e o seu parceiro de viagem, o planeta em si mesmo, pela sua conformação, promove periodicamente acomodações que geram abalos incontrolláveis de consequências imprevisíveis. Nessas circunstâncias cabe ao homem estudar com afinco, e ele tem feito, como amenizar os efeitos catastróficos desses eventos. Afinal, tudo é aprendido.

É tudo grandioso, mas nos esquecemos da nossa realidade de pequeninos seres e vivemos como se fôssemos nós os gigantes e a Terra um pigmeu que manobramos ao nosso sabor.

Agora vamos mudar o foco e refletir sobre três outros aspectos fundamentais da vida planetária.

Dinheiro

Criado pelo homem artificialmente, embora não sendo concreto em si mesmo, assumiu posição absoluta de comando das vidas e é um dos principais geradores atuais da experiência humana na Terra.

Ao desembarcar no planeta estaremos nos obrigando a aprender a mexer com esse utilitário.

Está presente em todos os lugares e restam pouquíssimos agrupamentos que ainda vivem um tipo de vida tribal que prescinde desse instrumento.

Observa-se que nessas comunidades a vida é desfrutada com muita alegria, há várias festas e comemorações, como por exemplo nas tribos do Xingu, onde a propriedade é comunitária, os filhos e anciãos são responsabilidade de todos, ninguém manda em ninguém, mas todos se entendem.

Não há governos sustentados pelas massas, nem cobradores de impostos, nem fiscais e muito menos políticas e políticos que mais enganam do que governam.

Um dia voltaremos a esse estágio?

Enquanto isso, vamos pensando sobre o dinheiro.

Diz Jacob Needleman, professor de filosofia na Universidade Estadual de São Francisco, em seu livro *O Dinheiro e seu Significado na Vida*:

(...) como instrumento que ampliava a transmissão de ajuda material entre os seres humanos – e, portanto, a abrangência do amor humano – consideravam-no uma invenção inspirada. Mas como o mundo moderno tem descoberto acerca de todas as invenções engenhosas, tratava-se, na verdade, de uma faca de dois gumes.

E diz John Kenneth Galbraith, economista, filósofo e escritor norte-americano:

O capitalismo moderno baseia-se na produção de mais e mais bens que, por sua vez, não respondem a nenhuma necessidade humana natural. O nosso sistema econômico inventa os desejos que ele mesmo satisfaz (...)

(...) encontrarmos a chave para o lugar que o dinheiro pode – e deve – ocupar em nossas vidas (...)

(...) o dinheiro deve tornar-se um instrumento da procura do autoconhecimento. Temos que usar o dinheiro a fim de estudar a nós mesmos, como somos e o que podemos nos tornar (...)

(...) Homem! Sua vida na Terra é dedicada a quê? Fabricar, comercializar, investir? Homem! Dotado de um poder mental que o levou a conceber e pensar racionalmente toda a essência da criação e da ordem de Deus, capaz de trabalhar para se apropriar das leis da vida e da matéria, que é chamado para deliberar e participar da essência da própria divindade, e, no entanto, usa seus poderes mentais específicos de ser humano para o objetivo último de juntar dinheiro.

Essas constatações são de grande impacto. Deveríamos todos aprender a lidar com o dinheiro e seus envolvimento, como se aprendem as demais lições da escola.

Henri Ford diz em *Princípios da Prosperidade*, no capítulo “Dinheiro, Senhor ou Escravo?” do livro *O Poder do Dinheiro*, de Martin Claret:

O dinheiro é o que há de simples. É um método direto e singelo de transferir bens de um indivíduo para outro. É uma coisa admirável em si, essencial, nada encerrando de mal. É uma das criações mais úteis da humanidade. Quando desempenha bem o seu papel só traz benefícios e nenhuma perturbação.

Refletir sobre o dinheiro é assunto inesgotável, porém neste estudo não nos cabe aprofundar o tema, mas discutir o quanto ele influencia a vida planetária. Hoje, e cada dia mais, enquanto a humanidade não se alertar para o problema, ele vem dominando totalmente a razão de viver, interferindo nos relacionamentos e produzindo uma gama infinita de infelicidades, seja pela falta, seja pelo excesso.

Desde que começa a estudar, a criança é acompanhada pelo estímulo de que deve fazê-lo para ganhar dinheiro. Ter uma profissão é essencial para um bom ganho. As famílias, em geral, põem foco no sucesso profissional como sendo a realização da vida. E essa busca, quando mal conduzida, resulta no que vemos: competição extremada, infelicidade por não alcançar o desejado, frustrações psicológicas que tiram o prazer de viver, bem como pessoas se justificando por tentar obter o dinheiro por meios escusos, seja na política, nos negócios, na criminalidade. Quando e como a humanidade será capaz de equilibrar essa situação? O dinheiro é bom e necessário. Mas quanto? Mais alguns milênios de civilização poderão responder...

Sexualidade

Observando-se os outros reinos da natureza, o sexo tem a finalidade, aparentemente exclusiva, de reprodução e nada tem a ver com moral.

No entanto, no humano, temos a dualidade de reprodução e prazer, o que implica questionamentos que se arrastam pelos séculos. Tomamos conhecimento, pela história, de ciclos de excessivo rigor moral e outros de excessiva permissividade.

Encontrar o ponto de equilíbrio é o grande desafio para aqueles que queiram estar bem com essa prática, fugindo dos extremos do puritanismo e da liberalidade, e das inúmeras desgraças que nos assolam em razão de não conseguirmos, ainda, entender como nos situar bem nesse campo.

A sexualidade e o dinheiro são as molas propulsoras do relacionamento humano. Ambos, no formato em que estão sendo tratados atualmente, são irreais e fantasiosos, e podem gerar criminalidade, infelicidade, desencanto para com a possibilidade de uma vida bonita e prazerosa. Os padrões de comportamento sexual adotados no mundo, na maioria absoluta das culturas, não correspondem à realidade da natureza que pode ser vista nos povos mais primitivos, onde não há, ainda, filtros sociais inibidores da naturalidade.

Poder

Escreve Martin Claret, em seu livro *O Poder do Dinheiro*:

Poder é uma palavra incrivelmente emocional. Diante dela são infinitas nossas reações. Cada um tem um conceito pessoal da palavra poder. Para muitas pessoas ela tem uma conotação negativa. Outras, explícita ou secretamente, cobiçam o poder. Os mais ortodoxos suspeitam do poder. Cada um tem uma definição própria para o vocábulo poder.

Ao ampliar o conceito, podemos refletir que todos temos, desde pequenos, poderes até absolutos. Uma criança tem o poder de chorar para obter o que deseja, um menino o de cativar os pais para ganhar presente, um adolescente o de conquistar a namorada, o emprego e assim por diante. Temos o poder de subjugar a casa onde moramos ou de fazê-la um lar feliz. Podemos conquistar fortunas empresariais, o comando de um cartel, e até uma nação inteira e modificar o mundo. Cada um, no seu universo particular, desenvolve poderes, micros e macros, que são a marca do seu comportamento, positivo ou negativo e que ficará registrado na sua história.

E tudo isso nos leva à condição essencial para permanecermos no corpo físico: saúde.

Não adianta dinheiro, sexo, poder e outras facilidades materiais se não tivermos saúde. A humanidade, como em todas as demais áreas, vai aprendendo, pouco a pouco, a cuidar melhor do seu corpo físico. Embora a vida moderna promova a ingestão de muito alimento não saudável, de alguma forma, vive-se mais e melhor, tendo aumentado muito o índice de longevidade das populações.

Enfim, portando-se como um extraterrestre que fez um reconhecimento do planeta e de tudo o que o habita, a que conclusão você chegaria?

SEGUNDA POSSÍVEL CONCLUSÃO

A vida na Terra tem muitas variáveis. Desde uma vida fácil e agradável até outra repleta de dificuldades, sejam de ordens físicas, financeiras ou psicológicas. A administração dessas variáveis depende quase que exclusivamente da postura mental com que encaramos cada facilidade ou adversidade.

REFLEXÕES SOBRE O SEGUNDO TEMA

O planeta Terra: onde estaremos?

1. Como você vê, neste momento, a vida no planeta? Mais fácil ou mais difícil do que já foi?
Pense bem. Lembre-se, por exemplo, que há pouco mais de 100 anos ainda havia escravidão.
Responda separadamente sobre os vários setores do viver, como por exemplo: família, saúde, educação, liberdades individuais, sexualidade, trabalho. Melhoraram ou não?
2. Para você, a sua vida sobre a Terra poderia ter sido diferente do que foi até agora? O que você modificaria?
3. Qual sua disposição para colaborar em atividades não remuneradas que gerem benefícios para terceiros ou para o planeta em geral?
4. Você se engajaria na administração do pedaço do planeta que vai habitar? Para fazer o quê?
5. Você acredita que, no planeta, terá domínio sobre as situações que se apresentarão para serem vivenciadas? Ou acredita que há forças externas ao ambiente local que interferem nas escolhas que faremos?

TEMA 3

O VEÍCULO PLANETÁRIO: COMO VIVEREMOS?

REFLEXÃO

A ignorância produz confiança com mais frequência do que o conhecimento: são os que sabem pouco, e não os que sabem muito, que tão categoricamente insistem que este ou aquele problema nunca será solucionado pela ciência.

(Charles Darwin)

PROPOSTA

Reconhecer o corpo como uma construção primorosa, disponibilizada para que o usemos com cuidado e responsabilidade.

Uma vez vistos os vários e interessantes aspectos do planeta onde vamos estar durante um tempo imprevisível, vamos embarcar nele, mas para isso precisamos de um traje especial. Parece que cada orbe requer uma vestimenta adequada.

Ainda é muito cedo; o homem mal iniciou suas viagens espaciais; são só cerca de 60 anos, e até agora o que vimos é quase nada perto do que viremos a conhecer, mas já sabemos que para estar em outro astro, como a Lua, precisamos de um traje especial, adequado às condições climáticas locais.

No caso do planeta Terra, qual é o traje que usaremos?

O CORPO FÍSICO

Nós, consciências, receberemos esse traje para usarmos enquanto ali estivermos e teremos que administrá-lo com certos cuidados para que ele nos sirva bem durante nossa estada no planeta.

Alguns terão trajes formidáveis, capazes de realizar proezas que serão admiradas e aplaudidas pelos demais. Grandes figuras dos esportes usarão seus corpos atleticamente bem desenvolvidos para dar espetáculos vistos por multidões e receberão todas as homenagens e aplausos, assim como, entre outros, bailarinos, trapezistas e malabaristas.

Outros, porém, terão de fazer suas experiências terrenas com corpos menos aptos a desenvolver as atividades humanas normais, e deverão superar-se para desfrutar a sua viagem.

É sempre espantoso refletir sobre a capacidade motora dos corpos. Que mecanismos regem toda essa movimentação? Não costumamos pensar sobre isso. Apenas usamos o corpo e pronto.

Quando temos um carro, ou, ainda, se compramos um novo, dispensamos a ele as maiores atenções e cuidados. Queremos que ele dure e que nos sirva com o menor número de aborrecimentos. Fazemos as revisões e seguimos as recomendações do fabricante.

Por que, em grande parte, não tratamos o corpo do mesmo jeito? Somos dados a submetê-lo à ingestão de agentes nocivos, como álcool, fumo, poluição, alimentos não saudáveis, esforços acima da tolerância e uma infinidade de agressões que são visivelmente contrárias à sua constituição. Depois, reclamamos das doenças e temos que manter uma estrutura médica gigantesca para compensar tantos descuidos.

Vamos refletir sobre a construção corporal?

ANATOMIA

Estrutura admirável que está apta a se sustentar com os nutrientes terrenos, dos quais retira sua autopreservação. Só essa análise também merece um livro inteiro.

Ao desembarcar na Terra, nada levaremos, já que nela existe tudo o que precisaremos para sobreviver. E se sairmos dela para outro destino, precisaremos de um novo traje para usar. Mas, no caso da nossa ida à Terra como consciências, já teremos à nossa espera um traje perfeitamente adequado

a esse orbe onde estaremos durante algum tempo. E como se formou este primeiro traje?

Temos que fazer a eterna pergunta: quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha? Quem produziu o primeiro corpo, do homem, da mulher, para a reprodução da espécie? E daí para frente? O que quer que seja que o criou, poderia continuar criando os demais corpos, mas parou e delegou a criação para nós mesmos? Como entender?

ISSO NEGA A EVOLUÇÃO?

Essa discussão também é interminável. Mas um fato é indiscutível. De alguma forma, houve a primeira criação – o ovo ou a galinha. E depois? A humanidade sobreviveu, apesar das condições inóspitas. O bebê humano é muito frágil. Os primeiros pais não saberiam como cuidar deles. Não sabiam cortar o cordão umbilical, nem como alimentá-los. Parece que tiveram que nascer sabendo.

Sem nos aprofundarmos na discussão sobre os primeiros corpos, pensemos naquilo que conhecemos: como são formados os corpos atualmente.

FECUNDAÇÃO

O processo é fascinante. Como um espermatozoide, entre milhões, consegue fecundar o óvulo, o zigoto multiplica-se e da única célula formam-se todas as demais? Como aquela única célula primitiva já contém todos os inumeráveis componentes do corpo?

Sabemos que o corpo humano é formado por oxigênio, nitrogênio, hidrogênio e carbono, acrescido de água e ainda outros elementos, cada um na medida certa, formando uma equilibrada combinação metabólica. “Mas, cuidado: se faltar algum item nesta receita, a mistura pode desandar”, nos alerta a revista *Superinteressante*:

Olhando, ninguém diz, mas 60% do nosso corpo é oxigênio. Se adicionarmos carbono, hidrogênio e nitrogênio, temos 95% da massa total do ser humano, que inclui os 42 litros de água que circulam em um organismo adulto. São os átomos desses quatro elementos combinados

que formam as moléculas de proteína, gordura e carboidrato, os tijolos que constroem todos os nossos tecidos.⁶

Há ainda outros elementos químicos, os 5% restantes, que não apenas completam o nosso corpo como exercem funções vitais, que vão desde a respiração e a produção de energia até a eliminação de radicais livres, moléculas nocivas que a ciência identifica como causadoras de alguns males no organismo, como o envelhecimento, por exemplo.

É um pouco difícil imaginar que isso possa ser por acaso, não?

Já se deu ao trabalho de examinar minuciosamente todas as estruturas de que é feito o corpo?

Ossos, pele, rins, bexiga, estômago, coração, pulmão, cabelos, unhas, cartilagens, músculos, dentes, nervos, intestinos etc., cada qual com suas características particulares.

E esses elementos formam vários sistemas, cada um com sua estrutura e função: digestório, respiratório, circulatório, nervoso, muscular, urinário, reprodutor ou sexual e ósseo ou esquelético.

Muitos outros componentes existem, mas não é o caso de esmiuçarmos o assunto aqui. Basta que nos maravilhemos com o veículo terreno que temos à disposição.

Nosso corpo é, sem dúvida, uma máquina extraordinária, comandada pelo cérebro.

E, pense bem: cada elemento constituinte do que temos na Terra, desde os átomos até nossos corpos, tem suas estruturas milimetricamente montadas para funcionar com eficácia.

RENOVAÇÃO DAS CÉLULAS

As células, conforme já provou a ciência, renovam-se constantemente. Reproduzimos informações publicadas no site Megacurioso:

Você já parou para pensar no quanto as células que compõem o nosso organismo trabalham ao longo de nossas vidas? Os cabelos, assim como as unhas, nunca param de crescer, a nossa pele escama, vamos

⁶ Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/a-formula-do-corpo/>. Acesso em: 07 mai. 2020.

perdendo a memória, os ossos vão se tornando gradativamente mais fracos etc. No entanto, apesar de envelhecermos, as nossas células se mantêm em um constante ciclo de renovação.

De acordo com o pessoal do *how stuff works*, pesquisas realizadas nos anos 50 demonstraram que, em média, 98% dos átomos presentes no interior das moléculas que compõem as células do corpo humano são renovados anualmente através do ar que respiramos, dos alimentos que ingerimos e dos líquidos que consumimos.

Alguns anos depois, outro estudo, baseado na medição do carbono-14 no organismo – absorvido do ar pelas plantas que consumimos e, portanto, presente em nosso DNA –, demonstrou que as células também se renovam periodicamente. Isso ocorre por meio de um ciclo constante no qual as células vão envelhecendo e morrendo, sendo substituídas por outras novas.

No entanto, embora o corpo passe por uma “recauchutagem celular” da cabeça aos pés em intervalos que variam entre 7 e 10 anos, vale lembrar que as células de diferentes órgãos e tecidos se renovam com ritmos diferentes, dependendo do quanto cada uma precisa trabalhar para desempenhar suas funções (...)

(...)

Bem, tudo isso sem falar que também contamos com algumas células que não sofrem renovação ao longo de nossas vidas, como é o caso dos neurônios que compõem o córtex cerebral. Essa área é responsável por comandar funções relacionadas com memória, linguagem, pensamentos e consciência, e é por conta de seu envelhecimento que vão surgindo problemas degenerativos como a demência, por exemplo.⁷

Nada é ao acaso e tudo se inter-relaciona.

MAS, QUEM COMANDA O CÉREBRO?

Essa pergunta não tem resposta em nenhum tratado de medicina.

É incrível que depois de tantos anos de estudos, de descobertas que aumentaram significativamente a qualidade da vida do homem, dos animais e até das plantas, esse aspecto ainda não tenha sido aprofundado por aqueles

⁷ Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/corpo-humano/44648-e-verdade-que-as-celulas-do-corpo-humano-se-renovam-a-cada-7-anos.htm>. Acesso em: 07 mai. 2020.

que lidam com isso diariamente. Parece que a lógica nos leva a aceitar que a compreensão desse mecanismo de comando tem que estar fora do corpo.

Diz Fritjof Capra, em *A Teia da Vida*:

Sabemos hoje que, em sua maior parte, os organismos não são apenas membros de comunidades ecológicas, mas também são, eles mesmos, complexos ecossistemas contendo uma multidão de organismos menores, dotados de uma considerável autonomia, e que, não obstante, estão harmoniosamente integrados no funcionamento do todo.

E DE QUANTOS MODELOS DE CORPOS DISPOMOS?

Divididos em três ramos principais pela cor da pele: amarelos, brancos ou pretos que podem ser magros, gordos, baixinhos, médios, altos, altíssimos.

Também as etnias diversificam os corpos por caracteres distintos que nos permitem identificar, em muitos casos, a nacionalidade do dono do corpo pelo seu aspecto.

Todos têm um formato próprio, menos os gêmeos univitelinos que são idênticos e os sócias que são parecidos, variando ao infinito.

Cada um que vai habitar o planeta tem uma infinidade de modelos de veículos planetários (corpos) para escolher. Muito mais do que os fabricantes de automóveis podem oferecer para seus clientes.

Qual modelo você escolheu?

Está satisfeito?

Por que será que foi esse?

A MENSAGEM DA ÁGUA

Uma pesquisa curiosa levada a efeito por um cientista japonês já desencarnado, Masaro Emoto, relatada em seu livro *Messages from Water*, traz importantes revelações. O que ele fez? Congelou água de diversas origens: rios, fontes, lagos, represas, e submeteu os cristais de gelo formados à análise no microscópio eletrônico. Para grande surpresa, o que se viu encantou, emocionou e chamou a atenção para uma nova e sensacional descoberta:

a água reage à influência externa desses locais, positiva ou negativamente, bem como aos sentimentos de quem opera com ela.

Infelizmente suas pesquisas não foram completadas e há controvérsias em torno delas, mas as portas para seu futuro desenvolvimento estão abertas.

O corpo, sendo composto de quase 60% de água, receberia as mesmas influências energéticas que teriam sido detectadas por essas pesquisas. Portanto, podemos antever que esses estudos poderão evidenciar os efeitos positivos e negativos das energias mentais e ecológicas sobre o corpo.

COMO É O CORPO ENERGETICAMENTE?

Uma verdadeira usina. Provavelmente, por ser constituído de átomos em movimento, ou por outras razões ainda a serem estudadas, o corpo gera um campo eletromagnético, fenômeno que começou a ser percebido e desvendado pelo método de fotografia descoberto pelo padre brasileiro Landell de Moura, em 1904.

Sob a designação de *O Perianto*, ele descrevia minuciosamente os efeitos eletroluminescentes do que muitos acreditam ser a aura humana.

Roberto Landell de Moura (*Porto Alegre, 21 de janeiro de 1861 – Porto Alegre, 30 de junho de 1928*) foi um padre católico e inventor. Ele não pôde seguir adiante em suas pesquisas, interrompendo-as em 1912, por questões doutrinárias da Igreja Católica.

É considerado um dos vários pais do rádio, no caso o pai brasileiro do rádio. Foi pioneiro na transmissão da voz humana sem fio – radioemissão e telefonia por rádio – antes mesmo que outros inventores, como o canadense Reginald Fessenden, em dezembro de 1900. Guglielmo Marconi, que se notabilizou pela transmissão de sinais de telegrafia por rádio, só transmitiu a voz humana em 1914.

Pelo seu pioneirismo, o padre Landell é o patrono dos radioamadores do Brasil. A Fundação Educacional Padre Landell de Moura foi assim batizada em sua homenagem, assim como o CPqD (Centro de Pesquisas e Desenvolvimento), criado pela Telebras em 1976.

FOTO KIRLIAN OU KIRLIANGRAFIA

É o método de fotografia em que, se um objeto é colocado sobre uma placa fotográfica conectada a certa voltagem, uma imagem é projetada na placa.

O trabalho envolveu várias técnicas do fenômeno de eletrofotografia. Na física, este processo foi explorado similarmente pela xerografia por volta de 1777, pelo cientista alemão Georg Christoph Lichtenberg. Estudos posteriores incluem Nikola Tesla e muitos outros, que exploraram o efeito eletrográfico nos séculos 19 e 20.

Em 1939, a técnica de eletroluminescência foi redescoberta acidentalmente pelo russo Semyon Davidovich Kirlian, na União Soviética. O resultado da foto Kirlian ou Kirliangrafia é o aparecimento de um halo luminoso em torno dos objetos, sejam eles orgânicos ou inorgânicos.

Ao trabalhar com eletricidade, Kirlian notou que, ao criar um campo elétrico entre uma chapa fotográfica e o objeto, ficava impresso nela o campo eletromagnético gerado pela energia que acompanha cada construção material. Assim, viu que corpos animais têm esse campo, bem como objetos metálicos, plantas e sementes. Por outro lado, percebeu que, no caso de objetos vivos, o estado de saúde deles influenciava a coloração da foto. Daí, passou a se dedicar à pesquisa de sementes, a fim de só plantar aquelas que fossem saudáveis, mas faleceu sem que esses resultados viessem a ser aproveitados para o progresso humano.

Como consequência do interesse despertado pela descoberta, há atualmente publicações científicas internacionais sobre o assunto, inclusive sobre diagnóstico de doenças, como o câncer.

O uso da fotografia Kirlian foi aprovado em 1999 pelo Ministério da Saúde da Federação Russa para uso como ferramenta auxiliar de diagnóstico médico. Estudo realizado na Universidade Governamental de Medicina de São Petersburgo sugere alterações significativas no padrão observado na bioeletrografia em portadores de asma antes e após tratamento, e correlação com o estado emocional.

Numa visão mística, alguns entusiastas religiosos alegam que as imagens do halo registrado nas fotos correspondem à aura, ainda que esse registro também ocorra com objetos, ferramentas ou pedras. A hipótese de o fenômeno registrado ser realmente a aura dos objetos fotografados é atualmente desacreditada em praticamente todos os meios, salvo em alguns círculos místicos que ignoram as evidências contra tal explicação.

Outrossim, muitas pessoas passaram a dispor das máquinas que tiram as chamadas fotos Kirlian, pois sua construção é bem simples.

TERMOGRAFIA

Há hoje em dia uma técnica de fotografar, não os objetos conforme nossos olhos os veem, mas o calor que produzem. Tudo o que existe materialmente é fruto da aglutinação de átomos, células, moléculas e outras partes que acabam produzindo calor. Em todos os reinos da natureza encontramos calor produzido pelos objetos e ao fotografá-los podemos interpretar se esse calor é natural, saudável, ou se indica alguma anomalia.

A técnica é usada hoje em missões de guerra para visualizar a movimentação de inimigos à noite e até mesmo atletas já foram mostrados durante os jogos por intermédio dela. Pode-se fotografar, pela termografia, a parede de uma represa e, se ela estiver rachada, isso será revelado pelo calor emitido em função do esforço anormal que está sendo produzido pela própria parede para não desmoronar. Uma peça metálica apresenta o mesmo comportamento.

No caso do corpo animal ou hominal, a presença de um tumor no corpo se apresentará numa coloração avermelhada, denunciando a existência de calor excessivo no local. Hoje a ciência trabalha para entender melhor o que aparece nas imagens. Em curto espaço de tempo, poderemos prever o uso mais continuado desse recurso, principalmente na área médica.

E como explicar certas características que encontramos no corpo?

IDENTIFICAÇÕES

Digitais

Um tópico dos mais complexos da construção corporal é sem dúvida o estudo das impressões digitais. De onde elas surgiram?

É um sistema que desbanca qualquer suposição de acaso, processo evolutivo ou qualquer outra teoria que não seja a de uma inteligência primorosa dedicada em identificar cada corpo com 20 diferentes marcas por meio de uma tecnologia espantosa e definitivamente sábia. Cada dedo, das mãos e dos pés, tem sua própria identificação. Para completar o trabalho e

não deixar dúvida da intenção de quem o fez, nem mesmo as digitais dos gêmeos univitelinos são iguais.

Olhe para seus dedos. Veja as marcas que estão neles. Pense neste fato: são únicas; não há outra pessoa na Terra com marcas iguais. É uma riqueza que nos passa despercebida, mas que nos coloca nesta situação privilegiada: somos únicos, mas também únicos em responsabilidade pelos nossos atos.

De nossa parte, depois de pensar muito sobre isso, formulamos uma pergunta: serão as nossas digitais a marca do fabricante? Se as indústrias de carros, por exemplo, empenham-se em identificar seus produtos com marcas codificadas e espalhadas pela carroceria, chassi, vidros e outros inúmeros locais, por que o fabricante dos nossos corpos não poderia fazer o mesmo?

Íris

Há pouco tempo constatou-se que as nossas íris e retina também são individualizadas. A esse respeito, reproduzimos trecho de artigo publicado no site de curiosidades sob o título “Leitura biométrica de íris e retina”:

A grande tendência em reconhecimento e certificação de identidades é o uso de tecnologias para a leitura biométrica da íris e da retina, duas informações que são únicas em cada ser humano e que não podem ser fraudadas. As máquinas que fazem esse tipo de leitura conseguem reproduzir imagens dos olhos em altíssima resolução e comparam as informações com um amplo banco de dados.

A leitura da retina analisa os vasos sanguíneos que irrigam o fundo do olho. Já a identificação pela íris examina os anéis coloridos que estão localizados ao redor das pupilas (...)

Foi possível, então, criar dispositivos de segurança, já bem disseminados, que identificam facilmente as pessoas.

Atualmente a possibilidade de reconhecimento por íris existe em diversos aparelhos celulares, desbloqueando-os e aumentando a praticidade de utilização e segurança.⁸

O que pensar desses sistemas de identificação? Que outros ainda virão a ser descobertos?

⁸ Disponível em: <https://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/leitura-biometrica-de-iris-e-retina.html>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Projeto Genoma Humano (PGH)

Um grande esforço internacional foi feito para mapear o genoma humano e identificar todos os elementos que o compõem. Após iniciativa dos institutos de saúde dos Estados Unidos, centenas de laboratórios de todo o mundo se uniram à tarefa de sequenciar, um a um, os genes que codificam as proteínas do corpo humano e também aquelas sequências de DNA que não são genes. Laboratórios de países em desenvolvimento também participaram do empreendimento com o objetivo de qualificar profissionais. Fundado em 1990, o projeto tinha prazo de conclusão de 15 anos. Contava com o envolvimento de mais de 5 mil cientistas, de 250 diferentes laboratórios, e um orçamento que, segundo diferentes fontes, variou de US\$ 3 bilhões a US\$ 53 bilhões.

Cientistas da Alemanha, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coreia, Dinamarca, Estados Unidos, França, Israel, Itália, Japão, México, Países Baixos, Reino Unido, Rússia e Suécia integraram o Consórcio Internacional de Sequenciamento do Genoma Humano.

Em 10 de julho de 1999 foi anunciado o primeiro rascunho do trabalho. Como a precisão do resultado precisava ser máxima, muitas análises e revisões foram feitas de modo que cada base no genoma fosse sequenciada de 10 a 12 vezes.

Quase quatro anos depois, em 14 de abril de 2003, um comunicado conjunto anunciou que o projeto fora concluído com sucesso, com o sequenciamento de 99% do genoma humano, com uma precisão de 99,99%.

Os responsáveis pelo projeto acreditavam que a descoberta da posição de cada gene, além de sua composição, seria valiosa para diagnóstico e cura de muitas doenças, como câncer, obesidade, diabetes, doenças autoimunes e hipertensão. Os críticos do projeto, no entanto, alertavam para o perigo do uso indevido das informações genéticas. Candidatos a emprego, por exemplo, poderiam ser recusados com base em testes capazes de revelar predisposição genética para certas doenças, como o alcoolismo.

Para os mais interessados que desejarem aprofundar-se nas informações a respeito, recomendamos o livro *A Linguagem de Deus*, do pesquisador Francis Collins, geneticista pioneiro que esteve à frente do PGH, entrevistado pela revista *Time* em 2006. Enquanto líder do projeto, por mais de uma década, Collins empenhou-se em revelar a sequência do DNA, com apoio do então presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton. Para o pesquisador, é nosso dever levar em consideração todo o poder das perspectivas científica e espiritual para entendermos tanto aquilo que enxergamos quanto aquilo que

não enxergamos... E a originalidade desse livro é a soberba integração entre as duas perspectivas citadas.

QUEM COMANDA O CORPO?

O cérebro

É crença corrente e plenamente aceita de que é o cérebro que comanda o corpo. Mas, como funciona o cérebro?

Muitas experiências desenvolvem-se para a criação de aparelhos que leiam o cérebro, facilitando a vida de pessoas inabilitadas e para outros usos ainda nem suspeitados.

Diz o Dr. Franz Alexander, citado em *Amor, Medicina e Milagres*, de Bernie Siegel: “A mente governa o corpo, apesar de a biologia e a medicina não prestarem atenção a isso, é o fato mais essencial que conhecemos sobre o processo da vida”.

Um aparelho fascinante permite a uma pessoa totalmente imobilizada, tão somente através dos olhos, escrever pelo computador olhando para as letras de um teclado especial. A máquina, denominada Tobby, identifica para onde a pessoa olhou e escreve o texto desejado.

Entre nós temos um afilhado, Renato Mariz Gonçalves, que sofreu um AVC (Acidente Vascular Cerebral) paralisante, que lhe retirou todos os movimentos, exceto os da cabeça, o que lhe permitiu, apenas com os olhos, o uso do aparelho e, com a parceria de Raquel Vilela, escrever o livro *A Leveza Que a Vida Tem e o AVC*, relatando sua experiência. Recomendamos a leitura como alerta preventivo e, ainda, como estímulo de continuação da vida para quem foi vítima de AVC.

TODA A INTELIGÊNCIA ESTÁ NO CÉREBRO?

Parece que não. Novos estudos identificam que a inteligência está disseminada pelo corpo. Cada célula conteria sua parte de inteligência. Identificam, ainda, que os elétrons, por exemplo, têm vontade própria, comportando-se de forma diversa conforme a visão de vários pesquisadores.

Todos os sistemas estão interligados e são interdependentes e, portanto, o cérebro não seria a sede única do conhecimento, que estaria presente em

outras partes. Interessante discussão, mas é assunto novo e vai gerar ainda muita polêmica.

E O QUE ACONTECE COM NOSSO CÉREBRO DURANTE O SONO?

Um dos acontecimentos mais curiosos da vida terrena é a ocorrência de sonhos. O que serão eles?

Existem de todos os modelos: fantasiosos, realísticos, premonitórios, sobre o passado, sobre o futuro e outros. É quase impossível interpretá-los, salvo aqueles premonitórios que se confirmam.

Servem, de qualquer forma, para nos alertar: existem mais recursos em nossa mente desconhecida do que na parte conhecida, limitada a relativamente poucas experiências materiais.

E quando estamos em coma e o cérebro já não tem sinais vitais nos aparelhos de monitoramento?

Em milhares de casos as pessoas retornam e se lembram de terem visto os cuidados que estavam recebendo e ouvido o que se falou em torno delas. Sabem, enfim, de tudo o que se passou no período em que, aparentemente, o cérebro estava morto.

Essas experiências têm ocorrido em número crescente no Brasil e no mundo, principalmente nos Estados Unidos. Ou porque mais pessoas hoje em dia têm liberdade para contar o evento sem serem chamadas de loucas, ou porque sua ocorrência aumentou mesmo, com o consequente aumento dos relatos.

O pioneiro em recolher sistematicamente os depoimentos de quem passou pela experiência é Raymond Moody Jr., nascido em Porterdale, EUA, em 30 de junho de 1944. Psiquiatra, psicólogo, parapsicólogo e filósofo, amplamente conhecido como autor de livros sobre vida depois da morte e Experiências de Quase Morte (EQM), termo criado por ele em 1975. O seu título mais vendido é *Vida Depois da Vida*, com grande tiragem.

A partir do estudo descrito no livro, com o auxílio dos depoimentos de cerca de 150 pessoas que sofreram de morte clínica, ou aos quais havia sido diagnosticado que tinham quase morrido, Moody concluiu que existiam nove experiências comuns à maioria das pessoas que passaram pelo estágio de quase-morte, tais como:

1. perceber um zumbido nos ouvidos;
2. um sentimento de paz e ausência de dor;
3. ter uma experiência fora do corpo;
4. sentir-se a viajar dentro de um túnel;
5. sentir-se subir pelos céus;
6. ver pessoas, principalmente familiares já falecidos;
7. encontrar seres espirituais, por vezes identificados como sendo Deus;
8. ver passar uma revisão da própria vida;
9. sentir uma enorme relutância em voltar à vida terrena.

Inúmeras instituições têm sido criadas para tratar do assunto e uma das mais atuais é a Fundação Eternea, criada na Virginia (EUA), pelo neurocirurgião americano Eben Alexander III, que passou pela EQM durante seis dias, mantendo viva a lembrança do que diz ter visto do outro lado e escreveu dois livros, *Uma Prova do Céu* e *Mapa do Céu*, muito bem fundamentados, fonte recomendada para quem tem interesse no assunto.

Diz ele, em seu livro *Uma Prova do Céu*:

A Experiência de Quase Morte por que passei me inspirou a ajudar a fazer deste mundo um lugar melhor para todos, e Eternea – uma organização sem fins lucrativos que fundei com meu amigo John R. Audette – é o veículo que escolhi para realizar essa mudança.

A missão da Eternea é incentivar a pesquisa e os projetos que envolvam experiências espiritualmente transformadoras, assim como a relação entre consciência e a realidade física. Trata-se de um esforço para colocar em prática as descobertas feitas a partir das EQMs e reunir ensinamentos de todos os outros tipos de experiências espirituais.

Acesse www.eternea.org para estimular seu próprio despertar espiritual, compartilhar histórias sobre experiências espirituais que você teve ou mesmo buscar ajuda se estiver sofrendo pela perda de um ente querido. Eternea também oferece subsídios valiosos para cientistas, acadêmicos, teólogos e religiosos que estejam interessados nesse campo de estudo.

Nos Estados Unidos há notícias de dezenas de outras entidades científicas dedicadas a esses estudos, bem como inúmeros livros com relatos das experiências e até programas de TV.

Os depoimentos são crescentes pelo mundo afora, inclusive no Brasil, com fatos bem documentados, e acreditamos que logo apareçam entre nós instituições dedicadas ao tema.

PARALÍTICOS MOVIMENTAM MEMBROS DURANTE O SONO

E como explicar o fato de que paráliticos conseguem movimentar as pernas durante o sono, mesmo com o tronco encefálico lesionado, conforme foi detectado por uma equipe da Escola Paulista de Medicina, e exibido no programa *Globo Repórter*, da TV Globo?⁹

As imagens de paraplégicos dormindo são impressionantes. Todos têm paralisia nas pernas, mas durante o sono conseguem movimentá-las. Só foi possível confirmar esse fenômeno porque muitos paraplégicos reclamavam de perturbações no sono.

Essas pessoas se submeteram ao exame chamado polissonografia, em que passam uma noite inteira monitoradas, ligadas a diversos aparelhos que controlam todos os seus sinais vitais, sendo acompanhadas pelos profissionais do serviço.

Para grande surpresa de todos, alguns pacientes paraplégicos, que não podem andar porque sofreram lesão na medula que interrompe os sinais do cérebro para os membros, durante o sono tentam se levantar da cama, conseguindo, até mesmo, colocar as pernas de lado nessa tentativa. Como explicar isso e por que não se aprofundam essas pesquisas?

E A HIPNOSE?

Fenômeno tão antigo, experiência tão comprobatória de outras capacidades cerebrais que não as do dia a dia, finalmente levada a sério,

⁹ Programa *Globo Repórter*. Disponível em: <http://globoreporter.globo.com/Globoreporter/0,19125,VGC0-2703-73-3,00.html>. Acesso em: 18 nov. 2019.

abre novas portas para o estudo dos potenciais humanos diferentes das capacidades físicas.

A psicóloga Adriana de Araújo explica que a hipnose ericksoniana é uma técnica moderna no tratamento individualizado de questões físicas e mentais. Esse nome vem do criador Milton Erickson. A palavra hipnose vem do grego *hypnos*, que pode ser traduzido como sono. Mas, na verdade, não é bem isso que acontece com a mente durante o estado hipnótico. A hipnose modifica o padrão de consciência; o indivíduo focaliza sua atenção por meio de uma indução ou de uma autoindução, concentrando a mente e direcionando seus pensamentos e, com isso, intensificando a atividade cerebral, algo oposto ao que acontece quando estamos dormindo.

A eficácia da técnica vem do respeito pelo indivíduo como um todo. Cada ser é único na sua história, vivência e aprendizado. Por isso mesmo, o tratamento também é feito de forma única, não há regras muito delimitadas, pois cada caso merece uma atenção exclusiva.

OS SENTIDOS

Para os parâmetros da ciência humana, até agora, são reconhecidos cinco sentidos: tato, olfato, visão, audição e paladar.

Contudo, o chamado sexto sentido refere-se à percepção extrassensorial. Ademais, costuma-se dizer que as mulheres o possuem mais aguçado.

Está comprovado: pacientes de deficiências relacionadas ao sistema sensorial desenvolvem e aguçam mais outros sentidos. Por exemplo, um cego desenvolve mais sua capacidade de ouvir ou até mesmo de tatear, daí os livros em sistema Braille (criado por Louis Braille) para deficientes visuais.

De onde vêm tamanhas sensibilidades? Cada um deles evidencia tanta sabedoria na sua construção, que é impossível não admitir uma inteligência primorosa para desenvolvê-los.

SÃO SÓ MATERIAIS?

Temos como regra geral da ciência que os nossos sentidos são muito bem definidos e identificados. Porém, existem, como já mencionados, os extrassensoriais, ainda pouco conhecidos e, sobretudo, pouco aceitos, como a clarividência, a clariaudiência, a telepatia, entre outros, descritos

minuciosamente por Allan Kardec em sua obra da codificação da doutrina espírita, mas presentes também em outras crenças e religiões. Como interpretar o fato de que alguns de nós temos esse tipo de percepção e outros não?

A parapsicologia estuda e o progresso contínuo dessa ciência deverá desvendar essas aptidões.

SINESTÉSICOS

Como o cego reconhece as cores?

Com treinamento, até o cego pode ser capaz de reconhecer as cores. Denomina-se visão cega a capacidade de reconhecer objetos em um ambiente, mesmo sem ter ciência de que consegue vê-las. A revista científica *Current Biology* publicou um estudo da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, em que um rapaz cego passava por um labirinto com obstáculos sem ajuda de bengalas ou outros acessórios. Reproduzimos o seguinte texto:

Visão cega é um fenômeno perceptivo que ocorre quando pessoas têm cegueira devido a danos no córtex visual primário, mas o sistema visual real (os olhos) não está danificado. Quando isso acontece em uma pessoa às vezes ela pode responder a estímulos visuais que pode “ver” com os olhos, mas o seu córtex visual primário não pode traduzir para o cérebro. Os seres humanos têm diferentes áreas do cérebro que processam a informação visual. O córtex visual primário é o que converte a informação que vemos na imagem mental visual que nosso cérebro percebe. Se o córtex visual primário está danificado, mas as outras áreas que percebem estímulos visuais não estão, então, a visão cega pode ocorrer.¹⁰

COMO ALGUMAS PESSOAS SE LEMBRAM DE LIVROS INTEIROS OU FAZEM CÁLCULOS IMPRESSIONANTES?

O personagem principal do filme *Rain Man* exemplifica essa fantástica capacidade humana. O filme venceu o Oscar de 1989 (EUA) nas categorias de Melhor Filme, Melhor Direção (Barry Levinson), Melhor Ator

¹⁰ Disponível em: <https://psicoativo.com/2016/01/visao-cega.html>. Acesso em: 07 mai. 2020.

(Dustin Hoffman) e Melhor Roteiro Original, além de outros prêmios internacionais.

O filme conta a história real de Charlie Babbitt, um jovem que viaja a um hospital psiquiátrico para conhecer o beneficiário da fortuna que seu pai deixara ao falecer, já que para ele deixara apenas rosas premiadas e um carro. No hospital, Charlie descobre que o beneficiário é Raymond, um irmão mais velho, autista, de quem ele nunca ouvira falar.

Raymond, apesar de sua suposta deficiência mental, é capaz de fazer cálculos aritméticos complexos em poucos minutos e recitar de cor livros inteiros.

Há outros exemplos relatados de capacidades reveladas por mentes perturbadas, demonstrando que o ser pode se expressar fora dos padrões convencionais, provando que nossa capacidade mental é muito superior ao que já conhecemos.

E AS PESSOAS QUE ASSOCIAM NOTAS MUSICAIS A CORES, OU ODORES, OU VICE-VERSA?

Artigo do jornalista científico Máximo Barbieri, da revista *Scientific American*, nos informa:

Definida como contaminação dos sentidos, a sinestesia não é doença, mas um fenômeno sensorial quase sempre acompanhado de memória e criatividade excepcionais.

“Quando escrevo uma equação na lousa vejo os números e as letras de cor diferente. E me pergunto: que diabos meus alunos veem?” A frase é do americano Richard Feynman, Nobel de Física em 1965. Ele faz parte de um grupo de pessoas para quem o número 2 pode ser amarelo, a palavra carro tem gosto de geleia de morango, e a nota musical fá evoca a imagem de um círculo, por exemplo.

A sinestesia é um fenômeno em que um único estímulo – visual, auditivo, olfativo ou tátil – pode desencadear a percepção de dois eventos sensoriais diferentes e simultâneos. Há pessoas, por exemplo, que toda vez que sentem um odor (real), escutam um som (imaginário). Outros enxergam uma cor na letra do alfabeto escrita com tinta preta. Não se trata de um transtorno temporário na maioria dos casos, ainda que haja algumas raríssimas exceções; por isso um dos principais critérios para o diagnóstico da sinestesia é sua estabilidade ao longo

do tempo. Geralmente a associação entre estímulo e percepção ocorre apenas em um sentido: quem vê a cor vermelha (imaginária) toda vez que ouve nota musical dó (real) não escuta a mesma nota (imaginária) quando vê qualquer coisa vermelha (real).

O primeiro sinestésico registrado na literatura médica foi uma criança de três anos e meio em 1922.

Sinestésicos geniais

O escritor russo Vladimir Nabokov (1889-1977), autor de *Lolita*, era ainda pequeno quando explicou à sua mãe que as cores das letras do alfabeto dos cubinhos de madeira que ganhara estavam “todas erradas”. A mãe entendeu perfeitamente o drama do filho porque, além de lhe ocorrer o mesmo, ela tinha outras sensações estranhas, como ver cores enquanto ouvia música.

O compositor russo Alexander Scriabin (1872-1915) incluiu um teclado mudo e luminoso na sinfonia *Prometeu, o poema do fogo*. O instrumento deveria acender e apagar luzes coloridas organizadas em forma de raios e nuvens, que se difundiriam pelo ambiente até culminar numa luz branca tão forte que provocaria dor nos olhos da plateia.

Contemporâneo de Scriabin, o pintor russo Vassily Kandinsky (1866-1944) desenvolveu mais profundamente o conceito de fusão sensorial, explorando a relação entre som e cor e valendo-se de termos musicais para descrever suas obras. *O som amarelo*, de 1912, é uma mistura de cores, luz, dança e ritmo. “Abandona teu ouvido à música, abre teus olhos à pintura e para de pensar! Pergunta-te somente se o pensamento te tornou incapaz de entrar em um mundo até agora desconhecido. Se a resposta for sim, o que queres mais?”, escreveu o pintor.

A mistura entre sons e cores esteve presente na vida do compositor húngaro Franz Liszt (1811-1886), que costumava dirigir-se aos músicos com frases do tipo “Não tão violeta, por favor”. Sem compreender, muitos deles preferiam levar na brincadeira, embora Liszt afirmasse que realmente via cores enquanto regia ou tocava. Outro músico sinestésico foi o americano Duke Ellington (1899-1974).¹¹

¹¹ Disponível em: https://methodus.com.br/artigos/ouvindo_cores/. Acesso em: 07 mai. 2020.

COMUNICAÇÃO PARANORMAL

Mais e mais se ampliam os estudos envolvendo a comunicação não verbal entre os seres. Desde os simples gestos que dizem muita coisa até as comunicações obtidas de cérebro a cérebro, estamos abrindo fronteiras em universidades que finalmente dão oportunidade para que seus pesquisadores invistam nesse setor e tragam ao conhecimento geral os potenciais ainda desconhecidos que estão à nossa disposição para ampliarmos nossos contatos.

ESTUDO COMPROVA COMUNICAÇÃO MENTE A MENTE A GRANDE DISTÂNCIA

Exemplos diversos comprovam essa extraordinária capacidade humana. Segue interessante artigo sobre estudos já realizados:

Você já se pegou em alguma das situações abaixo?

- ✓ Eu estava pensando nessa mesma música que você começou a cantar.
- ✓ Nossa, como você descobriu que eu iria falar isso?
- ✓ Oh, eu pensei em você neste instante e você me liga.

Esses são só alguns de vários exemplos de situações em que a maioria das pessoas já se viu envolvida. Essa comunicação instantânea espontânea, cérebro a cérebro, existe, mas muitos a consideram como simples coincidência.

Um estudo da comunicação cérebro-cérebro conduzida em coordenação com a Harvard Medical School provou que a interação extrassensorial mente-mente pode acontecer a grandes distâncias, por diferentes caminhos.

Na pesquisa foram transmitidas com êxito as palavras *hola* e *ciao* de um local na Índia para outro local na França, mediada por computador cérebro-cérebro a partir de um eletroencefalograma ligado à internet (EEG) e assistida por robô e estimulação magnética transcraniana guiada por imagem.

Usando eletrodos ligados ao couro cabeludo de uma pessoa para gravar as suas correntes cerebrais (sinalização elétrica) durante um pensamento-ação, o computador pode interpretar esse sinal

e traduzi-lo para a saída de controle como um robô ou uma cadeira de rodas motorizada.

Isso comprova inicialmente as experiências em que as pessoas sabem quando um ente querido morre, mesmo estando a milhares de quilômetros de distância, fenômeno estranho que parece existir fora das barreiras tempo/espaço e aceitamos como limitações para a comunicação pessoa-a-pessoa.

Talvez possamos nos livrar de nossos aparelhos celulares em breve, uma vez que aprendamos a falar diretamente com nossos destinatários, usando apenas as nossas mentes.¹²

Outro pesquisador que tem se destacado nessa busca formidável é o médico brasileiro Miguel Angelo Laporta Nicolelis (Mogi das Cruzes, 7 de março de 1961), considerado um dos vinte maiores cientistas em sua área no começo da década passada pela revista *Scientific American*. Foi ainda considerado pela revista *Época* um dos 100 brasileiros mais influentes do ano de 2009. Nicolelis foi o primeiro cientista a receber no mesmo ano dois prêmios dos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos e o primeiro brasileiro a ter um artigo publicado na capa da revista *Science*.

Lidera um grupo de pesquisadores da área de Neurociência na Universidade Duke (Durham, EUA), no campo de fisiologia de órgãos e sistemas. Seu objetivo é integrar o cérebro humano com máquinas (neuropróteses ou interfaces cérebro-máquina). Suas pesquisas desenvolvem próteses neurais para a reabilitação de pacientes que sofrem de paralisia corporal. Nicolelis e sua equipe foram responsáveis pela descoberta de um sistema que possibilita a criação de braços robóticos controlados por meio de sinais cerebrais.

São avanços importantes, que se aceleram continuamente e cada vez mais atraem estudiosos para a compreensão dessas características humanas que, ao serem bem compreendidas, modificarão a forma de nos relacionar e conviver com mais harmonia.

¹² Disponível em: <https://yogui.co/estudo-comprova-comunicacao-mente-mente-grande-distancia/>. Acesso em: 07 mai. 2020.

NEM SÓ POR PALAVRAS NOS COMUNICAMOS

Vários recursos já foram desenvolvidos pelos pesquisadores ao substituir a fala por gestos – língua dos sinais –, o que permitiu aos surdos se fazerem entender.

Além disso, em todos os relacionamentos, é por intermédio do olhar e da fisionomia que expressamos os sentimentos. Se com palavras podemos disfarçar muito, com a imagem isso fica bem mais difícil. Por isso se diz: uma imagem vale por mil palavras.

AS DOENÇAS

Sendo o corpo um conglomerado de células formadoras de organismos supercomplexos, que, ao mesmo tempo que são individualizados, se inter-relacionam espalhando a doença de um ponto a outro, a ciência está procurando caminhos para tratar das pessoas de uma forma integral, promovendo os hábitos saudáveis de exercícios e alimentação.

Por outro lado, também já se identificam danos causados ao físico que têm origem mental.

A preservação da saúde do corpo é cada vez mais estimulada e o tempo útil de vida dele vem aumentando significativamente. Até quantos anos poderemos vir a viver com ânimo e disposição?

INTELIGÊNCIA DAS CÉLULAS

Começamos a perceber que as células têm inteligência própria. Quando se retira uma célula de um setor do corpo e se instala em outro, ela passa a se comportar como se estivesse lá há muito tempo. Ela sabe o que deve reproduzir e sanear. Como?

No livro *Evolução em Dois Mundos*, psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, em 1958, o espírito André Luiz, que quando encarnado foi médico no Rio de Janeiro, dedica um capítulo inteiro à inteligência das células. Diz ele:

Dentro do mesmo princípio de submissão das células ao estímulo nervoso, é que a experiência de transplante de tecidos de embriões

entre si, com alguns dias de formação, pode oferecer resultados surpreendentes, de vez que as células orientadas em determinado sentido, quando enxertadas sobre tecidos outros “in vivo”, conseguem gerar órgãos-extras (...).

A terminologia é um tanto técnica, mas é a antevisão do que viria a se tornar o transplante de células-tronco.

No mesmo livro explica que se retirássemos uma célula da pata traseira de um feto de cachorro e transportássemos para a pata dianteira, esta célula mudaria de comportamento e passaria a agir de acordo com sua nova situação.

Isto em 1958, quando a ciência terrena nem se referia à possibilidade do uso desse recurso nos tratamentos.

Hoje, transplantamos órgãos inteiros: coração, pulmão, fígado e rins, que inicialmente utilizam-se da rejeição ao serem trocados de corpo, o que a ciência terrena já aprendeu a contornar e fixar na sua nova habitação.

O progresso é fantástico e entusiasmante quanto às novas descobertas, que permitirão mais tempo de vida com mais saúde.

REPRODUÇÃO

Cada vez mais avançam as técnicas de reprodução assistida, hoje para resolver situações de mulheres com problemas de gravidez, mas que no futuro poderão ser usadas até para liberá-las do desconforto do parto. É uma discussão ética delicadíssima.

O aborto já é uma controvérsia geral. Acreditamos que só se resolve com a educação dos seres para aprenderem o respeito que se deve ter para com seus corpos. Dádiva suprema da natureza para os habitantes do planeta, deveria ser venerado como bem maior, precioso, inatacável, que merece todos os cuidados para ser bem utilizado durante a nossa viagem planetária.

POR QUE CADA CORPO TEM UM FORMATO PRÓPRIO?

Pela cultura tradicional, atribuímos o formato do corpo à condição genética. Contudo, para o observador é fácil verificar que a realidade

é outra. A aparência física de boa parte dos filhos não corresponde à dos pais. E muito menos seus traços de personalidade. Há ainda irmãos que em nada se parecem. Por outro lado, encontramos filhos adotivos que são “a cara do pai ou da mãe”. É preciso buscar em outras origens essa modelagem.

O Brasil teve um pesquisador de primeira linha, Hernani Guimarães Andrade (Araguari, Minas Gerais, 31 de maio de 1913 – Bauru, São Paulo, 25 de abril de 2003), que se aprofundou no tema e desenvolveu uma tese interessante, que merece ser estudada e ter a sua pesquisa aprofundada, publicada em seu livro *Espírito, Perispírito e Alma – Ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico*, da Editora Pensamento. Basicamente, ele relaciona o estudo do átomo e de partículas subatômicas com o estudo do espírito e a modelagem do corpo.

Baseando-se em pesquisas genéticas e espirituais, Hernani Guimarães apresenta a teoria de que o corpo espiritual dos seres vivos está presente desde o momento da concepção até a morte, sendo capaz de organizar o corpo físico. Essa ideia é o tema central desta obra, que reconhece a existência de um modelo organizador biológico (MOB), associado ao processo evolutivo que engloba as alterações biológicas sofridas pelo indivíduo desde seu nascimento. É responsável, portanto, pela estrutura e forma corporal do ser em gestação, atuando no metabolismo e crescimento do sistema vivo. Aborda também a questão da clonagem, o comportamento de tecidos transplantados em embriões, marcas de nascimento ligadas à memória de vidas pregressas, entre outros assuntos.

TERCEIRA POSSÍVEL CONCLUSÃO:

Ainda que já tenhamos avançado muito no conhecimento dos mecanismos do corpo, o que sabemos, como tudo o mais, é apenas a mínima parte da realidade. Novas fronteiras se abrem diariamente e devemos estar atentos para conhecê-las e para utilizá-las a nosso favor.

Hoje a medicina oficial se abre para a questão espiritual.

Como exemplo, citamos o Dr. Sergio Felipe de Oliveira, médico formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), anatomista pelo Instituto de Ciências Biomédicas da USP com área de concentração em Neurociências e Neuroanatomia Ultraestrutural, mestre em Ciências pela USP e coordenador da disciplina optativa Medicina

e Espiritualidade da FMUSP, enquadrada no item práticas médicas para graduandos de medicina. Vejamos o que diz:

A sobrevivência do espírito após a morte do corpo biológico, sendo este a sede da emoção, da personalidade, da identidade de uma pessoa na hipótese do continuum da vida, a comunicabilidade entre a dimensão espiritual e o plano biológico nos estados de transe, na mediunidade, o entendimento do cérebro como o transdutor da alma e não como foco produtor do pensamento, são questões em aberto no território da Ciência. Afirmar o materialismo como realidade existencial é hoje uma hipótese e não uma confirmação científica. A Ciência Oficial está aberta à investigação das hipóteses espíritas, tanto quanto das hipóteses materialistas.¹³

Também encontramos informação da Agência USP de Notícias a respeito dos rumos da universidade que passa a considerar a dimensão espiritual a tratamento médico, como segue:

Embora trabalhe diariamente com a questão da saúde humana, o que com frequência é sinônimo de lidar com o sofrimento alheio, a dor e a morte, o exercício da medicina e a formação na área raramente levam em consideração aspectos como religião e espiritualidade no contato com os pacientes. Mas para o psiquiatra Frederico Camelo Leão, independentemente das crenças pessoais do médico, ele deve estar preparado para lidar com a dimensão espiritual. “O paciente demanda isso”, afirma o pesquisador do Instituto de Psiquiatria (IPq) do Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP).

Complexidade do ser humano e saúde mental vão além das questões neuroquímicas

No Instituto, Leão coordena o Programa de Saúde, Espiritualidade e Religiosidade (ProSER), iniciativa que busca compreender a relação entre esses três fatores a partir de atividades de pesquisa, ensino e assistência terapêutica. Segundo o médico, a complexidade do ser humano e a saúde mental vão muito além das questões neuroquímicas (...)

(...) A ideia não é que a espiritualidade e a religiosidade entrem como uma alternativa ao tratamento médico. “É uma forma complementar, dentro da visão de que a busca da saúde é mais do que apenas tomar

¹³ Disponível em: www.fm.usp.br/cedem/simposio/simposio.php. Acesso em: 30 jul. 2019.

remédios”, explica. Leão conta que trabalhos científicos na área indicam que práticas como meditação, orações ou a dedicação a uma denominação religiosa podem estar associadas a melhoras na defesa imunológica e na longevidade.

Ao frequentar um templo ou igreja, por exemplo, a pessoa, além de trabalhar sua espiritualidade, tem também suporte social, ou seja, frequenta um lugar onde pode compartilhar experiências e obter apoio, o que traz benefícios à saúde, podendo, inclusive, inibir ímpetos suicidas.¹⁴

A espiritualidade melhora a saúde independentemente da religião. O que virá por aí com todos esses progressos?

REFLEXÕES SOBRE O TERCEIRO TEMA

O veículo planetário: como viveremos?

Ainda imaginando que não desembarcamos no planeta Terra, mas já sabendo como o corpo se comporta nele, pensemos no seguinte:

1. Qual é o corpo de que você vai dispor para estar na Terra? Você acredita que esse modelo que usará foi dado por acaso, por imposição do Criador ou por sua própria escolha?
2. Você está cuidando dele mal, mais ou menos ou bem?
3. Como administrador mental do corpo, você acredita que poderá fazê-lo sentir-se melhor ou pior conforme seus comandos psíquicos?
4. Quando estiver no planeta e dormir, o que acredita que acontecerá com sua mente?
5. O que pensa que são os sonhos? Fantasias, realidades, avisos premonitórios ou outras manifestações?

¹⁴ Disponível em: <http://www.usp.br/agen/?p=167099>. Acesso em: 07 mai. 2020.

TEMA 4

A VIDA TERRENA: QUAL SUA FINALIDADE?

Já cumprimos três etapas de observação antes de ingressarmos na vida da Terra.

Já sabemos que a Terra é um planeta, temos uma ideia de onde ele está no espaço, como é a sua conformação geológica, como é o traje adequado à nossa estada nele e agora vamos procurar entender qual a finalidade da viagem.

REFLEXÃO

Entender o passado em toda a sua complexidade é uma forma de adquirir sabedoria, humildade e um senso trágico a respeito da vida. Senso trágico não significa ser pessimista, mas apenas compreender a vida com todas as suas limitações.

(Gordon S. Wood, em The Purpose of The Past: Reflections on the Uses of History, citado por Laurentino Gomes em seu livro 1822)

A expressão senso trágico na frase acima dá a ela a dimensão do que pode ser a visão materialista das limitações humanas.

Se admitirmos apenas a lógica mecanicista baseada em um corpo físico deteriorável, que ao nascer já está a caminho da morte – já dizia o poeta português Fernando Pessoa: “somos um cadáver adiado” –, então nossa trajetória é trágica.

Mas quando analisamos o que foi o papel do homem até agora, podemos identificar comportamentos que engrandeceram sua passagem na Terra.

Destruíu muito, brigou muito, mas progrediu muito.

Pesquisou e descobriu uma infinidade de coisas boas, assenhoreou-se de muitos segredos do universo, criou condições de vida mais favoráveis para bilhões de pessoas e promoveu a saúde, o conforto, o conhecimento...

Há um longo caminho a percorrer, mas, considerando seu tempo relativamente curto de presença na Terra, até que caminhou bastante.

PROPOSTA

Entender a maneira como o homem ocupou o planeta, como vem se relacionando com ele e como o que está acontecendo hoje é fruto do passado e, se não estamos satisfeitos com o presente, como poderemos interagir com o futuro?

NAVE

Estamos ainda nas voltas finais antes de adentrarmos o planeta. Vamos procurar entender o que fizeram ali aqueles que nos precederam. Afinal, ficamos nove meses preparando a nossa entrada nele.

Há quanto tempo chegaram ao planeta os que vieram primeiro?

Vejamos o que diz o artigo “O Ser Humano Existe na Terra desde Quando”:

A Terra já alcançou uma população de sete bilhões de habitantes, mas quando terá surgido a vida humana no planeta? De acordo com estimativas do Population Reference Bureau (PRB), desde o surgimento do *Homo sapiens* o planeta já teve 108 bilhões de pessoas.

Sabe-se que os primatas, classe a qual pertencem o homem e os macacos, surgiram há 70 milhões de anos. O ancestral comum do homem, o chimpanzé, apareceu há cerca de 25 milhões de anos.

Já os primeiros hominídeos apareceram na Terra entre 3 milhões e 1 milhão de anos atrás.

Os cientistas acreditam que os primeiros representantes do homem moderno existiram no planeta há 200 mil anos. Contudo, o homem inteligente só existe na Terra há 12 mil anos. O tempo de existência dos homens é contado desde a antiga civilização grega, mas o nosso atual calendário de contagem do tempo teve início na Era Cristã, há mais de 2 mil anos.

O ser humano, ou *Homo sapiens* (homem sábio, em latim) é considerado uma espécie animal de primata bípede, que teria surgido na África há cerca de 200 mil anos.¹⁵

A resposta precisa vem sendo perseguida ao longo dos tempos e a cada novo achado ela é alterada para uma data mais remota. Agora já se fala em 300 mil anos.

Um bom tema para reflexão é a dedicação que certos companheiros, viajantes como nós, empregam nessa busca, nem sempre bem-sucedida. Passam a vida sob duríssimas condições de desconforto para tentar encontrar respostas a essas e outras indagações e, de vez em quando, encontram algo realmente significativo que leva ao reconhecimento internacional e talvez a alguma remuneração compensatória. Porém, não desistem e devemos sempre dar muito valor a esses companheiros que assumem as árduas tarefas de pesquisa, nas mais diversas áreas, pois é essa perseverança que permite nosso progresso, sem o que até hoje estaríamos habitando as cavernas.

ACHADOS FÓSSEIS

Quando começamos a andar eretos?

Reportagem de Daniel Hessel Teich e Natasha Madov (*Veja* n. 1760, julho/2002) refuta a tese dos 200 mil anos e chega ao fantástico número de sete milhões de anos. Afirmam que cada fóssil descoberto pode significar variações inesperadas, com o surgimento de novas espécies de hominídeos, como são chamados os membros da família humana.

¹⁵ Disponível em: <https://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/o-ser-humano-existe-na-terra-desde-quando.html>. Acesso em: 22 nov. 2019.

E QUAIS AS DESCOBERTAS MAIS MARCANTES QUE ENCONTRAMOS NOS LIVROS?

O homem de sete milhões de anos

Em 2001, foi descoberto, na África Central, o crânio de um hominídeo de sete milhões de anos, o que faz dele o mais antigo ancestral do homem já encontrado. O crânio também muda radicalmente o conhecimento sobre a evolução humana, pois empurrou para trás o período em que teria ocorrido a separação entre o ramo humano e aquele que resultaria no chimpanzé, nosso parente mais próximo do ponto de vista da genética. O fóssil foi encontrado pelos paleontólogos franceses Michel Brunet e Patrick Vignaud, da Universidade de Poitiers, nas bordas do Deserto do Saara, no Chade, e recebeu a denominação científica de *Sahelanthropustchadensis* e o apelido de Toumai, nome dado na região às crianças nascidas perto do início da estação das secas. Antes de divulgar o achado, os cientistas fizeram vários estudos para ter certeza de que se tratava de uma autêntica bomba evolucionária.

O crânio encontrado no Chade tem o dobro da idade de Lucy, que era, até então, a caixa craniana mais antiga. Não é apenas na idade que Toumai surpreende. O fóssil apresenta características só encontradas em ancestrais humanos muito mais recentes, como o *Homo habilis*, um hominídeo de 2,5 milhões de anos. Ao mesmo tempo, tem traços marcantes de chimpanzé.

O crânio de sete milhões de anos aponta para dois caminhos que a paleoantropologia moderna deve seguir a partir de agora. O primeiro é a reavaliação da importância de ramos inteiros da escala evolutiva, como o dos australopitecos, tidos como os mais prováveis antepassados humanos. Desse grupo, faz parte Lucy, o mais festejado fóssil já conhecido, um esqueleto quase completo que mostrou que homens-macaco de 3,6 milhões de anos podiam andar eretos. O crânio de Toumai tem características mais avançadas que o dos australopitecos, que são 3,5 milhões de anos mais novos que ele. Com isso, Lucy corre o risco de ser despejada de nossa árvore genealógica. O segundo caminho é aquele que indica a existência não de uma árvore, mas de um arbusto na origem dos hominídeos. Ou seja, a profusão de fósseis reflete a existência de diversas espécies que deram origem a vários ramos evolutivos paralelos de homens-macaco.

O primeiro homem-macaco - 1924

O anatomista australiano Raymond Dart descobriu, na África do Sul, o crânio de um filhote em que se misturavam características de símios e de

humanos. Ele o apelidou de Menino de Taung e mais tarde lhe deu o nome científico *Australopithecusafricanus*. A espécie viveu há três milhões de anos.

Lucy - 1974

É um fóssil de *Australopithecusafarensis* de 3,2 milhões de anos, descoberto pelo professor Donald Johanson e pelo estudante Tom Gray, em Hadar, no deserto de Afar, na Etiópia, quando uma equipe de arqueólogos fazia escavações. Chama-se Lucy devido à canção *Lucy in the Sky with Diamonds* da banda britânica The Beatles, tocada no acampamento, e por terem definido o fóssil como sendo de uma fêmea.

O Menino de Turkana - 1986

Herdeiro de uma dinastia de paleontólogos, Richard Leakey encontrou o mais completo esqueleto de um *Homo erectus*, de 1,6 milhão de anos. A ossada pertenceu a um menino de aproximadamente 12 anos.

Homem de Kennewick - 1996

Esqueleto descoberto no estado de Washington, nos Estados Unidos, que, calculam os cientistas, deve ter mais de 9 mil anos. Os antropólogos ficaram intrigados com as sugestões anatômicas de que talvez não estivessem relacionadas aos típicos americanos nativos, podendo representar outra migração anterior pelo que é agora o estreito de Bering ou até originária da Islândia. Depois de uma batalha judicial travada com os índios norte-americanos, que haviam recebido o fóssil do governo norte-americano, como se tivesse sido um antepassado deles, os cientistas receberam de volta o achado para estudos.

O Homem do Milênio - 2000

Os pesquisadores Martin Pickford e Brigitte Senut descobriram o primeiro fóssil a ultrapassar a barreira dos 5 milhões de anos. Era o Homem do Milênio, ou *Orrorintugenensis*, um hominídeo de 6 milhões de anos.

E assim, à medida que se pesquisa mais, compreende-se que nossa estada sobre o planeta é aceita cada vez mais como bastante antiga e, contudo, é muito nova pelo tempo de existência do planeta.

TEMPO DE EXISTÊNCIA

Podemos dizer que, se o tempo de existência do homem sobre o planeta fosse comparado a um ano, o homem do modelo atual chegou no dia 31 de dezembro às 23 horas e 50 minutos.

QUAL O ACHADO MAIS ANTIGO DO BRASIL?

Luzia

Esse foi o nome que recebeu do biólogo Walter Alves Neves o fóssil humano mais antigo encontrado nas Américas, com cerca de 11.400 a 16.400 anos, e que reacendeu questionamentos acerca das teorias da origem do homem americano. Este crânio de uma mulher, com aproximadamente 39 anos, foi encontrado no início dos anos 1970 pela missão arqueológica franco-brasileira chefiada pela arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire. O crânio foi achado em escavações na Lapa Vermelha, uma gruta na região de Lagoa Santa, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, famosa pelos trabalhos do naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund, que lá descobriu, entre 1835 e 1845, milhares de fósseis de animais extintos do período Pleistoceno (entre 2,5 milhões e 11,7 mil anos atrás), além de 31 crânios humanos em estado fóssil.

COMO FOI O DESENVOLVIMENTO POPULACIONAL?

Tenta-se entender como isso se deu. Como não há certeza sobre o início da nossa civilização, não podemos até hoje dizer de onde surgiu a atual humanidade: de um ponto único, provavelmente na África, ou de pontos diversos.

No jornal *O Estado São Paulo* de 03/08/2019, em artigo de Fernando Reinach, lemos o seguinte:

Sabemos pouquíssimo sobre a história de nossa espécie. A melhor prova dessa ignorância é que ela é alterada frequentemente. Isso é típico de uma explicação incompleta e frágil. Quando nossa compreensão se solidificar, novas descobertas vão confirmar e não modificar a visão anterior. Ainda não estamos lá.

E, mais adiante, aponta:

Por volta do ano 2000 a história era: ancestrais surgiram na África e se espalharam pela Eurásia há 600 mil anos. Há 60 mil anos saíram da África e há 30 mil anos se estabeleceram na Europa e Ásia, passaram 20 mil anos vagando como caçadores e coletores e há 10 mil anos surgiu a agricultura fixando-os nos territórios.

As migrações humanas tiveram lugar em todos os tempos e em variedade de circunstâncias. Têm sido tribais, nacionais, internacionais, de classes ou individuais. As motivações têm sido políticas, econômicas, religiosas, étnicas ou por mero amor à aventura. As causas e resultados são fundamentais para o estudo da etnologia, história política ou social e econômica.

Em suas origens, podem referir-se às migrações do *Homo erectus*, seguidas pelas do *Homo sapiens*, usando algumas das rotas disponíveis, por terra, para o norte do Himalaia, que se tornaram posteriormente a Rota da Seda, e, por mar, através do Estreito de Bering.

Sob a forma de conquista, a pressão das migrações humanas afetou as grandes épocas da história – a queda do Império Romano no Ocidente – e, sob a forma de migração colonial, transformou o mundo – a Pré-História e a História dos povoados da Austrália e das Américas.

MIGRAÇÃO NAS AMÉRICAS

Temos indicações firmes da trajetória do homem primitivo em solo americano. Mas partindo-se da aceitação de que a parte sólida inicial do planeta era agregada, desfazendo-se a seguir e vindo a se constituir no formato que hoje habitamos, com cinco continentes separados pelo mar, não se sabe ao certo se um só grupo habitou inicialmente o nosso continente, espalhando-se a seguir, ou se vários grupos aqui estiveram ao mesmo tempo, habitando regiões diversas. Isso a ciência ainda discute.

E COMO FOI SE DANDO O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO?

Podemos analisá-lo dividindo-o por épocas.

Ao adaptar estudos aprofundados por José Herculano Pires em seu livro *O Espírito e o Tempo* (Edicel, 1951), inspirado no método cultural de antropólogos ingleses, aplicado por John Murphy na sua obra *Origines Et Historie dès Religions* (Payot, Paris, 1951), propomos analisar os horizontes da caminhada evolutiva do homem sobre a Terra:

- ✓ **Primitivo:** vivia de caça e coleta, morando em cavernas e mudando a cada vez que esses recursos se esgotavam naquele local.
- ✓ **Agrícola:** aprendeu a plantar e colher, levando os homens à fixação nos locais e consequente aparecimento de moradias de uso coletivo – os índios, por exemplo, o fazem até hoje.
- ✓ **Artesanal:** as necessidades de artefatos levaram os homens a produzir, além de plantar, colher, caçar. As habilidades manuais se expressaram e objetos indispensáveis ao dia a dia, produzidos com as mãos, foram sendo valorizados.
- ✓ **Urbano:** aos poucos mais moradias coletivas foram sendo agregadas aos locais e o individualismo foi florescendo e levando à moradia particular.
- ✓ **Técnico:** percebeu que havia meios de produzir mais, utilizando-se de outros instrumentos que não as mãos.
- ✓ **Industrial:** cabeças privilegiadas trouxeram o conhecimento das possibilidades ilimitadas das máquinas para a produção, locomoção e bem-estar.
- ✓ **Tecnológico:** abriram-se as portas do não físico para a produção de equipamentos eletrônicos e afins.

É claro que, a cada etapa, elas foram se interpenetrando. Ainda hoje cada um deles está presente em alguma parte do globo e a transição é lenta, porém inexorável.

O progresso cultural independe da vontade humana. Ele se impõe e coisas acontecem por forças ainda não pesquisadas.

EO QUE VIRÁ?

Este seria um exercício para os futurólogos, alguns pessimistas, outros otimistas, mas é muito mais saudável ficar ao lado dos otimistas e pensar apenas em coisas boas.

Cada dia fica mais fácil executar tarefas difíceis, novas técnicas permitem que se produza mais, a tecnologia disponibiliza recursos maravilhosos para facilitar nossas vidas, mas o que faremos disso sem modificar positivamente o que vem a seguir?

Podemos imaginar os primeiros homens transitando pelas suas regiões sem qualquer tipo de comando. Em que momento um mais forte, ou mais esperto, se impôs como chefe? É uma longa reflexão cuja resposta ainda é desconhecida.

Nos dias atuais, podem ser ainda observados agrupamentos ou tribos que subsistem, algumas sem contato com a civilização.

Povos não contactados, também chamados povos isolados ou tribos perdidas, são comunidades que, por escolha ou por circunstâncias, vivem em isolamento total ou sem contato significativo com a sociedade dita civilizada. Poucos povos têm permanecido totalmente sem contato com a civilização dominante. Ativistas dos direitos indígenas pedem que tais grupos sejam deixados isolados, respeitando o seu direito à autodeterminação. A maioria dos povos isolados está localizada em áreas de floresta densa na América do Sul e na Nova Guiné, havendo ainda alguns grupos nas Ilhas Andamão, na Índia. A descoberta da existência desses povos geralmente acontece após encontros, às vezes violentos, com tribos vizinhas ou, casualmente, durante filmagens aéreas. Como as tribos isoladas têm baixa imunidade a doenças comuns da civilização, 50% a 80% dos seus integrantes podem adoecer e morrer logo após os primeiros contatos.

Mas, apenas para ilustrar, podemos tentar acompanhar como foi a progressão desses relacionamentos.

COMO FOI O DESENVOLVIMENTO POLÍTICO?

Força bruta

Quem era mais forte mandava mais. Presumivelmente, dominou quem construiu o maior tacape. Com o correr do tempo, o dominador deve ter percebido que a lábia tinha mais força que qualquer instrumento.

Chefes impondo vontades

Quem era mais hábil no comando, mesmo não sendo o mais forte, dominava, e isso dura até hoje. Apesar dos milênios transcorridos, ainda hoje

o verbo, a palavra e a encenação dominam a política e as pessoas se deixam convencer, mais pelo que os políticos dizem do que pelo que fazem.

Em algum momento, a humanidade percebeu que precisava de códigos de conduta para disciplinar as relações e então surgiram as leis.

Leis para solidificar os poderes

O Código de Hamurabi representaria o primeiro conjunto de leis escritas, sendo um dos exemplos mais bem preservados desse tipo de texto oriundo da Mesopotâmia. Acredita-se que foi escrito pelo rei Hamurabi, aproximadamente em 1772 a.C. Foi encontrado por uma expedição francesa em 1901 na região da antiga Mesopotâmia, correspondente à cidade de Susa, no sudoeste do Irã.

É um monumento monolítico talhado em rocha de diorito, sobre o qual se dispõem 46 colunas de escrita cuneiforme acádica, com 282 leis em 3.600 linhas. A numeração vai até 282, mas a cláusula 13 foi excluída por superstições da época. A peça tem 2,25 m de altura, 1,50 m de circunferência na parte superior e 1,90 m na base.

Os artigos do Código de Hamurabi descreviam casos que serviam como modelos a serem aplicados em questões semelhantes. Para limitar as penas, o Código adotou o princípio de Talião, sinônimo de retaliação. Por esse princípio, a pena não seria uma vingança desmedida, mas proporcional à ofensa cometida pelo criminoso. E sendo assim, *olho por olho, dente por dente*.

Leis para moderar os poderes

Com o correr dos tempos, nota-se a evolução no sentido de se buscar mais igualdade entre os que mandam e os que devem obedecer. Isso também continua até hoje e está muito longe de se equilibrar.

Conforme as forças do poder foram crescendo, tornou-se necessário estruturá-las para não perder o comando. Isso levou ao aparecimento de aparatos, como os que temos hoje, e que permitem a uns poucos mandarem em muitos que se submetem. De vez em quando há uma rebelião, mudam-se alguns costumes, mas pouquíssimos sistemas de governo conseguem promover a verdadeira justiça social.

Impérios

Quando o assunto são os grandes impérios que já existiram ao longo da história, o mais comum é que as pessoas se lembrem com mais facilidade do Império Romano, do Britânico, do Império Colonial Francês ou do Português, não é mesmo?

Entretanto, no passado, muitos outros povos exerceram sua supremacia sobre os demais, conquistando e expandindo seus territórios de maneira implacável até sua queda.

Veja a tabela “Os cinco maiores impérios ao longo da história” (Anexo 2, p. 177 e 178).

Reinados

Ainda existem no mundo dezenas de monarquias, conforme reportagem de Guilherme Dearo (revista *Exame*, 20/03/2019):

Apesar da democracia dominar o cenário político contemporâneo, com presidentes, primeiros-ministros e parlamentos, ainda há mais de 40 países com monarquias e o Império Britânico é responsável por muitos deles nessa contagem. Hoje, são 28 famílias reais. Algumas têm poderes absolutistas, mandando no país de fato. Outras, têm poderes limitados. Por fim, existem aquelas que são meramente figurativas.¹⁶

No anexo 3 (p. 179 a 190), você verá na tabela “Sistemas de governo vigentes no mundo” que ainda existem dezenas de monarquias sobreviventes no planeta, cujos emires, reis, rainhas, príncipes e princesas resistem aos séculos.

Com extrema habilidade política, grupos familiares perceberam que poderiam exercer poder imperial sob um manto de legalidade, daí transformaram-se em reis e rainhas depois de impor aos súditos a crença de que foram escolhidos por Deus, de forma que tal posição veio sendo ao longo da história transmitida hereditariamente.

O Brasil já teve o seu reinado, assim como tantas outras nações, mas pouco a pouco esses sistemas de governo vão se extinguindo e outros regimes passam a ser adotados, a maioria deles com lastro na democracia nos moldes da antiga Grécia. Quanto tempo ainda levará para acabar?

¹⁶ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/conheca-as-28-monarquias-que-ainda-existem-no-mundo>. Acesso em: 13 jan. 2020.

Ditaduras

São regimes não democráticos ou antidemocráticos, ou seja, governos regidos por uma pessoa ou entidade política sem participação popular, ou em que essa participação ocorre de maneira muito restrita. Na ditadura, o poder está em apenas uma instância, ao contrário do que acontece na democracia, onde o poder está em várias instâncias, como o Legislativo, o Executivo e o Judiciário. Ditadura é uma forma de autoritarismo.

Apesar disso, muitos, sem ser imperadores ou reis, continuam até hoje a impor suas vontades absolutistas, e, por incrível que pareça, encontram uma infinidade de seguidores.

Democracia

Finalmente, em um avanço formidável, na maioria das nações do planeta, a vontade do povo prevalece na escolha de seus governantes, em dois sistemas básicos: presidencialismo ou parlamentarismo.

A primeira nação a adotar a democracia foi os Estados Unidos. Libertou-se da Inglaterra em 04/07/1776 e promulgou sua constituição 11 anos depois, em 1787. Dois anos mais tarde, houve a ratificação da Carta Magna pelos 13 estados que eram colônias britânicas.

Contudo, isso é novo para a humanidade. Mesmo países que praticam a democracia há algum tempo, às vezes são vítimas de espertalhões, pessoas de mau-caráter, que conseguem legalmente, pela via democrática, obter seus votos e, no poder, mais desgovernam do que governam seus eleitores. Mas se olharmos para trás, como estamos fazendo, veremos quanto já se avançou e isso dá forte certeza de que esse avanço é sempre contínuo e inexorável.

Em 2020, temos oficialmente no planeta 193 países aglutinados à Organização das Nações Unidas (ONU). Desses, entre democracias e ditaduras, são 148 repúblicas, 38 monarquias constitucionais, 6 monarquias absolutas e 1 país que não se enquadra em nenhuma dessas classificações, que é o Iêmen. É bem alentador pensarmos que, embora nossa geração não chegue a ver, independentemente da forma constitucional de governo, no futuro o regime democrático será unânime, por ser mais justo.

E como foi o desenvolvimento social?

Podemos observar que a sociedade é um organismo extremamente dinâmico, sempre em mutação e que merece análises profundas se quisermos entender seus movimentos.

Primeiro tivemos a vida tribal, como visto anteriormente. Ela existe até hoje em muitas localidades do planeta e até poderia servir de exemplo para os ditos “civilizados”, pois a vida tribal costuma ser harmônica e os direitos individuais em geral são muito bem respeitados.

Depois, e durante um longo tempo, o poder absoluto do homem como cabeça do casal, provedor e protetor da família, mas que vai sendo substituído pelo empoderamento das mulheres. Para onde vai esse relacionamento?

Aos poucos, foram sendo criados padrões de moral e ética que se espalharam, mas é interessante observar que, embora haja alguns itens universais, há outros diferentes, conforme a cultura de cada povo.

Aparecimento das religiões

Como o homem desde sempre teve temor do desconhecido e traz dentro de si uma necessidade de crer no sobrenatural, criaram-se as condições para o aparecimento de estruturas religiosas, que fazem tanto o bem, dando consolo, esperança e confiança em um amanhã, quanto o mal, quando usadas politicamente para cobiça e poder.

Data precisa nenhum estudo aponta, mas discute-se qual teria sido a primeira religião da humanidade. Os primeiros registros de manifestações religiosas datam da Antiguidade, na Mesopotâmia (cerca de 4.000 anos a.C.), visto ser este povo o primeiro a registrar sua história através da escrita. Ao mesmo tempo, a arqueologia atesta rituais bem mais antigos praticados por diversos povos ao redor do mundo antes mesmo dos mesopotâmios.

Sabe-se que ritos funerários já eram praticados há pelo menos 50 mil anos, conforme apontam alguns estudos, como segue:

Os primeiros a falar de rituais funerários realizados por alguma espécie diferente do *Homo sapiens* foram os irmãos Jean e Amédée Bouyssonie, dois padres católicos que em 1908 descobriram os restos de um neandertal de 50.000 anos na cova de La Chapelle-aux-Saints, na França. Segundo os Bouyssonie, a posição fetal do corpo e as ferramentas que o acompanhavam na vala onde o encontraram

indicavam um enterro intencional. Especulando, sugeriam que os autores daquele ritual tinham capacidade simbólica e acreditavam em uma vida depois da morte.¹⁷

Com o passar do tempo a prática evoluiu para o misticismo, e isso propicia o aparecimento de figuras portadoras de poderes advindos de forças não materiais. Em casos relatados na história, tais poderes foram colocados a serviço da dominação de povos inteiros, e até de países, o que acontece até hoje em determinadas regiões.

Por outro lado, em nome da crença no imaterial e da existência de vida após a morte, muitas das estruturas religiosas existentes são voltadas para o bem e praticam, em todo o mundo, ações de benemerência que favorecem os necessitados de amparo material e espiritual.

No tema 5, abordaremos com mais detalhes o assunto.

MODISMOS E ONDA CÍCLICA COMPORTAMENTAL

Hoje, especialmente na cultura ocidental, ocorre uma revolução dos costumes, em que se busca a igualdade de direitos entre homens e mulheres, mas traz uma liberalidade excessiva que precisa encontrar o ponto de equilíbrio sob pena de desestruturar completamente a família, e sem ela não subsistiremos.

Observa-se também a existência de forças sociais que se formam como ondas; vêm não se sabe de onde, têm uma força incrível, surpreendem os analistas e estudiosos e transformam comportamentos com reflexos nas gerações futuras.

A partir das observações do pesquisador Geraldo Medeiros Jr., em seu livro *A Consciência Encarnada*, podemos refletir sobre o seguinte:

Notam-se, especialmente na nossa cultura, mudanças coletivas de comportamento a cada época, tanto nos gostos, quanto na aceitação de argumentos políticos:

- Artistas e atletas que são ídolos e depois experimentam o ostracismo e até mesmo a execração;

¹⁷ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/05/ciencia/1522948095_388069.html. Acesso em: 08 mai. 2020.

- Gêneros musicais, cinematográficos, televisivos, radiofônicos e outros, que, da mesma forma, são sucesso num período e depois não atraem mais público;
- Figuras públicas que recebem o apoio de massas enormes e de repente passam a ser detestadas e atacadas;
- Regimes políticos aceitos por multidões que subitamente, e até mesmo sem que se consiga explicar muito bem o porquê, perdem a sustentação e se desmancham como que por milagre, como o comunismo na Rússia.

Ao olhar para a história, vemos quantas estruturas sociais já foram dominantes em determinadas épocas e se desfizeram sem maiores explicações lógicas. Outro exemplo gritante é o Império Romano que parecia invencível, mas que se fragmentou e foi subjugado.

Como apresentado para reflexão anteriormente, a impermanência sempre estará presente.

E COMO FOI O DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO?

A cada momento avanços, às vezes vertiginosos, impulsionam a humanidade para novos patamares do conhecimento e do uso de instrumentos que facilitam a vida na Terra.

Novas ferramentas são disponibilizadas para facilitar as comunicações, os avanços médicos, a elaboração de trabalhos intelectuais, a segurança, as pesquisas, a produção e assim por diante.

Mais e mais conhecimentos brotam das mentes propiciando o surgimento de novos recursos para o progresso humano.

Daí a pergunta: inventamos ou descobrimos?

Para profunda reflexão: pode o homem inventar alguma coisa? Ou ele só pode recolher o que já está inventado na natureza e descobrir o jeito de juntar as partes e produzir algo de útil?

Outro fato curioso na observação da vida é: todas as descobertas se processaram do mais difícil de operar para o mais fácil e do menos eficiente para o mais eficiente. Tomemos o exemplo do rádio:

A descoberta da eletricidade em 1780 por Benjamin Franklin estimulou jovens pesquisadores a aprofundarem seus estudos nessa nova e desconhecida área. Após a pilha de Volta e os experimentos de Oersted, Faraday e Ampère,

James Maxwell, professor de física experimental da Universidade de Cambridge, Inglaterra, em 1863, demonstrou, teoricamente, a existência de ondas eletromagnéticas.

O jovem cientista alemão Heinrich Hertz, conhecendo o princípio da propagação radiofônica, com base nos estudos de Maxwell, desenvolve experiências em seu laboratório e faz com que faíscas saltem entre duas bolas de cobre separadas pelo ar, estabelecendo o princípio da propagação radiofônica, isto é, que ondas eletromagnéticas podem levar energia através da atmosfera.

O semanário inglês *The Economist*, em sua edição de 20 de maio de 1882, comenta: “A eletricidade e a luz elétrica são, muito provavelmente, as melhores invenções já feitas até hoje”.

Em 1895, na cidade de Bolonha, Itália, o estudante Guglielmo Marconi conseguiu transmitir sinais em código Morse no jardim de sua casa, sem o uso de fios. No ano seguinte, sua família mudou-se para a Inglaterra, onde Marconi pôde aperfeiçoar seu método de transmissão, chegando a milhas de distância. O sucesso desses experimentos rendeu-lhe o Prêmio Nobel de Física de 1909. Datam de 1904 patentes obtidas pelo padre brasileiro Landell de Moura para um “telefone sem fio” e um “telégrafo sem fio” que, se reconhecidos, o inscreveriam entre os precursores do rádio.

Daí em diante o avanço nessa área acelerou-se e hoje chegamos ao aparelho de telefone celular, maravilha tecnológica, que não sabemos onde vai parar, com a disponibilidade crescente a cada dia de recursos para a comunicação humana. Quem sabe no futuro já teremos um celular implantado no corpo para falarmos com todos permanentemente?

Contamos com inspirações preciosas que acompanham a humanidade, permitindo o aparecimento de ferramentas, instrumentos, equipamentos, objetos, veículos, que passam a fazer parte da nossa vida e nem prestamos atenção à sua existência, mas que sem eles ainda estaríamos nos primórdios do saber.

Não podemos esquecer de que tudo o que desfrutamos hoje já estava aqui antes de nós e que tudo o que viremos a descobrir ou inventar já está criado, só falta encontrar.

QUARTA POSSÍVEL CONCLUSÃO

Há forças poderosas a impulsionar o homem para o melhor. Por mais que figuras da história tenham tentado travar o progresso e impor sua dominação, aos poucos cada povo busca sua liberdade e independência política, financeira e religiosa.

Aqui terminamos nosso preparo para desembarcar na Terra. Pudemos examinar vários aspectos importantes da nossa futura estada, e mesmo que este tenha sido um exercício imaginário tardio, uma vez que em realidade já estamos embarcados e vivendo aqui sem preparação alguma, aproveitemos para ir revendo no dia a dia como administramos nossa vida e qual o direcionamento que damos a ela.

Antes de encerrar os pensamentos dos capítulos referentes aos temas “Sobre a Vida” e adentrarmos os capítulos dos temas “Sobre a Morte”, trazemos aos leitores um componente delicioso da intelectualidade humana, hoje bem menos utilizado a não ser em letras de música, mas que retrata a capacidade cerebral refinada a que temos acesso para produzir obras puramente mentais sofisticadas.

Apresentamos um poema de Olavo Bilac, príncipe dos poetas brasileiros (1865-1918), que traz uma mensagem de otimismo:

O Credo

*Crê no Dever e na Virtude!
É um combate insano e rude
A vida, em que tu vais entrar.
Mas, sendo bom, com esse escudo,
Serás feliz, vencerás tudo:
Quem nasce, vem para lutar.
E crê na Pátria!
Inda que a vejas,
Preza de ideias malfazejas,
Em qualquer época, infeliz,
– Não a abandones! porque a Glória
Inda hás de ver numa vitória
Mudar cada uma cicatriz.
E crê no bem! inda que, um dia,
No desespero e na agonia,
Mais desgraçado que ninguém,
Te vejas pobre e injuriado,
De toda a gente desprezado,*

– Perdoa o mal! E crê no Bem!
E crê no Amor! Se pode a guerra
Cobrir de sangue toda a terra,
Levando a tudo a assolação,
– Mais pode, límpida e sublime,
Caindo sobre um grande crime
Uma palavra de perdão!

Agrego ainda esta pérola preciosa, trecho do extraordinário poema *I-Juca Pirama*, com comentários de Rebeca Fuks, doutora em estudos da cultura:

O poema é de Antônio Gonçalves Dias (10/08/1823 – 03/11/1864), poeta maranhense, ícone do romantismo brasileiro. A obra, indianista, está dividida em dez cantos e foi publicada em 1851 no livro *Últimos Cantos*. O poema é composto por 484 versos protagonizados pelos índios das tribos Tupis e Timbiras.

RESUMO DESTE POEMA

Quem conta a história é um velho timbira testemunha do que se passou e resolve recontar os fatos. O cenário do poema escrito por Gonçalves Dias é a floresta brasileira. Já nos primeiros versos somos situados em meio à mata: “No meio tabas de amenos verdores, cercadas de troncos – cobertas de flores”.

As primeiras criaturas a serem apresentadas são os índios timbira, conhecidos como guerreiros valentes. Anos antes capturaram um prisioneiro de guerra tupi; o projeto era matá-lo. Ao final do terceiro canto, um dos índios timbira pediu que o prisioneiro se apresentasse e contasse um pouco da sua história de vida. O guerreiro respondeu assim:

*Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo Tupi.*

Ao longo do quarto canto ficamos conhecendo a história do índio tupi: as guerras que assistiu, os lugares por onde passou, a família que o rodeava. O pai, um velho cego e cansado, o acompanhava para todo lado. O filho era uma espécie de guia, que o conduzia sempre.

Apesar de ter um pai inteiramente dependente, para provar a sua honra, o índio tupi capturado se coloca à disposição da tribo timbira para servir como escravo.

O chefe da tribo timbira, ao ouvir o relato do prisioneiro, manda soltá-lo imediatamente afirmando que ele é um grande guerreiro. O tupi diz que parte, mas que, quando o pai estiver morto, irá regressar para servir.

O guerreiro finalmente encontra o pai moribundo e conta o que se passou. O velho decide regressar com o filho para a tribo timbira e agradece ao chefe a generosidade de tê-lo libertado, embora peça que o ritual seja cumprido e o filho seja castigado.

O chefe da tribo se recusa a seguir em frente e justifica que o cativo é um covarde, pois chorou diante dos inimigos e da morte. Como o plano era comer a carne do prisioneiro, o chefe temia que os seus índios se tornassem covardes assim como o tupi capturado.

O pai fica surpreso com a revelação feita pelo cacique porque os tupis não choram, menos ainda na frente dos outros, e amaldiçoa o filho:

*Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o covarde do forte:
Pois choraste, meu filho não és.
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!
Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a frente pousar.*

Para provar que é forte, corajoso, e para fazer valer a sua honra, o filho se volta, sozinho, contra a tribo timbira inteira. O pai percebe, pelo som da

batalha, que o filho luta bravamente. O chefe da tribo, então, intervém e pede que o conflito se encerre. Pai e filho, por fim, se reconciliam.

E ainda dentro dessas preciosidades encontramos o verso que, transportado para a nossa vida do dia a dia, nos dá uma mensagem que deve ser posta em prática sempre que as dificuldades nos assolarem a alma e tentarem nos desestruturar perante os problemas da vida:

*Não chores, meu filho, não chores,
Que a vida é luta renhida, viver é lutar.
A vida é combate, que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos, só pode exaltar.*

Essas palavras deveriam ser sempre o nosso objetivo de vida: lutar, ser bravo, ser forte pelas boas causas para que seja a nossa bagagem da viagem de retorno às origens.

Quero ainda transmitir a frase abaixo, de autor desconhecido. Adaptei sua redação e entrego aos leitores, certo de que é uma boa sugestão que se pode dar aos companheiros desta viagem:

Vivemos condicionados a duas circunstâncias da vida terrena: numa ponta, nascer; na outra, morrer. No intervalo decorrido entre elas, apesar dos percalços e obstáculos naturais que a vida apresenta, seja positivo e divirta-se.

(Autor desconhecido)

REFLEXÕES SOBRE O QUARTO TEMA

A vida terrena: qual sua finalidade?

Chegados até aqui, estamos prontos para o desembarque imaginário. Vamos olhar uma vez mais para o planeta que vamos habitar, analisemos as reflexões abaixo e estaremos assumindo a nossa posição terrena até que chegue o momento do desembarque:

1. Como você entende que se dará a ocupação populacional daqui para frente?
2. Você acredita que as ditaduras vão acabar de vez? E os reis e rainhas? O presidencialismo é um bom sistema? E o parlamentarismo? E o anarquismo, por exemplo, poderia ter sido uma solução? Existirão outros?
3. Os sistemas econômicos acabarão por distribuir bem a renda do mundo, ou é nosso destino ter sempre um desequilíbrio, trabalhando cada vez mais e ganhando menos?
4. Como se estruturará a família? E as uniões do mesmo sexo, sem prole, como influenciarão a vida futura?
5. As crenças religiosas serão as mesmas? O que você pensa sobre isso? Haverá mudanças ou não?

TEMA 5

O DESEMBARQUE: QUANDO IREMOS EMBORA?

REFLEXÃO

Temer a morte, senhores, nada mais é do que pensar que se conhece algo que se desconhece. Nenhum homem sabe se a morte poderá tornar-se, talvez, uma das maiores bênçãos para um ser humano; no entanto, as pessoas a temem como se soubessem, com certeza, ser a morte o maior dos males.

(Sócrates, perante a assembleia que deveria julgá-lo)

PROPOSTA

Pensar sobre a finitude do ser no planeta. Despertar para uma panorâmica sobre as múltiplas ideias que permeiam o pensamento humano sobre o amanhã, atrelada à realidade inexorável da morte física.

Nos quatro temas anteriores refletimos sobre os aspectos da vida terrena. Grandiosa pela sua construção, repleta de possibilidades experimentais, agradáveis e desagradáveis, dádiva extraordinária de forças que desconhecemos, que nos permitem vivenciar a infinita gama de emoções, positivas e negativas, inerentes ao que somos.

Contudo, ela traz na sua estrutura a morte. Mistério aos poucos desvendado, tabu ainda pouco estudado, ela é a dona da vida e senhora absoluta do nosso amanhã.

Na impossibilidade de saber com certeza o que é a morte, temos que adotar uma crença que nos conforte perante as perdas inevitáveis que nos aguardam. E esta é uma opinião interessante sobre o assunto:

Neale Donald Walsch em *Conversando com Deus*:

A vida não pode se dar para você se você não compreender a morte. Você deve fazer mais do que compreendê-la. Deve amá-la do mesmo modo que ama a vida. Seu tempo com cada pessoa seria muito melhor se você pensasse que era o seu último minuto com ela. Sua experiência de cada momento seria incomparável se achasse que era o último. O fato de você se recusar a pensar em sua própria morte o leva a se recusar a pensar em sua própria vida.

A morte nunca é o fim, mas sempre é o começo. A morte é uma porta se abrindo, e não se fechando.

A morte deveria lhe ensinar que o que é real é a vida. E a vida lhe ensina que o que é inevitável não é a morte, mas a impermanência.

A IMPERMANÊNCIA É A ÚNICA VERDADE

Quem tem medo da morte?

Todos que temem a morte têm medo do desconhecido, seja com as coisas da Terra, seja, mais ainda, com as coisas extraterrenas. Além disso, ideias aterrorizantes foram disseminadas através dos séculos, sem qualquer base lógica, mas que têm sido aceitas como possíveis verdades, com a consequente geração de temores e tristezas.

QUAIS SÃO AS HIPÓTESES PARA A MORTE?

- ✓ Nada.
- ✓ Julgamento com prêmios e castigos eternos.
- ✓ Continuação da vida de alguma forma.

QUAL DELAS VOCÊ ADMITE?

Saber mesmo ninguém sabe, mas se somos capazes de pensar e tirar ilações, então podemos fazer nossas escolhas. Analisemos o que outros já pensaram antes, cujo resultado são as muitas religiões espalhadas pelo planeta.

Os principais sistemas religiosos e tradições espirituais do mundo podem ser classificados em um pequeno grupo de religiões mundiais, mas não há um critério definido para isso. A busca por uma definição começou no século 18, quando se tentou observar o nível de civilidade das sociedades humanas ao redor do mundo.

De acordo com *The World Factbook*, documento elaborado pela CIA, a agência de inteligência dos Estados Unidos, com dados de 2012, os sistemas religiosos e espirituais com maior número de adeptos em relação à população mundial são:

Principais Sistemas Religiosos

Cristianismo	28%
Islamismo	22%
Hinduísmo	15%
Budismo	8,5%
Sem religião	12%
Outros	14,5%

Fonte: *The World Factbook*, documento elaborado pela Cia-Central Intelligence Agency

Estudos conduzidos pela *Pew Research Center* em 2009 mostram que, geralmente, nações mais pobres têm maior proporção de cidadãos que consideram a religião muito importante do que em nações ricas, com exceção dos Estados Unidos e Kuwait. A irreligiosidade e o ateísmo respondem por 14,27% e 3,97% da população mundial, seguidos pelas religiões étnicas indígenas.

Para uma visão maior dessa diversidade, vamos enumerar alguns sistemas conhecidos:

RELIGIÕES SEM LÍDERES

São alguns dos sistemas de crenças registrados pela história, sem que se identificasse quem os modelou: africanas, assírias, babilônicas, candomblé, egípcias, escandinavas, gregas, hindus (vedismo, bramanismo, hinduísmo), incas e astecas, indígenas, mexicanas, quimbanda, romanas, teuto, umbanda, xangô e xintoísta.

LÍDERES RELIGIOSOS

Existe ainda uma extensa lista de nomes, também registrados, de líderes religiosos que não apresentam uma vinculação direta com um sistema religioso, na condição de fundador.

No Anexo 4 (p. 191 e 192), disponibilizamos a lista dos maiores líderes religiosos da história, desde Abraão (2000 a.C.).

Jesus está na lista de líderes religiosos, mas observe que ele não fundou qualquer religião. Paulo, sim, difundiu como ninguém seus ensinamentos e essa difusão pode ser entendida como precursora do cristianismo como algo estruturado, mas tudo se discute.

ALGUMAS RELIGIÕES E SEUS LÍDERES

Existe também uma quantidade enorme de linhas de pensamento religioso adotadas em todo o mundo, sem nos esquecer de que aquelas citadas na tabela ao final deste livro são apenas as mais expressivas.

Vea no Anexo 5 (p. 193 e 194) as religiões mais expressivas do mundo, começando pelo judaísmo, estruturado por Moisés em 1391 a.C.

RELIGIÕES REENCARNACIONISTAS

Através dos tempos, muitas religiões seguiram a linha reencarnacionista, bem antes da codificação proposta pelos estudos de Allan Kardec, no século 19, e que veio a se chamar espiritismo.

Entre as religiões reencarnacionistas, conforme Anexo 6 (p. 195), destacamos uma das mais antigas, o hinduísmo, surgida na Índia 3000 a.C.

OUTRAS RELIGIÕES

Hare-Krishna, Seicho-No-Ie, Racionalismo Cristão, Messiânica, Rosa Cruz, Esoterismo, além da infinidade de correntes novas que surgem em grande número.

Como se nota, os sistemas de crenças desenvolvidos através dos séculos são variados e cada sistema se encaixa em um determinado grupo de pessoas que o aceita fielmente e assim deve ser respeitado.

A seguir, para nossa reflexão, seguem pensamentos expressados por figuras marcantes da história:

Buda:

- ✓ “A maior de todas as meditações conscientes é a meditação sobre a morte.”

Platão, em *Fédon*:

- ✓ “Os verdadeiros partidários do conhecimento são aqueles que nada mais praticam além da forma de morrer ou ir ao encontro da morte...”

Léon Denis, em *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*:

- ✓ A vida do homem é como o Sol das regiões polares durante o estio. Desce devagar, baixa, vai enfraquecendo, parece desaparecer um instante por baixo do horizonte. É o fim, na aparência: mas logo depois, torna a elevar-se, para novamente descrever a sua órbita imensa no céu. A maneira como cada qual sabe morrer é já, por si mesma, uma indicação de como, para cada um, será a vida do Espaço.

Freud, em 1915, no ensaio *Nossa relação com a morte*:

- ✓ (...) em suma, que a morte é natural, inegável, inevitável, contudo, nos comportamos como se não fosse assim. Demonstramos a

tendência inequívoca a deixar a morte de lado e eliminá-la da vida. Tentamos guardar um silêncio mortal sobre a morte (...) No fundo ninguém acredita na própria morte (...)

Carl Gustav Jung, em *O Homem Moderno em Busca da Alma*:

- ✓ “Mas se pudermos reconciliar-nos com a verdade misteriosa de que o espírito é o corpo vivo, visto de dentro, e o corpo é a manifestação externa do espírito vivo (...)”

Pierre Weil, em 1955, no livro *Psicologia Transpessoal*:

- ✓ “A tanatologia, ou ciência da morte, sobre a qual a psicologia transpessoal tem muito a dizer, trata de demonstrar a inexistência da morte a partir da inexistência de um ‘eu.’”

Philip Kapleau, em 1989, no livro *A Roda da Vida e da Morte*:

- ✓ Uma arte de morrer, viável em nossos dias, procuraria atenuar a atmosfera desumanizada da morte em hospitais, sinal trágico dos nossos tempos. Basicamente a medicina expressa profunda compaixão (...) A morte no hospital não é mais uma cerimônia ritual presidida pelo moribundo. Tornou-se um fenômeno técnico obtido pela cessação dos cuidados, determinado de forma mais ou menos reconhecida pela decisão do médico e da equipe hospitalar.

Jack B. Weissman, citado no *The New York Times*:

- ✓ Neste país a morte é um grande palavrão. Todos agimos como se fôssemos viver para sempre (...) estatisticamente o ritmo da morte é de uma por pessoa (...) as pessoas temem antes a forma como vão morrer e não o fato de que vão morrer (...)

Velho estribilho mexicano:

- ✓ “Acostume-se com a morte antes que ela chegue, pois os mortos só podem viver, e os vivos só podem morrer.”

Frase existente no portão de entrada do cemitério da cidade de Paraibuna, Vale do Paraíba, São Paulo:

- ✓ “Nós que aqui estamos por vós esperamos!” – traduzida do italiano, da célebre frase inscrita no Portão do Inferno, da obra de Dante Alighieri, em *A Divina Comédia*.

Woody Allen:

- ✓ “Não me importo de morrer; só não quero estar presente, quando acontecer...”

Emil Cioran:

- ✓ “A morte é a coisa mais segura e firme que a vida inventou.”

De um anônimo:

- ✓ “Quando morremos, deixamos atrás de nós tudo o que possuímos e levamos tudo o que somos.”

Epitáfio de Alexandre, o Grande:

- ✓ “Um túmulo basta agora àquele para quem não bastava o mundo inteiro.”

Ditado popular:

- ✓ “Para morrer, basta estar vivo.”

O QUE É A MORTE? A CESSAÇÃO DA ATIVIDADE FÍSICA OU MENTAL?

Morte pode ser definida como sendo o cessar irreversível:

- ✓ Do funcionamento de todas as células, tecidos e órgãos;
- ✓ Do fluxo espontâneo de todos os fluidos, incluindo o ar (“último suspiro”) e o sangue;
- ✓ Do funcionamento do coração e dos pulmões;

- ✓ Do funcionamento espontâneo de todo o cérebro, incluindo o tronco cerebral (morte encefálica);
- ✓ Do funcionamento completo das porções superiores do cérebro (neocórtex);
- ✓ Da capacidade corporal da consciência.

Maria Julia Kovacz, em *Educação para a Morte*, nos ensina:

Se não sabemos descrever o que seja a morte, tampouco sabemos simbolizar os primeiros momentos da vida. A morte é algo que não pode ser descrito, pensado, nomeado, algo frente ao qual não se encontram palavras.

Raymond Moody Junior, em *Vida Depois da Vida*, diz:

“Alguns dizem que a morte é a aniquilação da consciência; outros, com igual confiança, que morte é a passagem da alma ou da mente para uma outra dimensão da realidade”.

D. Scott Rogo, em *Vida Após a Morte*, filosofa:

“O estudo da experiência perto da morte pode muito bem ser a disciplina que unirá finalmente ciência e religião em uma causa comum”.

É curiosa e interessante a obra escrita por Orígenes Lessa, autor paulista, intitulada *A Desintegração da Morte*. Nela o autor imagina uma experiência em que se encontra a cura para a morte. E cria as situações que poderiam vir a ocorrer em função disso, resultando no descalabro total da sociedade chegando ao ponto de a ciência trabalhar para reinventar a morte. Recomendamos a leitura dessa obra muito bem escrita e bem-humorada.

Como vemos, o conceito morte é um fantástico mistério, que se sobrepõe a todas as artimanhas dos homens, nivela-os e deveria ser um instrumento para a fraternidade. Mas, infelizmente, não é.

QUINTA POSSÍVEL CONCLUSÃO

Embora com todos os avanços da ciência, pelo menos por enquanto não há fórmula mágica que nos livre da morte. Se ela é fatal para todos, o melhor a fazer é aceitá-la como companheira, e não inimiga, pois nosso último ato terreno será com ela.

REFLEXÕES SOBRE O QUINTO TEMA

O desembarque: quando iremos embora?

1. A morte é para mim um assunto sobre o qual normalmente não penso, não quero pensar, por ser algo que não me preocupa?
2. Tenho medo de morrer, ou não tenho? Por quê?
3. O que penso da cerimônia do enterro?
4. Sou a favor ou contra a cremação? Por quê?
5. Se é a favor, entende que as cinzas devam ser espalhadas ou preservadas?

TEMA 6

FIM DA VIAGEM ALHEIA: COMO OS OUTROS VÃO EMBORA?

REFLEXÃO

É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para a nossa vida na Terra e, se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora do nosso alcance.

(Elizabeth Kübler Ross, em Sobre a Morte e o Morrer)

PROPOSTA

Preparar o entendimento dos que ficam, para cuidar bem dos que estão prestes a partir. Afinal, todos poderemos e deveremos vir a precisar de quem cuide de nós. Nosso exemplo guiará os que forem incumbidos dessa tarefa.

Esse hábito cultural entre nós de que a morte é castigo, perda, pêsames, norteia nossa conduta perante esse fato natural da vida, com o qual ainda não aprendemos a lidar adequadamente. Analisemos várias constatações da médica e pesquisadora Elizabeth Kübler Ross, relatadas no seu excelente livro *Sobre a Morte e o Morrer*:

Um casal pode ter passado anos brigando, mas quando um deles morre, o outro arranca os cabelos, lamenta, chora. Grita, bate no peito em sinal de pesar, medo e angústia, temendo ainda mais a própria morte, acreditando na pena de Talião – dente por dente, olho por olho – sou responsável pela morte dele, em troca mereço uma morte horrível. Creio que deveríamos criar o hábito de pensar na morte e no morrer, de vez em quando, antes que tenhamos de nos defrontar com eles na vida.

Como vamos nos comportar perante um ente querido quando a possibilidade de sua morte próxima é conhecida?

“Despistamos, falamos de banalidades, do tempo maravilhoso lá fora e, se o paciente for sensível, fará nosso jogo falando da primavera que virá, mesmo sabendo que para ele a primavera não vem”.

As famílias de tais pacientes podem transmitir sentimentos de pesar e inutilidade, de desespero e desânimo, e nada acrescentar ao bem-estar do paciente. Este pode passar o curto espaço de tempo que lhe resta numa depressão mórbida, em vez de uma experiência enriquecedora.

“Saber compartilhar uma notícia dolorosa com um paciente é uma arte.”

Ainda, segundo a pesquisa de Ross, perante a morte anunciada como se comporta o paciente?

Segundo seu relato, reunindo o total de depoimentos, foi possível, na sua análise, formatar um padrão de comportamento que, naturalmente, não é sempre igual, mas que obedece a uma predominância:

1º ESTÁGIO - NEGAÇÃO E ISOLAMENTO

Ao tomar conhecimento da fase terminal de sua doença, a maioria dos mais de duzentos pacientes moribundos que entrevistamos reagiu com esta frase: “Não, eu não, não pode ser verdade”. A negação funciona como um para-choque depois de notícias inesperadas e chocantes, deixando que o paciente se recupere com o tempo, mobilizando outras medidas menos radicais. Sou a favor de falar sobre a morte e o morrer com pacientes, bem antes que isso ocorra de fato, desde que o paciente o queira.

2º ESTÁGIO - RAIVA

Quando não é mais possível manter firme o estágio da negação ele é substituído pelo sentimento de raiva, de revolta, de inveja e de ressentimento. Surge, lógica, uma pergunta: “Por que eu?”. O problema aqui é que poucos se colocam no lugar do paciente e perguntam de onde pode vir essa raiva.

Outro tipo de paciente-problema é o acostumado a controlar tudo a vida inteira, que reage com raiva e fúria ao ver-se forçado a abandonar os controles.

3º ESTÁGIO - BARGANHA

“Se Deus decidiu levar-me deste mundo e não atendeu a meus apelos cheios de ira, talvez seja mais condescendente se eu apelar com calma.”

A maioria das barganhas é feita com Deus, mantida geralmente em segredo, ditas nas entrelinhas ou no confessionário do capelão.

4º ESTÁGIO - DEPRESSÃO

Quando o paciente terminal não pode mais negar sua doença, sua revolta e raiva cederão lugar a um sentimento de grande perda.

Esta perda pode apresentar muitas facetas: imagem, finanças, emprego e tantos outros. As assistentes sociais e os capelães podem auxiliar muito nesta fase ajudando a reorganização do lar, sobretudo quando há crianças ou pessoas idosas solitárias, que necessitam de cuidados especiais. É impressionante como acaba rapidamente a depressão de um paciente, quando problemas vitais são cuidados.

O paciente não deveria ser encorajado a olhar o lado risonho das coisas, pois isso significaria que ele não deveria contemplar sua morte iminente. Dizer-lhe para não ficar triste seria contraproducente, pois todos nós ficamos profundamente tristes quando perdemos um ser amado.

5º ESTÁGIO - ACEITAÇÃO

Um paciente que tiver tido o tempo necessário, e tiver recebido alguma ajuda para superar tudo, atingirá um estágio em que não mais sentirá raiva

nem depressão quanto a seu destino. Terá podido externar seus sentimentos, sua inveja pelos vivos e sadios e sua raiva por aqueles que não são obrigados a enfrentar a morte tão cedo.

6º ESTÁGIO - ESPERANÇA

Ouvindo nossos pacientes em fase terminal, o que sempre nos impressionou foi que até os mais conformados, os mais realistas, deixavam aberta a possibilidade de alguma cura, a descoberta de um novo produto, ou que tivesse êxito um novo projeto de pesquisa.

Isso não significa que os médicos devam contar-lhes mentiras, mas que fazemos nossas as esperanças deles de que aconteça algo inesperado que possibilite uma recuperação, e vivam mais do que o previsto.

Muito ajudaria se as pessoas conversassem sobre a morte e o morrer como parte intrínseca da vida, do mesmo modo como não temem falar quando alguém espera um bebê.

VOCÊS ACHAM QUE O PACIENTE SEMPRE SABE QUE VAI MORRER?

Cicely Saunders, reconhecida como a idealizadora do Hospice – instituição para os cuidados paliativos aos pacientes terminais –, confirmou que a maioria dos pacientes está a par de sua morte próxima, quer tenham sido informados ou não.

Ela nasceu em 22 de junho de 1918, na Inglaterra, e dedicou sua vida ao alívio do sofrimento humano, graduou-se enfermeira, depois assistente social e médica. Escreveu artigos e livros que até hoje inspiram e guiam paliativistas em todo o mundo.

Em 1967, ela fundou o St. Christopher's Hospice, o primeiro serviço a oferecer cuidado integral ao paciente: controle de sintomas, alívio da dor e do sofrimento psicológico. Até hoje, o St. Christopher's é reconhecido como um dos principais serviços no mundo em Cuidados Paliativos e Medicina Paliativa.

Ela conseguiu entender o problema do atendimento que era oferecido em hospitais para pacientes terminais. Até hoje, famílias e pacientes ouvem de médicos e profissionais de saúde a frase: “Não há mais nada a fazer”.

A médica inglesa sempre refutava: “Ainda há muito a fazer”. Ela faleceu em 2005, em paz, sendo cuidada no St. Christopher’s.

Hoje, e muito tardiamente, já há no Brasil serviços dessa ordem conforme o *site* da Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP), que fez recentemente um levantamento sobre esses serviços disponíveis no país. O estudo foi realizado tendo como base o Mapa de Cuidados Paliativos – disponível em: <https://paliativo.org.br> –, que reúne todas as informações fornecidas pelas equipes atuantes no Brasil.

PRINCIPAIS DADOS DO PANORAMA

Foram contabilizados durante o levantamento 177 serviços de Cuidados Paliativos (CP) atuantes no país. Considerando-se que o país apresenta mais de cinco mil hospitais, sendo pelo menos 2.500 com mais de 50 leitos, apenas 7% dos hospitais brasileiros disponibilizam uma equipe de CP. Para efeito de comparação, levantamento de 2016 feito pelo Center for Advanced Palliative Care (CAPC) sobre o número de equipes de CP nos EUA, encontrou mais de 1.800 equipes atuando, cobrindo mais de 75% dos hospitais norte-americanos com mais de 50 leitos.

Temos muito para caminhar...

OUTRO SEGMENTO QUE MERECE ATENÇÃO É O DO AVC

O acidente vascular cerebral (AVC) é a doença que mais mata no Brasil e a que mais causa incapacidade no mundo: cerca de 70% das pessoas que sofrem um derrame cerebral não retornam ao trabalho e 50% ficam dependentes de outras pessoas no dia a dia.

Segundo dados da Organização Mundial de AVC (World Stroke Organization – WSO), 16 milhões de pessoas no mundo, por ano, têm AVC e, destes, seis milhões morrem.

Apesar desses números preocupantes, muita gente ainda tem dúvidas sobre o assunto e desconhece as principais causas, sintomas e maneiras de prevenir essa enfermidade.

O AVC acontece quando o suprimento de sangue que vai para o cérebro é interrompido ou drasticamente reduzido, privando as células de oxigênio

e de nutrientes. Ou, então, quando um vaso sanguíneo se rompe, causando uma hemorragia cerebral. Entre as causas dessas ocorrências estão a malformação arterial cerebral (aneurisma), hipertensão arterial, cardiopatia, tromboembolia (bloqueio da artéria pulmonar).

Há o acidente vascular cerebral isquêmico e o acidente vascular cerebral hemorrágico.

É importante prestar atenção aos sintomas para saber identificar um AVC e procurar ajuda médica o mais rápido possível.

Quanto mais cedo for tratado o acidente vascular cerebral – isquêmico ou hemorrágico –, melhores serão os prognósticos do paciente.

Então, fique atento se você ou alguém próximo apresentar algum dos seguintes sintomas:

- ✓ Fraqueza de um lado do corpo;
- ✓ Dificuldade para falar;
- ✓ Perda de visão;
- ✓ Perda da sensibilidade de um lado do corpo;
- ✓ Alterações motoras;
- ✓ Paralisia de um lado do corpo;
- ✓ Distúrbio de linguagem;
- ✓ Distúrbio sensitivo;
- ✓ Alteração no nível de consciência.

Há instituições ligadas à Rede Brasil AVC (www.redebrasilavc.org.br), em Santa Catarina, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Pernambuco e Minas Gerais. Na cidade mineira de Lagoa Santa, existe a Associação Mineira do AVC (www.amavc.com.br), entidade sem fins lucrativos, que nasceu do desejo urgente de alertar a população sobre os perigos do Acidente Vascular Cerebral.

QUAIS AS ATITUDES POSITIVAS DA FAMÍLIA PERANTE A MORTE ANUNCIADA?

Veja as sugestões de Maria Julia Kovacs em *Educação para a Morte*:

- ✓ Resgatar a capacidade de desejar aquilo que é mais importante, mesmo nos momentos finais da vida;

- ✓ Favorecer o *insight*, descobertas de si, até o momento da morte;
- ✓ Trabalhar o aprofundamento das relações significativas, podendo resolver pendências, mal-entendidos, recuperando (ou desenvolvendo) a capacidade de perdoar e ser perdoado;
- ✓ Favorecer a expressão e conclusão de assuntos inacabados;
- ✓ Estimular e buscar os recursos internos do paciente;
- ✓ Favorecer a ressignificação das principais experiências da vida;
- ✓ Promover a autonomia do paciente, sua dignidade como ser humano, bem como o exercício da sua competência;
- ✓ O moribundo que encontrou paz e aceitação de sua morte, tem de se separar, passo a passo, de seu ambiente, inclusive das pessoas mais queridas.
- ✓ Convém também lembrar a importância do papel dos familiares na aceitação da morte do seu ente querido, permitindo que faça a viagem de volta da forma mais tranquila possível.

COMO ADMINISTRAR BEM O TRANSTORNO QUE SIGNIFICA CUIDAR DE UM PACIENTE COM A VIDA EM RISCO?

Aos transtornos e preocupações com o doente, acrescidos das responsabilidades e dos afazeres do dia a dia, vem se juntar uma solidão maior e com frequência um ressentimento. A esperada ajuda de parentes e amigos pode não ser imediata, ou assumir formas que vão de desconcertantes para inaceitáveis.

Assim como o paciente em fase terminal não pode encarar a morte o tempo todo, o membro da família não pode, nem deve, excluir todas as outras atividades para só ficar ao lado do paciente.

Saber enfrentar esses dias ou semanas cruciais depende muito da estrutura e da união da família. Nessas horas recolhe-se todo o investimento feito no dia a dia durante anos de harmonia. Sem isso, a tristeza é potencializada e, às vezes, desastrosa.

QUEM DÁ A NOTÍCIA AO PACIENTE?

Quem recebe a notícia sobre a gravidade de uma doença tem uma tarefa muito espinhosa nas mãos. Em geral é assumida pelos médicos, mas nem sempre, infelizmente. Sem o preparo psicológico para isso, o choque torna-se muito maior do que poderia ser.

Tomamos conhecimento, por experiência própria, de um trabalho nessa área executado por um plano de saúde destinado aos idosos que incumbe médicos com excelente preparo para conversar com o paciente e familiares sobre o assunto.

E COMO FALAR COM AS CRIANÇAS SOBRE A MORTE?

A morte pode ser aterradora, desencadeando forças ainda não conhecidas.

É por esta razão que é tão importante conversar com crianças sobre o assunto, porque, se fantasiam ser possível morrer e “desmorrer”, como mostram os desenhos e histórias, como poderão elaborar a morte de verdade?

Wilma Torres, em seu livro *A Criança Diante da Morte: Desafios*, expõe extensas pesquisas dedicadas ao tema e que confirmam a percepção das crianças para a perda, e mostram que o assunto não pode ser encoberto.

Arminda Aberastury, psicanalista argentina, verificou em seus estudos com crianças a consciência delas de que as pessoas haviam morrido, mesmo quando não se falava sobre o assunto e demonstravam essa percepção em seus desenhos e atividades lúdicas.

E QUANDO A MORTE É SÚBITA? OU POR ACIDENTE, CRIME, SUICÍDIO?

Estas são as situações mais difíceis de serem assimiladas.

Usamos vários chavões para justificar tais mortes: “Deus quis assim”, “A vida é assim mesmo”, “É o destino quem manda” e outros tantos, mas nenhum consola de verdade.

São marcas indeléveis nas consciências que fazem sofrer muito e por muito tempo.

São experiências terríveis que cabem a alguns companheiros desta viagem e como tal deveriam ser entendidas.

Vemos constantemente exemplos louváveis de pessoas que aceitam o infortúnio com coragem e tocam suas vidas com determinação, aceitando a carga que receberam e transportando-a com serenidade.

Poucas palavras consolam e nesses eventos só mesmo o sistema de crenças bem arraçado pode confortar e sustentar o ânimo de quem sofre tais separações.

E DEPOIS DA MORTE?

A culpa talvez seja a companheira mais dolorosa da morte.

As pessoas tendem, de alguma forma, a chamar para si algum tipo de responsabilidade pela morte alheia, seja na doença ou no imprevisto. Mesmo que todos em volta afirmem que a pessoa não contribuiu de forma alguma para o evento, a mente humana fica se perguntando o que poderia ter feito para evitar o ocorrido.

São valiosos os testemunhos coletados pela pesquisa de Elizabeth Kübler Ross:

O vazio se faz sentir após o funeral, quando as pessoas se retiram. É nesta ocasião que os familiares se sentiriam gratos se houvesse alguém com quem pudessem conversar, especialmente se esse alguém tiver tido contato recente com o falecido, podendo contar fatos pitorescos dos bons momentos vividos.

Deixem o parente falar, chorar, gritar, se necessário. Deixem que participe, converse.

Se tolerarmos a raiva deles, quer seja dirigida a nós, ao falecido, ou contra Deus, teremos dado passos largos na aceitação sem culpa.

Muitas enfermeiras percebiam uma grande falta de treinamento nessa área e sabiam muito pouco sobre o seu papel diante dessas crises. Agora muitas respondem sem embaraço às perguntas que os pacientes lhes fazem sobre o futuro deles. Entretanto, fiquei admirada ao ver o número de clérigos que se conformavam em se servir de um livro de orações ou de um capítulo da Bíblia como único meio de comunicação com os pacientes, deixando de sentir as necessidades deles e se expondo a ouvir perguntas que não seriam capazes de responder.

Falar sobre a morte – objeto de repressão social – de um modo franco, sem complicações, não se servir da negação, e usar os termos morte e morrer.

Os pacientes com religião pareciam diferir pouco dos que não tinham. É difícil estabelecer a diferença, pois não ficou definido claramente o que caracteriza uma pessoa com religião. Entretanto, podemos dizer que encontramos bem poucas pessoas realmente religiosas, possuidoras de fé profunda.

Em lugar de sociedades dedicadas à criogenia, talvez devamos criar associações que tratem dos problemas da morte e do morrer, incentivando os diálogos sobre este assunto e ajudando as pessoas a viverem sem medo até que a morte chegue.

De fato, há pessoas investindo vultosas somas de dinheiro para preservarem seus corpos congelados (criogenia) a fim de esperarem os avanços da medicina, de tal modo que, quando a doença atual tivesse a sua cura encontrada, já não levaria seu corpo à morte.

É POSSÍVEL NOS EDUCARMOS PARA A MORTE?

Não só é possível como desejável. Hoje já há uma quantidade de instituições e profissionais dedicados ao tema e as pessoas têm se mostrado receptivas ao estudo do assunto e os cursos correlatos têm ótima frequência. O tabu vai caindo aos poucos, finalmente.

Maria Julia Kovacs, em *Educação para a Morte*, diz:

A realidade da morte defronta o médico com sua impotência. Por mais recursos tecnológicos de que ele disponha, ela sempre será vencedora. No entanto essa impotência não é verdadeira. Na verdade, a potência do profissional de saúde residirá justamente na sua capacidade de “estar ao lado”, dando as melhores condições de vida a seu paciente e continuando junto quando a morte inevitável vier.

O mais difícil não é lidar com a morte e sim acompanhar o paciente que está morrendo.

O escritor Rubem Alves, no livro *A Morte como Conselheira*, diz o seguinte:

Surge também o conflito entre o salvar e o curar, adiar a morte a todo custo e o cuidar, relacionado a uma boa qualidade de vida, mesmo que a morte sobrevenha. Hoje a morte foi definida como a inimiga a ser derrotada, e com isto nos tornamos surdos ao que ela pode nos ensinar, e com isto perdemos o que poderia se tornar conselheira sábia, para se tornar uma inimiga que nos devora por trás... pode-se recuperar a sabedoria se nos tornarmos discípulos e não inimigos da morte.

O QUE É SER UM PACIENTE TERMINAL? O QUE É ESTAR VIVENDO A FINITUDE PRÓXIMA? O QUE É CONVIVER COM A IDEIA DA MORTE IMINENTE? O QUE É ESTAR MORRENDO?

Estar morrendo todos estamos. Desde que nascemos começamos a morrer. O fato de ter uma provável data próxima é que apavora e angustia. Nada garante que os que estão em volta não possam ir primeiro. Portanto, emocionalmente convém haver aceitação e compreensão.

Evaldo A. D'Assumpção, em seu livro *Dizendo Adeus*, relata:

Aprendendo Tanatologia aprendi a exercer melhor a medicina, e especialmente a cirurgia plástica. Vendo nas pessoas muito mais do que um corpo deformado pela ação do tempo ou por traumas: um ser humano necessitando de cuidados físicos, mentais e espirituais. De tratamento, mas, sobretudo, de amor.

Se não procurarmos dedicar algum tempo da nossa vida a refletir sobre o sentido da vida e da morte, com certeza viveremos no medo e na angústia, os quais irão refletir-se também em todas as perdas que sofremos durante nossa vida. Separação, divórcio, perda de um cargo importante, aborto, acidentes, perda de emprego ou status social são “Morte em Vida”.

Muitas vezes, pessoas com uma forte vivência religiosa, ao sofrerem uma perda significativa, revoltam-se contra Deus. Sentem raiva de Deus e nem mais admitem fazer orações.

Outra desastrada ajuda que algumas pessoas tentam proporcionar está na clássica frase: “Seja forte! Aceite a vontade de Deus!”.

Talvez a maneira mais adequada seria agir aprofundando mais o nosso conhecimento do que o enfermo realmente pensa e já sabe.

Outra coisa muito importante é verificar se houve alguma disposição prévia do falecido, ou, em sua falta, se há vontade da família, para a doação de órgãos para transplantes.

Com certeza, quem morre não precisará de nenhuma das partes do seu corpo numa outra vida. Nosso corpo é apenas a expressão biológica de nossa individualidade.

Na realidade, o velório não pertence ao morto, e sim aos que ficam.

O velório é um momento riquíssimo na elaboração do luto. Por isso ninguém deve privar-se dele.

Crianças, por não terem assistido ao sepultamento, podem criar uma fantasia de que a pessoa não morreu, que ela está apenas escondida em algum lugar, e o que é pior, que ela se esconde, porque já não a ama e não quer vê-la mais.

Toda emoção sem expressão pode virar depressão, e esta, sem tratamento, pode matar.

Frases como “Eu sei exatamente o que você está sentindo” são falsas. Ninguém é capaz de sentir a dor do outro.

Nenhuma palavra, por mais bonita que seja, vale mais do que um abraço, um segurar a mão com amor e solidariedade. Um ponto essencial: nesse momento nunca tente inibir o sofrimento por meio de autocontrole. O que não for expresso no momento que surge, certamente será expresso algum tempo depois. E quase sempre ampliado e de maneira bastante inadequada. Quem sabe, até inoportuna.

Receber ajuda é muito mais difícil do que dar ajuda. Quando ajudamos, temos a sensação de fortaleza, de sabedoria, de poder.

Quando somos ajudados, costumamos imaginar-nos fracos e incapazes. Por isso mesmo gostamos mais de ajudar que ser ajudados.

O grande problema está no fato de que muitas pessoas dizem ter fé, dizem acreditar, mas, quando são colocadas frente a frente com a realidade, toda sua crença simplesmente desaba.

Quem não tem fé bem alicerçada vive em constante estado de medo. Não confia no amor de Deus, mas tem medo de sua ira.

DOENÇAS PSICOLÓGICAS

No livro *Com a Vida de Novo – uma abordagem de autoajuda para pacientes com câncer* (O. Carl Simonton, Stephanie Matthews-Simonton e James L. Creighton, Summus Editorial, título original: *Getting Well Again*), podemos verificar como são comuns os episódios em que, em função de perdas, dá-se o aparecimento de tumores ou outros males físicos.

Existem casos, inclusive, de esposas ou esposos que, no prazo de um ano após a morte de seu cônjuge, desenvolvem uma doença grave, que evolui rapidamente para a morte. Isto poderia ser evitado se as pessoas expressassem, inclusive para si mesmas, seus sentimentos, a fim de vivenciá-los e digeri-los, dissipando-os por meio da elaboração.

Por que alguns pacientes ficam curados e outros não, quando o prognóstico é o mesmo para uns e outros?

A partir da experiência adquirida ao tratar de centenas de pacientes no famoso *Cancer Counseling and Research Center*, em Dallas, Texas, o casal Simonton descobriu uma base científica para a “vontade de viver”.

Neste livro eles mostram como a reação de alguém ao estresse e a outros fatores emocionais pode contribuir para o início e a progressão de um câncer e como expectativas positivas, a consciência e o cuidado consigo mesmo podem contribuir para o controle e até a cura da doença.

Com a Vida de Novo oferece as mesmas técnicas de ajuda usadas com grande sucesso pelos pacientes da clínica dos Simonton, possibilitando resultados extraordinários. No Brasil, o método Simonton é aplicado pelo CORA - Centro Oncológico de Recuperação e Apoio (www.coracentrooncologico.org.br).

Nos casos em que a pessoa tiver impulsos de chorar, gritar, espernear, socar objetos, ou outras manifestações de inconformismo e sofrimento, é melhor desabafar esses sentimentos do que os reprimir e carregar a mágoa, o que lhe será altamente prejudicial.

Finalizamos com esta reflexão do Dr. Evaldo A. D’Assumpção:

A morte não é problema para os que partem e sim para os que ficam. Isso não significa que não devemos amar as pessoas. Significa sim, que não devemos ter apego a elas. Como não devemos ter apego a nada neste mundo. Nem sequer à própria vida. O apego é a maior causa dos sofrimentos humanos. Por nos julgarmos donos das pessoas é que sofreremos tanto quando as perdemos. Elas não são propriedades nossas. Amar não é ser dono.

SEXTA POSSÍVEL CONCLUSÃO

Aumenta, cada vez mais, a consciência médica e dos demais profissionais da saúde relativamente à necessidade de serem ministrados, além dos remédios e procedimentos clínicos e técnicos, os cuidados paliativos aos pacientes e familiares. Aumenta, também, a dificuldade da família em cuidar dos seus doentes, pelo acúmulo de afazeres na vida moderna. Saber administrar esses momentos representa a preservação da saúde psicológica de todos.

REFLEXÕES SOBRE O SEXTO TEMA

O fim da viagem alheia: como os outros vão embora?

1. Agora que estou fazendo esta análise da vida planetária, será que estou mais apto a compreender sua transitoriedade e que a qualquer momento posso ter que me desligar dos que me cercam?
2. Compreendo, também, que nada me pertence, mas que tudo é para meu uso e cuidado?
3. Como cuidador de tudo o que fica à minha disposição no planeta, inclusive os outros seres que integram o meu círculo íntimo de relacionamentos, é do meu entendimento que tenho compromisso com o bem-estar deles, assim como eles terão, por decorrência, com o meu?
4. Na hora das crises pelas quais poderão passar meus familiares estarei disposto a dar minha colaboração, meu tempo e minha companhia para que superem o problema, tanto física quanto espiritualmente?
5. Estarei disposto a aceitar a perda do ente querido, não como algo que me foi tirado, mas apenas separado?

TEMA 7

O FIM DA NOSSA VIAGEM: COMO NÓS IREMOS EMBORA?

REFLEXÃO

Prossegue na obra de libertação de tua alma, fazendo escolha judiciosa e ponderada de todas as coisas, de modo a assegurar a vitória do que em ti existe de melhor: o Espírito. Assim, quando abandonares teu corpo material, elevar-te-ás no éter, e, deixando de seres mortal, revestirás tu mesmo a forma de um deus imortal.

(Pitágoras)

PROPOSTA

Analisar o nosso comportamento atual perante o inevitável: vamos morrer. Estamos preparados ou vivemos como imortais? O que pensaram nossos ancestrais a respeito? O que podemos fazer para morrer bem?

Podemos questionar se temos um tempo certo para estar aqui, e então a nossa partida dar-se-á de forma programada, isto é, a hora de ir ou não, independe da nossa exclusiva vontade, pois são tantos os casos em que as circunstâncias indicariam a morte e, no entanto, a pessoa sobrevive de maneira “miraculosa”.

Por outro lado, as possibilidades de morrer são tantas, em face da fragilidade do ser, que se pode dizer que o acidente não é morrer, mas continuar vivo.

COMO SE MORRIA ANTIGAMENTE?

Vejamos algumas teses de pesquisadores que se detiveram sobre o assunto.

Neandertal - 50.000 anos

- ✓ “A atitude do homem para com os seus mortos devia ser uma mistura de respeito, temor, veneração e preocupação por seu bem-estar. Tais cuidados supõem, todavia, a ideia de um prolongamento da existência depois da dissolução do corpo.”

(E. O. James, em *La Religion Prehistorique*)

Idade da Pedra - 15.000 anos

- ✓ “Qualquer que seja o sentimento experimentado pelos homens da Idade da Pedra diante da morte de seus congêneres, é certo que eles os enterravam com muito cuidado e, sem dúvida, com mais amor do que receio. Se não tinham elaborado uma metafísica importante, pelo menos deviam acreditar, em certa medida, na sobrevivência além da morte.”

(Jean-Marc Brissaud, em *As Civilizações Pré-Históricas*)

Suméria - 5.000 a.C. (antes das civilizações egípcia e chinesa)

- ✓ “O homem está destinado por essência ao infortúnio. É criado com a única finalidade de ‘carregar o jugo dos deuses’. Quando morre vai para o inferno, reino do qual não se volta nunca. Não é um lugar para tormento, mas apenas o lado sombrio da vida sob a vigilância de terríveis guardiães.”

(Amar Handani, em *Suméria: A Primeira Grande Civilização*)

Assur e Babilônia

- ✓ “Na origem, o homem venera as forças e os fenômenos naturais aos quais está sujeito. Cultua os animais, bons ou maus, úteis ou a serem temidos, bem como rios, montanhas, cumes, nuvens, raios, tempestades. Evoca os mortos, que aparecem nos sonhos como sombras.”

(Georges Conteneau, em *A Civilização de Assur e Babilônia*)

Egípcios - 3.000 anos a.C.

- ✓ “Deus criou os homens; Deus é o senhor da morte. A morte, como a vida, é um elemento da ordem do mundo: é inevitável. O homem que tem medo da morte, que a vê como uma privação dos bens de que gozava na terra, não cessa de exorcizá-la. Para o Egito antigo a vida era somente uma passagem sobre a Terra, uma etapa antes da verdadeira vida. Toda prática funerária, mumificação, túmulos e textos, só tem um objetivo: abrir o mundo dos mortos, conformar sua alma e seu corpo no último instante.”

(Jean-Marc Brissaud, em *O Egito dos Faraós*)

Índia

- ✓ As principais religiões da Índia são quatro: hinduísmo, budismo, jainismo e sikhismo.

Os princípios básicos comuns são: as almas depois da morte, e mesmo durante a vida, podem assumir formas animais e vegetais, e os *brahmanas* ensinam que a morte pode repetir-se sem fim no outro mundo. Mas para o asceta que, dominando os sentidos e o espírito, libertou-se da personalidade e sentiu a identidade do *atman* e do *brahman*, já não é necessário viver e morrer sem cessar, já não há consciência depois da morte.

Persas

- ✓ “A escatologia individual é dominada pela ideia da viagem da alma em direção ao céu. A alma atravessa a difícil passagem do mundo para o dos mortos chegando à ponte Cinvat. Lá ela será julgada. Depois, uma bela jovem, acompanhada por dois cachorros, conduzirá a alma crente para além da ponte, em direção ao mundo

haetu que delimita a fronteira celeste. Se falta pureza à alma, ou se ela não reflete a retidão de caráter, o dever perfeitamente cumprido, não poderá atravessar a ponte e entrar no convívio dos bem-aventurados.”

(Jean-Jacques Moureau, em *A Pérsia dos Grandes Reis e de Zoroastro*)

Os Hititas

- ✓ “Os deuses intervêm diretamente na existência dos homens para protegê-los, mas também para puni-los, pois a humanidade é má.”

(Philippe Conrad, em *Os Hititas e as Antigas Civilizações Anatolianas*)

Astecas

- ✓ “Os deuses, companheiros permanentes do homem, não se deixavam, jamais, esquecer, sendo suas exigências maiores do que os benefícios.”

(Jean Marcilly, em *A Civilização dos Astecas*)

Maias

- ✓ “Os réprobos quando morriam iam para o *Mitnad*, o mundo inferior onde impera um frio insuportável. No pensamento Maia, a morte, as enfermidades, as taras, não tinham um caráter accidental ou natural, mas os justos castigos de erros passados, enviados pelos deuses irados.”

(Guy Annequin, em *A Civilização dos Maias*)

Incas

- ✓ “Os Incas estavam convencidos de que a Terra era frequentada por mortos que haviam escolhido como domicílio os objetos naturais, a fim de poder continuar a influenciar o destino de seus descendentes.”

(Jean-Claude Valla, em *A Civilização dos Incas*)

Cristianismo Primitivo

- ✓ “Os fiéis cristãos não têm, em relação aos defuntos, o mesmo sentimento que os adeptos do paganismo. Nenhum medo em relação a fantasmas maléficos. O cristão morto não sente nenhum desejo de retornar ao lar, assim como nenhum sentimento de vingança pode guiá-lo. Também não se pode sentir melancolia ou resignação diante da tumba dos entes queridos. A crença na imortalidade da alma e o dogma da ressurreição fazem considerar o morto como um ser sempre presente.”

(Stan-Michel Pellistrandi, em *O Cristianismo Primitivo*)

Islamismo

- ✓ “Toda alma provará o sabor da morte e, no Dia da Ressurreição, sereis recompensados integralmente pelos vossos atos; quem for afastado do fogo infernal e introduzido no Paraíso, triunfará. Que é a vida na terra senão um prazer ilusório?”

(3ª Surata, versículo 185)

Em sua obra *O Homem Diante da Morte*, Philippe Aries nos diz:

Vamos de início nos perguntar muito ingenuamente como morriam os cavaleiros da Canção de Rolando, nos romances da Távola Redonda, nos poemas de Tristão... Eles não morriam de qualquer maneira: a morte era regulamentada por um ritual costumeiro descrito com benevolência. A morte comum, normal, não se apoderava traiçoeira das pessoas, mesmo quando era acidental em consequência de ferimento e mesmo quando era efeito de demasiada emoção, como acontecia.

Essa crença de que a morte avisa, que atravessou muitos séculos, sobreviveu por muito tempo nas mentalidades populares.

A simplicidade familiar era um dos dois caracteres necessários da morte. O outro era sua publicidade: esta persistirá até o fim do século XIX. O moribundo devia ser o centro de uma reunião.

Sempre se morria em público. Daí o sentido forte da palavra de Pascal, de que não se morre só, porque nunca se estava só fisicamente no momento da morte. Hoje isso tem apenas um sentido banal, já que na verdade temos todas as chances de morrer na solidão de um quarto de hospital.

A atitude antiga, em que a morte está ao mesmo tempo próxima, familiar e diminuída, insensibilizada, opõe-se demais à nossa, onde nos causa tanto medo que nem ousamos dizer-lhe o nome.

De fato, experiências demonstram que as pessoas em geral, mesmo as que acreditam na sobrevida, resistem a falar da sua morte próxima com os familiares.

Entretanto, como em todas as demais ocasiões em que temos problemas na vida, discutir o assunto calmamente é a válvula para descarregar as angústias, ansiedades e expectativas sobre tão delicado momento. O melhor conselho para quem tem tempo, antes de morrer, de se abrir, expressar desejos e rememorar lembranças é: faça-o.

A frase que se segue é um bom estímulo à reflexão sobre o que faremos quando chegar a nossa hora de deixar o planeta em viagem de retorno: limpe seu interior, perdoe a tudo e a todos, valorize tudo o que foi bom e ressignifique o que foi mau, distribua o que tem e acredite num amanhã melhor, seja ele do modelo que for, de acordo com sua crença.

COMO SE MORRE ATUALMENTE?

Não é fácil encontrar estatísticas sobre os locais onde a morte mais tem acontecido. Nem mesmo no site do Ministério da Saúde há dados estatísticos sobre locais das mortes, mas indícios levam a crer que hoje em dia o local onde mais indivíduos morrem é nos hospitais ou em outros estabelecimentos de saúde. No atestado de óbito, há um campo para identificar o local da morte, com as seguintes categorias:

- ✓ Hospital
- ✓ Outro estabelecimento de saúde (a partir de 1998)
- ✓ Domicílio
- ✓ Via pública
- ✓ Outros
- ✓ Ignorado

Embora por esses campos seja possível montar uma estatística, até hoje não se tem a divulgação desses dados.

COMO SE CHORA HOJE?

Muito pouco em relação ao passado, quando se contratavam até carpideiras para chorar nos enterros. Hoje em dia, relativamente poucas pessoas choram nos velórios, onde, muitas vezes, sequer há respeito pelo luto, prevalecendo conversas fúteis e, principalmente, não abrindo mão de usar o aparelho de telefone celular.

COMO SE CULTUA HOJE?

Também muito pouco. Os lutos prolongados terminaram. A figura do falecido é logo esquecida e pouco cultuada, mesmo quando foi figura pública proeminente.

O QUE SERIA IDEAL?

Talvez modificar a rotina do enterro? Menos fúnebre, menos preto, menos pêssames e mais conforto efetivo?

Uma das poucas referências onde encontramos uma explicação para o que se pode dar no momento da morte, uma vez aceita a ideia de que o ser não morre, mas tão somente o corpo, e, portanto, o espírito, alma, consciência, ente, ou outro nome que se queira dar à parte imaterial do indivíduo, pode ser lida em *O Livro dos Espíritos*, codificado por Allan Kardec e publicado em 1857:

- ✓ Pergunta 154 – **A separação da alma e do corpo é dolorosa?**
Resposta: *Não; o corpo, frequentemente, sofre mais durante a vida do que no momento da morte; neste, a alma nada sente.*
- ✓ Pergunta 155 – **Como se opera a separação da alma e do corpo?**
Resposta: *Os liames que a retinham, estando rompidos, ela se desprende.*
- ✓ Pergunta 155a – **A separação se opera instantaneamente, numa transição brusca? Há uma linha divisória bem marcada, entre a vida e a morte?**

Resposta: *Não; a alma se desprende gradualmente e não escapa como um pássaro cativo subitamente libertado. Os dois estados se tocam e se confundem, de maneira que o Espírito se desprende pouco a pouco de seus liames; estes se soltam e não se rompem.*

Camille Flammarion, em *A Morte e Seu Mistério*:

O corpo é somente um vestuário orgânico do espírito: ele passa, muda, desagrega-se; o espírito permanece. A matéria é uma aparência para o corpo do homem como para o resto. O Universo é um dinamismo. Uma força inteligente rege tudo. A alma é indestrutível.

Richard Simonetti, em *Quem Tem Medo da Morte?*:

O primeiro passo é o de retirar da morte o aspecto fúnebre, mórbido, temível, sobrenatural... Há condicionamentos milenares nesse sentido.

Há pessoas que simplesmente recusam-se a conceber o falecimento de um familiar ou o seu próprio. Transferem o assunto para um futuro remoto. Por isso se desajustam quando chega o tempo da separação.

Como estar preparados para a morte e poder morrer bem a qualquer momento?

SOCIALMENTE

Evitar conflitos – rompimentos eternos. Um dos maiores erros cometidos por boa parte das pessoas é o de cortar relações com os outros por conta de desentendimentos.

Se precisar até discuta, para defender uma boa causa. Mas nunca rompa drasticamente o relacionamento. Até se afaste, se for o caso, mas sempre deixe uma fresta aberta. Sempre é melhor um amigo distante a mais do que um inimigo perto ou longe.

Ninguém deveria estar rompido para sempre porque a história mostra que, na absoluta maioria dos casos, os rompidos gostariam de se reconciliar antes de morrer.

Então para que esperar até o último momento? Mesmo porque, não sabendo quando será este último momento, é bom que estejamos sempre de prontidão e, portanto, em condições de falar com qualquer um a qualquer hora.

MATERIALMENTE

Patrimônio

É sempre bom que alguém da família conheça a situação dos bens: quais são, onde estão, que documentos existem, senão os herdeiros poderão sofrer grandes agruras para regularizar, e até mesmo caírem na mão de espertalhões que vão dilapidar o patrimônio conquistado.

A história, os romances e os tribunais estão repletos de casos em que a desinformação sobre os bens causou grandes transtornos para os herdeiros. Fuja disso.

Finanças

Da mesma forma, a situação ideal é que a situação financeira seja do conhecimento de pessoa ou pessoas próximas, se há dívidas a serem quitadas, investimentos ou outros valores a serem levantados e compromissos a serem cumpridos.

Seguros

É importante que existam para que leguem alguma disponibilidade financeira para os familiares. Mas a família precisa estar informada da existência deles a fim de que possa recebê-los.

A quantidade de prêmios de seguro não reclamados é muito grande, especialmente quando a contratação não foi feita por um agente especializado.

Sucessão

Uma das partes mais árduas de ser administrada quando não há preparo para ela. As histórias de desentendimentos, brigas feias e até de crimes são deploráveis e comuns. A perda dos bens por causa do desacordo familiar também é bastante frequente.

O Brasil é cheio de exemplos de grandes impérios empresariais que ruíram com a morte do fundador, porque a sucessão não foi preparada. Mas também tem bons exemplos de continuidade e até grande crescimento nas mãos dos herdeiros.

Nos casos familiares, ainda que envolva pequenos valores, o ideal é que se conheçam a vontade e a orientação dos titulares dos bens para que haja harmonia na transição.

Até os objetos pessoais – um colar, um relógio, quadros etc. – podem e devem, se há tempo, ser destinados a quem for do desejo de quem vai se ausentar.

Doação de órgãos - sepultamento - cremação

O ideal é que a família conheça de antemão o desejo da pessoa falecida.

A doação e a cremação, quando preestabelecidas, facilitam totalmente as decisões difíceis a serem tomadas nessas horas e evitam divergências e conflitos de opiniões desnecessários.

Por outro lado, no caso de sepultamento, é importante que se tenha sempre em ordem a documentação do túmulo, ou qual é a vontade da pessoa em relação ao local do sepultamento quando há mais de uma opção.

Há famílias que não têm túmulo e, na hora do enterro, cria-se uma enorme confusão para definir o local, tendo, às vezes, que ser comprado às pressas gerando uma despesa enorme, não prevista, e sujeita à exploração de oportunistas que podem aparecer nessas horas.

INTELECTUALMENTE

Aceitação

- ✓ Se acreditamos que após a morte é o nada, nada temos com que nos preocupar.
- ✓ Se acreditamos que a vida continua, temos duas vertentes:
 - quem morreu não pode comunicar-se – nada temos a fazer;
 - pode manter eventual contato com este ambiente.
- ✓ Devemos orar mentalmente, emitir energias positivas pelo pensamento e assumir a postura que acreditamos que a pessoa gostaria que tivéssemos em relação a ela. Com certeza nunca será a de tristeza infinda.

E quais os pontos importantes a serem pensados como aqueles que dignificam a morte?

1. Poder partir sem ter deixado para trás nada que nos envergonhe.
2. Se possível, deixar estruturada a sucessão tanto referente a grandes quanto a pequenos bens.
3. Deixar expressa para a família suas vontades referentes ao destino do corpo ou a outras providências decorrentes da sua ausência.

Há hoje um documento que pode ser elaborado pela própria pessoa, ou por um profissional do Direito com assistência de um médico, que se chama Testamento Vital, ou Diretivas Antecipadas de Vontade.

Em linhas gerais, o testamento vital nos ordenamentos jurídicos estrangeiros tem como conteúdo disposições de recusa e/ou aceitação de tratamentos que prolonguem a vida.

A pessoa expressa através dele suas vontades com relação aos tratamentos que deva receber se ficar incapaz de se comunicar durante sua internação hospitalar ou doméstica. Se deseja receber cuidados intensivos ou apenas paliativos.

No Brasil não existe, hoje, legislação específica sobre o tema e nenhuma determinação legal para formalização do testamento vital. Por este motivo os cuidados devem ser ainda maiores.

4. Ter colaborado para que a Terra esteja um pouco melhor quando a deixarmos em relação ao que era quando aqui chegamos.

Convém lembrar um conhecido ditado: “Quando aqui chegastes, todos riam e só tu choravas; parte de tal maneira que todos chorem e só tu sorrias”.

Não perder de vista que para administrar bem a morte é preciso ter administrado bem a vida.

Perguntaram ao Dalai Lama: “O que mais o surpreende na Humanidade?”.
E a resposta foi a seguinte:

Os homens... porque perdem a saúde para juntar dinheiro, depois perdem o dinheiro para recuperar a saúde. E por pensarem ansiosamente no futuro, esquecem do presente de tal forma que acabam por não viver nem o presente nem o futuro. E vivem como se nunca fossem morrer e morrem como se nunca tivessem vivido.

Não é fácil, mas tente escrever o que vai sugerido abaixo. Se você conseguir, terá dado um grande passo em direção à compreensão da sua finitude:

Necrológio

Os jornais costumam dedicar algumas linhas para falar algo sobre a vida de quem foi embora, quando essa pessoa tem nome público.

Afinal, todos temos um nome público, pelo menos para os familiares e os amigos.

Então escreva você mesmo uma “historinha” da sua vida para ficar registrada nos anais familiares.

Epitáfio

Escreva a frase que você gostaria que sua família gravasse no seu túmulo, ainda que não venha a ter um, se optar pela cremação.

Eu já escolhi a minha: “Durante a vida, pesquisou muito tentando entender a morte. Agora conseguiu”.

Cerimônia fúnebre

Deixe, se quiser, registrado o seu desejo de como deveria vir a ser o seu funeral.

SÉTIMA POSSÍVEL CONCLUSÃO:

Estar preparado para morrer não significa viver morbidamente, mas sim tendo consciência de que a qualquer momento podemos desembarcar da nave e deixar para trás algo que não gostaríamos de ter feito.

REFLEXÕES SOBRE O SÉTIMO TEMA

O fim da nossa viagem: como nós iremos embora?

1. Temos hoje bilhões de habitantes no planeta, conseqüentemente bilhões de diferentes vidas. Umas irrelevantes para o todo, outras muito marcantes. Como você avalia que tem sido a sua?
2. E nessa trajetória, cultivou mais amigos ou criou mais inimigos?
3. Estaria disposto, se tiver inimigos ou relacionamentos mal resolvidos, a sanear-los já?
4. Se você vier a faltar hoje mesmo e tem família que depende financeiramente de você, o que aconteceria? Há alguma providência que possa ser tomada para evitar o pior?
5. Intimamente, e só para si mesmo: está preparado para morrer?

TEMA 8

A VIAGEM CONTINUA: E DEPOIS QUE FORMOS EMBORA?

REFLEXÃO

Meu interesse está no futuro, pois é lá que eu vou passar o resto da minha vida.

(Charles Kattering)

PROPOSTA

Levantar as hipóteses para o pós-morte, sem procurar estabelecer uma como a única plausível.

O CÉTICO E O ESPERANÇOSO – UM APÓLOGO MODERNO

Segue texto de autor desconhecido, com trecho de um diálogo entre dois bebês ainda no ventre da mãe:

— *Você acredita na vida após o nascimento?*

— *Certamente. Algo tem que haver após o nascimento. Talvez estejamos aqui principalmente porque nós precisamos nos preparar para o que seremos mais tarde.*

— *Bobagem, não há vida após o nascimento. Como verdadeiramente seria essa vida?*

— *Eu não sei exatamente, mas certamente haverá mais luz do que aqui. Talvez caminhemos com nossos próprios pés e comeremos com a boca.*

— *Isso é um absurdo! Caminhar é impossível. E comer com a boca? É totalmente ridículo! O cordão umbilical nos alimenta. Eu digo somente uma coisa: A vida após o nascimento está excluída – o cordão umbilical é muito curto.*

— *Na verdade, certamente há algo. Talvez seja apenas um pouco diferente do que estamos habituados a ter aqui.*

— *Mas ninguém nunca voltou de lá, depois do nascimento. O parto apenas encerra a vida. E afinal de contas, a vida é nada mais do que a angústia prolongada na escuridão.*

— *Bem, eu não sei exatamente como será depois do nascimento, mas com certeza veremos a mamãe e ela cuidará de nós.*

— *Mamãe? Você acredita na mamãe? E onde ela supostamente está?*

— *Onde? Em tudo à nossa volta! Nela e através dela nós vivemos. Sem ela tudo isso não existiria.*

— *Eu não acredito! Eu nunca vi nenhuma mamãe, por isso é claro que não existe nenhuma.*

— *Bem, mas às vezes quando estamos em silêncio, você pode ouvi-la cantando, ou sente como ela afaga nosso mundo. Saiba, eu penso que só então a vida real nos espera e agora apenas estamos nos preparando para ela...*

Chegamos ao final destas reflexões. Naturalmente, os assuntos são inesgotáveis. Foram apenas levantados.

Cabe a cada um de nós, se algo nos marcou internamente, passar a viver observando a vida e a morte à nossa volta, para darmos maior valor à beleza da vida, sua potencialidade e, também, estar preparados para a nossa morte quando ela vier.

Especular sobre nosso futuro, após deixarmos o planeta, é tão vasto quanto o universo. Não existe nada, ainda, que comprove de forma cabal o que nos espera e se nos espera.

Contudo, sendo livres para pensar e admitir qualquer das hipóteses, as pessoas fazem suas escolhas conforme repercutem no seu íntimo.

Seria obrigação de todos terem interesse pelo amanhã e com isso encontrarem a melhor resposta que lhes traga a paz interior.

Do que estudamos, a que apresenta a maior coerência, e as maiores evidências práticas de como as coisas devem ser, é a doutrina espírita. Seu estudo aprofundado, não superficial e despidido de “igrejismos” e preconceitos sectários envoltos em religiosidade, abre uma fronteira de compreensão que merece ser pesquisada a fundo.

A pesquisa séria dos fatos chamados paranormais, bem como as comunicações atribuídas aos desencarnados, que ocorrem em todo o planeta, tanto nos meios espíritas quanto fora dele, sugerem fortemente que as comunicações de mente a mente são reais, as aparições também, bem como as manifestações de curas.

Tudo serve para aumentar o interesse pelo assunto, mas tudo mostra a necessidade do estudo e compreensão de como essas comunicações acontecem.

Charles Webster Leadbeater, em *O Que Há Além da Morte*, nos apresenta:

É impossível calcular a enorme quantidade de tristezas, terrores e misérias completamente inúteis que o gênero humano tem sofrido por sua ignorância supersticiosa do concernente a esta importante matéria. Sobre este particular, há entre nós um acúmulo de falsas e absurdas crenças, que têm causado indizíveis males no passado e está causando intensos sofrimentos no presente, e cuja eliminação seria um dos maiores benefícios que se poderiam prestar à humanidade.

QUAIS AS HIPÓTESES PARA A MORTE?

Aqui voltamos a refletir sobre as hipóteses já levantadas no tema 5.

NADA?

Como vimos anteriormente, esta hipótese, assim como todas as outras, não pode ser descartada, já que não se consegue provar, nesse campo, que algo é assim ou diferente. Contudo, observando o que se passa na natureza, parece conflitante que a estrutura universal viesse a destruir o que criou, já que tudo o mais se transforma e não se perde.

Aquilo que parecia ser o nada, em termos espaciais, o chamado vácuo, foi desmentido:

Cientistas conseguiram produzir luz a partir do vácuo. A realização do experimento, previsto há mais de 40 anos, coube a Christopher Wilson e seus colegas da Universidade Chalmers, na Suécia. O grupo conseguiu capturar fótons que pululam do vácuo quântico, aparecendo e desaparecendo continuamente. Vácuo não é vazio... na verdade, o vácuo está repleto de partículas que estão flutuando continuamente entre a existência e a inexistência: elas surgem do nada – ou melhor, do vácuo quântico –, têm uma vida efêmera e desaparecem novamente...¹⁸

Ficou mais difícil imaginar o nada. Por outro lado, aceitar ou não uma hipótese é questão de livre escolha. Já que ela é livre, por que não escolher a mais promissora?

CONTINUAÇÃO DA VIDA DE ALGUMA FORMA?

Aceita pela maioria dos habitantes do planeta, quer seja pesquisando o passado arqueológico, quer seja conhecendo a história dos povos primitivos e dos povos atuais, a teoria da sobrevivência se impõe como a hipótese mais provável para os seres.

Pode-se notar também que, quando chega a hora da morte, os que dizem acreditar no nada, perante o desconhecido que se aproxima, tendem a expressar esperança de que haja algum tipo de continuação da vida, com Deus ou sem Deus.

¹⁸ Disponível em: <https://jornalggn.com.br/tecnologia/cientistas-produzem-luz-a-partir-do-va-cuo/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

Mas, dentro da aceitação da sobrevida, resta a pergunta fundamental: como seria essa vida pós-morte?

Como vimos anteriormente, cada povo, cada crença, admite um modelo de vida após a morte.

Boa parte das religiões adota a ideia de que, após um julgamento, viveríamos em locais específicos, habitados por semelhantes: os maus em locais de sofrimento e os bons em locais de delícias. Mas não se consegue imaginar o que as pessoas ficariam fazendo lá.

Há a necessidade de pensar e pesquisar a fim de se encontrarem explicações fundamentadas para a postura que expressam.

Outra grande parte dos povos admite a reencarnação, mas sem uma explicação para o período “entre vidas”.

Algumas não aceitam a reencarnação e nem mesmo a comunicação com os que já se foram, salvo em momentos excepcionais, como os santos para a Igreja Católica. Nesses casos, não há o que discutir e só mesmo após a morte poderemos saber como é.

Porém, outras filosofias aceitam: a comunicação – de lá para cá e vice-versa –, a reencarnação ou as duas.

Completemos a análise das hipóteses para o pós-morte com algumas manifestações a respeito:

William T. Stead, na introdução de *Real Ghost Stories* (Verdadeiras Histórias de Fantasmas), diz:

De todas as superstições vulgares nos meios intelectuais, nenhuma é tão difícil de extirpar como a absurda falácia de que não pode haver fantasmas. Sua existência é reconhecida por todos os doutos, sejam espiritualistas, poetas ou cientistas, bem como pelos indoutos que tenham se interessado pelo assunto. Variam indefinidamente as opiniões acerca do que seja um fantasma, mas, quanto ao fato de sua existência, qualquer que seja, não mais existe controvérsia entre os investigadores honestos.

As leituras a respeito comprovam que praticamente todos os pesquisadores, mesmo os mais céticos, quando se empenharam a fundo para investigar as manifestações chamadas paranormais, vieram a aceitá-las como fatos irrefutáveis.

KATIE KING

O acontecimento mais notável foi o ocorrido com o cientista William Crookes, descobridor dos raios catódicos e membro da Sociedade Real Britânica. Como presidente da SPR inglesa (*The Society for Psychical Research*), foi incumbido, conforme ata lavrada em livro próprio, de “desmascarar” os fenômenos de materialização apresentados por Florence Cook, médium inglesa.

Acontece que ao comparecer a sessões de materialização por intermédio dessa médium, meticulosamente preparadas para a pesquisa científica, veio a se manifestar, durante três anos, um espírito materializado, que dizia ser a filha do pirata James King e que se colocou à disposição para todos os testes que ele julgasse necessários. Ligou a ela diversos aparelhos, cortou e examinou em laboratório seu vestido, seu cabelo, dançou com ela, enfim, teve um longo convívio, recolhendo informações e ensinamentos que estão registrados em um livro que se chama *Katie King*, de autoria de Wallace Leal V. Rodrigues.

No livro encontram-se várias fotografias tiradas durante as experiências, inclusive a foto abaixo, de uma imagem de Kate King formada por ectoplasma doado por médiuns encarnados.



William Crookes investigou os fenômenos do espiritualismo por quase quatro anos, com a ajuda do senhor Home, da senhorita Florence Cook e de alguns outros médiuns. Os experimentos foram todos realizados em sua própria casa e frequentemente em seu laboratório, e foram aplicados vários testes com aparelhos elétricos e outros aparatos sob seu comando. Ele descobriu que todos os fenômenos eram genuínos, incluindo a produção do que chamou de “formas espirituais”, registradas por ele em fotografia. Em 1874, Crookes publicou um breve relato dos seus experimentos sob o título *Pesquisas sobre os fenômenos do espiritualismo*. Quinze anos depois, escreveu um artigo para *Proceedings of the Society for Psychical Research*, intitulado “Notas das sessões com D. D. Home”, sobre as quais diz:

Sua publicação irá, de qualquer forma, mostrar que eu não mudei de ideia, que numa revisão desapassionada das afirmativas colocadas por mim há quase 20 anos, eu não encontrei nada para ser alterado ou revisado. Eu não descobri nenhuma falha nos experimentos realizados àquela época ou nos raciocínios que baseei neles.

São acontecimentos irrefutáveis que deveriam convencer os mais céticos. Contudo, nem na época nem agora são bem aceitos, pois há uma estranha resistência em admitir a possibilidade da comunicação natural entre “vivos” e “mortos”.

Algo semelhante à história de Katie King está no livro *O Trabalho dos Mortos: o livro do João*, de Nogueira de Faria, que trata de materializações de espíritos ocorridas em Belém, no Pará, nos anos 1920/21, sob rigoroso controle de pessoas idôneas e confirmadas por fotos.

Vejamos outras importantes revelações documentadas:

Sir Oliver Lodge, em *Nosso Lugar no Universo*:

Se o céu estivesse constantemente nublado, não teríamos definidos conhecimentos do Sol e o mesmo pode acontecer com outras coisas existentes no universo, que perceberíamos se nossos sentidos fossem mais penetrantes e nada nos perturbasse a vista.

Allan Kardec, em *O Céu e o Inferno*:

O que falta à religião neste século de positivismo, em que se procura compreender antes de crer, é a sanção de sua doutrina por fatos positivos, assim como a concordância dessas doutrinas com os dados

positivos da ciência. Uma teoria não pode ser aceita como verdadeira, senão com a cláusula de satisfazer a razão e dar conta de todos os fatos que abrange; se um só fato lhe trouxer um desmentido, é que não contém a verdade absoluta. A unificação feita relativamente à sorte futura das almas será o primeiro ponto de contato dos diversos cultos, um passo imenso para a tolerância religiosa em primeiro lugar e, mais tarde, para a completa fusão.

Professor Hyslop, citado por Ernesto Bozzano em *A crise da morte*:

“Não chego a compreender por que se exige que o mundo espiritual seja mais ideal do que o nosso. Os dois mundos são obras do mesmo autor, quer este se chame Matéria ou Deus”.

Léon Denis, em *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*:

O Universo não pode falhar. Seu fim é a beleza; seus meios a justiça e o amor; fortaleçamo-nos com o pensamento dos porvires sem limites. A confiança na outra vida estimulará os nossos esforços, torná-los-á mais fecundos. Nenhuma obra de vulto e que exija paciência pode ser levada a cabo sem a certeza do dia seguinte. De cada vez que, à roda de nós, a morte, no seu esplendor austero, distribui seus golpes, torna-se um ensinamento, uma lição soberana, um incentivo para trabalharmos melhor, para procedermos melhor, para aumentarmos, constantemente, o valor de nossa alma.

Evangelho: Marcos, VI, 14 e 15:

E chegou a notícia a Herodes, o tetrarca, de tudo o que Jesus obrava, e ficou como suspenso, porque diziam uns: é João que ressurgiu dos mortos; e outros: é Elias que apareceu, e outros: é um dos antigos profetas que ressuscitou.

Evangelho: Mateus, XVI, 13 a 17 e Marcos, IX, 11 e 12:

E havia um homem dentre os fariseus, por nome Nicodemos, senhor entre os judeus. Este, uma noite, veio buscar Jesus e disse-lhe:

“Rabi! Sabemos que és mestre, vindo da parte de Deus, porque ninguém pode fazer estes milagres que tu fazes se Deus não estiver com ele.”

Jesus respondeu: “Na verdade te digo que não pode ver o reino de Deus senão aquele que renascer de novo.”

Nicodemos lhe disse: “Como pode um homem nascer sendo já velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer outra vez?”

Respondeu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade te digo que quem não renascer da água e do espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido carne é carne, e o que é nascido espírito é espírito. Não te maravilhes de eu te dizer: importa-vos nascer outra vez.”

REENCARNAÇÃO

Percebe-se, nestas e em outras inúmeras passagens, que o povo da época aceitava a ideia da reencarnação, embora adotassem o termo ressurreição.

Estudos atuais, promovidos por institutos e cientistas renomados, além de obras de autores que merecem todo o crédito, têm agitado a pesquisa da sobrevida, recolhendo fatos e evidências que sugerem plenamente a possibilidade.

Houve entre nós um importante pesquisador, Hernani Guimarães Andrade, que deixou muitas obras de qualidade, entre elas *Reencarnação no Brasil*, publicada pela Casa Editora O Clarim.

Além da vasta obra espírita encabeçada por Francisco Cândido Xavier, muitas delas de altíssimo teor científico, difunde-se hoje o estudo e a divulgação da condição espiritual do ser em muitos lugares do mundo, sem qualquer vínculo religioso, especialmente nos países onde culturalmente se admite a reencarnação, mas a ênfase, no momento, está se dando nos Estados Unidos.

ALGUMAS INSTITUIÇÕES AMERICANAS DEDICADAS À PESQUISA DA COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

- ✓ **Programa de Pesquisas Veritas**, do Laboratório para Avanços em Consciência e Saúde, no Departamento de Psicologia da Universidade do Arizona, criado inicialmente para testar a hipótese de que a consciência (ou personalidade/identidade) sobrevive à morte física.

<https://www.seal.org.br/index.php/mp-artigos/11-diversos/1387-memoria-de-transplantados.html>

✓ **Edgar Cayce's A.R.E. (Association for Research and Enlightenment)**

215 67th Street, Virginia Beach, VA 23451

Toll-free: 800-333-4499

Local: 757-428-3588

<https://www.edgarcayce.org/>

✓ **Forever Family Foundation**

222 Atlantic Avenue, Oceanside, New York 11572-2009

<https://www.foreverfamilyfoundation.org/>

Alguns pesquisadores:

- ✓ Raymond Moody Junior, autor do livro *Vida Além da Vida*, Editora Nórdica.
- ✓ J. B. Rhine, pesquisador da paranormalidade na Universidade de Duke.
- ✓ H. N. Banerjee, autor do livro *Vida Presente e Pretérita*, da Editora Nórdica.
- ✓ Gary E. Schwartz, Ph.D. e diretor do Laboratório de Sistemas de Energia Humana da Universidade do Arizona.
- ✓ Ian Stevenson, diretor da Divisão de Estudos da Percepção do Departamento de Psiquiatria da Universidade da Virgínia, com 40 anos de dedicação ao estudo da reencarnação com mais de 3 mil casos pesquisados. Autor de inúmeros artigos e livros, entre eles: *20 casos sugestivos de reencarnação*, *Casos europeus de reencarnação*, *Casos de reencarnação*, volume 1 (Índia), volume 2 (Sri Lanka), volume 3 (Líbano e Turquia), volume 4 (Tailândia e Burma). Também escreveu: *A evidência da sobrevivência através de memórias de encarnações anteriores*; *Onde reencarnação e biologia se encontram*; *Reencarnação e Biologia*, volumes 1 e 2; *Crianças que lembram de vidas passadas*; *Xenoglossia – relatório e revisão de um caso*; *Línguas não apreendidas – novos estudos sobre xenoglossia*; *Impressões telepáticas – 35 novos casos*.

Autores testemunhais, com obras publicadas pela Editora Sextante:

- ✓ Allison Dubois, *Não é preciso dizer adeus*
- ✓ Brian Weiss, *Muitas vidas, uma só alma*
- ✓ Carol Bowman, *Crianças e suas vidas passadas*
- ✓ James Van Praagh, *Em busca da espiritualidade*
- ✓ Sylvia Browne, *O outro lado da vida*

Alguns filmes que abordaram a temática:

- ✓ *Amor Além da Vida*
- ✓ *Ghost*
- ✓ *Manica*
- ✓ *Os outros*
- ✓ *Quem Somos Nós?*
- ✓ *Sexto Sentido*
- ✓ *Além da Vida*
- ✓ *Nosso Lar*
- ✓ *As Mães de Chico Xavier*
- ✓ *E a Vida Continua*
- ✓ *Allan Kardec*

Alguns seriados de TV:

- ✓ *Ghost Whisperer*
- ✓ *Médium*

O QUE PENSAR DE TUDO O QUE VIMOS?

Ao aceitar a hipótese de continuidade da vida e buscar um modelo para ela, a afirmativa espírita de que a pessoa, sem corpo, continua como era com corpo, de que o ser é eterno e imaterial, de que as experiências físicas são transitórias e evolutivas, se apresenta como lógica e plenamente aceitável.

Contudo, o respeito por todas as filosofias e linhas de pensamento não pode ser descartado.

Afinal, toda a mentalização para o bem ou para o mal, para o hoje ou o amanhã, para tudo o que somos ou viremos a ser, é criação e responsabilidade nossa.

É necessário despir a hipótese de continuidade da consciência e da comunicação possível entre encarnados e desencarnados do caráter somente religioso. Esses estudos são científicos e filosóficos, e, quando aceitos como verdades, têm como consequência a formação íntima de um código de conduta que se afina com os ensinamentos básicos das religiões fraternas.

Mesmo não havendo religiosidade, é inegável que a criação está feita.

Se nesse processo criativo está embutida ou não a comunicação, nada tem a ver com religião. Outrossim, qualquer que seja a religiosidade da pessoa, ela pode admitir esta possibilidade como parte integrante da construção universal.

SE EXISTE ALGO CRIADOR, ELE TUDO PODE.

Nenhum ser humano, pela sua ignorância quase total sobre os mecanismos universais, deveria dar-se o direito de afirmar que sabe o que as forças que nos criaram podem ou não fazer. Tudo pode ser modificado de uma hora para outra, assim como foi a repentina extinção dos dinossauros, bem como nossos destinos terrenos, totalmente imprevisíveis.

Portanto, nossa obrigação é pesquisar e nada afirmar como se tivéssemos a verdade ao nosso dispor.

Uma frase do maior instrutor que permeia nossa cultura ocidental resume o ensinamento de todos os outros grandes instrutores de todas as demais culturas, Jesus Cristo, quando disse: “O reino dos céus está dentro de vós”, e tomamos a liberdade de completar: “O dos infernos também”.

Façamos a nossa escolha!

OITAVA POSSÍVEL CONCLUSÃO

Não há maneira absoluta, por enquanto, de entendermos o que se passa após a morte. Mas há evidências espalhadas pela história que nos dão pistas bastante confiáveis de que há sobrevivência. Aceitando esta hipótese, cabe-nos refletir sobre suas consequências, pois elas refletem fortemente sobre os valores que vão nortear nossas vidas.

REFLEXÕES SOBRE O OITAVO TEMA

A viagem continua: e depois que formos embora?

1. No seu entendimento, se somos produto de uma mente criadora, qual é a possível finalidade dessa criação e da nossa existência?
2. Como aproveitar melhor nossa vida sobre o planeta?
3. Como entender o mecanismo de vida e morte se esta pode ocorrer no próprio nascimento, em dias, meses ou anos, sem previsão ou oportunidades iguais para todos?
4. Como seria, no seu modo de ver, uma vida ideal depois da morte?
5. Você acredita que é obrigação do viajante planetário deixar a nave em que esteve embarcado melhor do que quando nela chegou, ainda que seja só um pouquinho? Se esta resposta for sim, pense no que fez até agora para atendê-la.

SÍNTESE

Como dissemos no início, este livro não foi escrito para externar a opinião do autor, mas para provocar as reflexões dos leitores ou dos participantes de grupos de debates que espero venham a se multiplicar. Já os promovo com grande aceitação e proveito e pretendo que outros estudiosos o façam.

Porém, em atendimento à recomendação das pessoas que me ajudaram com a leitura crítica do conteúdo, externo neste final, com o objetivo de colaborar com os pensamentos do leitor, as minhas conclusões que, contudo, não devem induzir ninguém a nada. Use os seus critérios, aplique seus raciocínios e monte para si mesmo um conjunto de crenças racionais e embasadas na observação e na pesquisa.

1- O QUE É A VIDA?

Para o humano, saber que existimos, que somos. Descartes afirmou: “Penso, logo, existo”.

Se eu, consciência, não tiver a noção de mim mesmo, então não tenho vida, pois ela só é representada pela minha capacidade de me reconhecer como um ser único, individualizado, pensante e atuante conforme meus direcionamentos.

Estando no planeta, entendemos como vida o que se mexe, reproduz, nasce, cresce e morre.

Aceitamos que as plantas, animais e hominais têm vida. Os minerais não, por nos parecerem imóveis. E é um grande engano, pois eles também têm um ciclo de vida e morte.

Formados por átomos, tudo tem seu tempo de existência delimitado pela desagregação atômica que se dá irreversivelmente para toda a matéria planetária. Inclusive a própria Terra tem seu tempo de vida estimado em cinco bilhões de anos.

Logo, tudo o que vemos, apalpamos, utilizamos, é vida precária, transitória, finita. Tudo a que damos valor material se acabará. Nosso carro, casa, equipamentos, valores, a forma de viver, tudo terminará.

O que restará? Tudo o que for imaterial: as lembranças da nossa personalidade, marcadas pelas nossas atitudes e pelas nossas realizações, positivas ou negativas.

A vida verdadeira é a animação espiritual representada pela consciência de que somos algo único, separado de todos os demais, mas integrado ao todo, porque a vida imaterial só tem sentido na troca de experiências e aprendizados. De nada vale imaginar que sem corpo sejamos almas, entidades, espíritos, seres enfim, sem ter o que fazer. Precisamos de atividade e ela é exercitada nos mundos do universo. A Terra é um deles.

Há infinitas realizações a serem empreendidas pelos habitantes planetários: desde uma passagem amorfa, sem atividade produtiva alguma, até a concretização de grandes empreendimentos que marcam a paisagem terrena. Desde as ocupações profissionais mais comuns até cargos proeminentes como dirigir as nações. Desde fazer a trajetória sozinho, até a constituição de família numerosa e prolífera. Desde estudar muito e adquirir enormes conhecimentos até sair daqui sabendo o mesmo de que quando entrou. Desde ter ajudado a tudo e a todos até ter vivido só para si mesmo.

As formas de experimentar a vida planetária são infinitas e permeadas de nuances que têm variações inesgotáveis. Pode-se ser um grande realizador e ao mesmo tempo um déspota, como ser um modesto trabalhador e exercitar um profundo amor pelos demais.

É essa riqueza de possibilidades que dá sabor à viagem terrena, e faz dela, quando bem aproveitada, um caminho de desfrute e felicidade que é o anseio de todos os que aqui estão. Mas esse caminho deixa marcas.

Pense bem, mas bem mesmo: todos, em nossa trajetória terrena, externamos características pessoais que nos identificam como seres de um modelo ou outro. Há uma grande variedade, desde egoístas a desprendidos, de construtivos a destrutivos, de demônios a santos e assim por diante.

Pare um pouquinho, respire e leia. Não mascare, faça um profundo exame de consciência e responda para si mesmo:

2- QUE MARCAS DEIXAREI NO MUNDO? POR QUE ESTAMOS AQUI?

Porque temos necessidade de estar em algum lugar. Se, conforme proposto acima, sou uma entidade única, capaz de realizar o que penso, então necessito estar em algum lugar, e esse lugar é em qualquer parte do universo.

Agora, estou na Terra porque é um dos lugares possíveis para se estar e aprender por meio das experiências que ela proporciona.

Tente visualizar-se como consciência, sem corpo físico. Você não está na Terra, está no espaço. Fazendo o quê? Nada? Parece impossível! O que o ser mais deseja é atividade. Ser forçado à inatividade é o pior dos castigos.

É muito bom ficar sem fazer nada por algum tempo. Mas se a inatividade for imposta ela será um fardo bem pesado. Somos fabricados de tal maneira que ansiamos por fazer alguma coisa, salvo se estivermos doentes.

É claro que ser obrigado a estar ativo também é penoso. E esta é uma das grandes experiências terrenas: quanto devo trabalhar? Para quê?

Tomemos por base as culturas mais primitivas do planeta: dos índios, aborígenes, esquimós e outras, especialmente na África, que ainda guardam os hábitos e costumes de povos que não têm dinheiro, nem governo... nem impostos para pagar.

Não havendo a propriedade particular, e consequentemente o dinheiro, a cobiça não existe, os bens são comunitários, o conforto – ou desconforto – é igual para todos, passa-se mais tempo em recreação do que em obrigação, a tribo cuida de crianças e idosos, enfim, o sistema seria ideal, não fosse por uma necessidade atávica e fundamental do ser: progresso.

Podem ser, e aparentemente são, felizes alguns povos. Os índios, principalmente, têm muitas festas, dão muitas risadas, cumprem suas obrigações de coleta, caça e pesca com alegria. Tudo é comunitário, não há exploração de uns pelos outros, e todos se ajudam nas necessidades básicas. Mas... são do mesmo jeito há milênios e não experimentam a riqueza de conhecimentos que o planeta esconde. Olhando de fora, pode-se dizer: seria muito bom ser índio e viver essa vida despojada, descompromissada e isenta de obrigações tributárias. Mas... não haveria evolução.

Então o que aconteceu com a humanidade: saiu de uma vida fraterna para uma vida egoísta. À medida que apareceu o que é só meu, fruto da habilidade de alguns, o progresso veio e não parou mais. Alguém fez uma ferramenta que facilitou a vida – encontraram colheres de 20 mil anos –,

outro fez algo melhor e assim foi indo até chegar aos dias de hoje e tudo o que temos. Só que o conceito do “é meu” veio junto e o egoísmo foi se instalando pela transformação do conhecimento em moeda, e atualmente permeia a sociedade de tal maneira que a massa se atropela para ter mais dinheiro, para consumir mais, numa roda-viva de egoísmos que promove a infelicidade.

A velocidade do que se descobre, do que se projeta para o futuro em termos de conforto, facilidades, saúde e riqueza é exuberante. Teremos à disposição equipamentos que farão a maior parte dos serviços domésticos, veículos autodirigidos, aviões supersônicos, naves para viagens espaciais de turismo, avanços médicos para prolongar a vida e o conforto, comunicações instantâneas, entretenimento em profusão e, principalmente, mais tempo para outras tarefas que não o trabalho escravizante.

Essa perspectiva leva os seres para o estudo: cada dia há a exigência de maior preparo intelectual para o desempenho de funções profissionais. Esse preparo e a maior disponibilidade de tempo levam as pessoas a pensarem melhor sobre suas vidas, não materialmente, mas espiritualmente, o que as faz menos egoístas, mais doadoras e mais fraternas.

É um círculo virtuoso que pode ser percebido se ampliarmos a nossa percepção das belezas da vida e entendermos que tudo evolui apesar das dificuldades.

3- O QUE É A MORTE FÍSICA?

A oportunidade de regressar à origem. Percebemos, por intermédio dos mecanismos da morte, que a Terra não é nosso lugar de permanência e que todos nos retiramos depois de algum tempo. Então deixá-la deve representar o retorno ao lugar de onde viemos, ou a algum outro adequado à continuidade da nossa caminhada existencial.

É sempre difícil, para qualquer um, assimilar a ideia de que em algum momento não estará mais aqui. Sempre nos parece que a vida terrena é eterna e nos “desligamos do desligamento”.

Tem que ser assim, porque, se pensamos obstinadamente que podemos morrer a qualquer momento, estaremos morrendo antecipadamente.

A construção universal foi tão bem planejada, que esse mistério é o melhor dela. Se soubéssemos de antemão a data da nossa partida, não viveríamos os projetos, sonhos e utopias que são, afinal, os alimentos

psicológicos que nos animam a enfrentar os obstáculos e as dificuldades inerentes a esta passagem.

A maioria é ativa e motivada pelo que está à frente: para as crianças a chegada à adolescência, para fazer o que os mais velhos fazem é um sonho ansiosamente acalentado; para os adolescentes, o sonho é ter a liberdade dos adultos; para os adultos, é alcançar a estabilidade financeira, seja um emprego, seja negócio, constituir família, ter filhos, netos ou, mais modernamente, para um grande número de pessoas que não pensa em família, pelo menos estabelecer alguma parceria estável.

Ninguém anseia pelo próximo passo que é morrer. Contudo, é o único inexorável.

O “trem” da vida se move infinitamente. Embarcamos, podemos percorrer todos os vagões, escolhê-los, ficar em um só e trocar de lugar dentro dele, trocar de vagão, conviver bem com os outros passageiros ou brigar com eles, mas um dia teremos que desembarcar.

Nosso livre-arbítrio durante a viagem nos permite as mais diversas atitudes, podemos absolutamente tudo, mas não podemos nos esquecer de que os outros também podem e é desejável sempre medir as consequências de nossos atos, pois poderemos desembarcar antes do previsto.

A viagem não tem ponto final, só paradas estratégicas: uma é a nossa. Somos testemunhas das paradas em que outros desceram e deveriam servir de alerta para nós mesmos: fizeram uma boa viagem? Desceram quando tinham que descer? Ou anteciparam seu momento maltratando a si mesmos ou aos outros? Deixam uma boa lembrança ou os outros passageiros estão aliviados com sua descida?

Cabe-nos refletir: como quero ser visto pelos demais? Quero ter uma boa imagem? Ou quero alcançar meus objetivos a qualquer preço? Se o objetivo é só sucesso financeiro, o que é legítimo, mas se for alcançado com falta de lisura e honestidade, torna-se ilegítimo. Isso compensa? Afinal, terei que descer fatalmente do trem, e os que vão ficar guardarão que imagem de mim? Talvez não me interesse por nada do que os outros pensam. Mas, e se existe um amanhã em que a vida continua? Embarcaremos em outra viagem e talvez tenhamos que encontrá-los novamente.

Há muito o que pensar a respeito. Pode-se viver como uma “cabra-cega”, sem saber de nada, sem se interessar por nada, desfrutando apenas o dia a dia que a vida nos oferece. Mas, por algum mecanismo ainda não muito bem compreendido, chega para todos a hora de sair da materialidade imediata, com uma tomada de consciência, a partir da qual não há retorno.

Podemos ser como os primitivos que não sabem de nada e levam suas vidas felizes e ignorantes. Mas não evoluem. Porém, se já evoluímos os pensamentos vêm, o interesse pelo amanhã racional desperta forte e só será satisfeito quando estudarmos com afinco e com interesse real para entender como pode ser o amanhã. Aí poderemos morrer em paz, sem temor, confiantes em um futuro melhor.

4 - DE ONDE VIEMOS?

Respeitadas todas as hipóteses, já que nada se prova, apenas se deduz, tomamos a liberdade de expor a nossa, que nos parece ser a mais lógica: viemos de algum lugar anterior onde já existíamos, trazendo para esta vida um acúmulo de conhecimentos que nos permite a adaptação terrena em curtíssimo tempo. O que um bebê de dois anos, por exemplo, já sabe, é impossível de ser aprendido só com o que se ensina a ele nesse tempo.

É fácil observar que cada ser nasce com potencialidades diferenciadas e com conhecimentos que não podem ter sido adquiridos aqui: são cada vez mais noticiados os casos de crianças com aptidões extraordinárias – as chamadas “crianças índigo” – que espantam pelo desempenho, seja musical, científico ou artístico. A história é repleta de casos semelhantes, destacando-se o de Mozart que já compunha aos cinco anos.

Além disso, temos que levar em conta os feitos geniais de tantas pessoas que não tinham preparo cultural para fazê-los. Francisco Cândido Xavier só tinha a primeira parte do ensino fundamental, mas escreveu obras de grande saber e conhecimento. É um grande erro atribuir as qualidades ou os defeitos à genética. Nem “santos” nem “demônios” devem sua maneira de ser aos pais. Cada ser humano é ele mesmo, tenha a origem hereditária terrena que tiver. Mas, convém repetir, tudo se discute.

5 - PARA ONDE VAMOS?

Para onde a vontade nos conduzir.

É impossível afirmar o que vai acontecer após a morte física.

Porém, pesquisas sérias levadas a efeito por cientistas e espiritualistas, por incontáveis relatos de experiências de quase-morte, além de informações recolhidas por centenas de autores confiáveis por meio das chamadas

mensagens mediúnicas em todos os lugares do mundo, nos levam a crer que, quando do desprendimento do corpo físico, a consciência se encaminha para ambientes afins à sua personalidade.

Isso tem lógica.

A consciência confinada no corpo se restringe aos ambientes aos quais o corpo pode ir.

Quando exercitamos o pensamento, nossa parte imaterial, na imaginação, pode ir para onde quiser.

Logo, podemos deduzir: se somos efetivamente consciências, quando deixarmos nossos corpos, estaremos livres para ir aonde nos convém.

Essa discussão é infinita e fugimos das deduções e entramos no terreno das suposições. Todas as hipóteses seriam possíveis: vagar no espaço, ir a lugares conforme mencionado nas diversas religiões – céu ou inferno – ou conforme a literatura espírita para locais de afinidades energéticas onde nos preparamos para novas experiências, neste ou em outros mundos.

Como é uma questão de escolha, nos parece mais interessante esta última hipótese, pois é mais coerente com o que seria a Justiça Divina.

Admitindo-se uma força criadora à qual chamamos Deus, somos levados a supor que essa força não destruiria sua própria criação, pela experiência de uma única vida sem outras oportunidades de evolução.

Por outro lado, não conseguimos entender essa força e a imaginamos como uma figura individualizada semelhante a um ser humano, o que é lastimável porque essa visão equivocada tolhe a compreensão da energia universal.

Ao morrer, não encontraremos um Deus para dar a mão, como se fosse um homem. Deveremos, sim, encontrar a nós mesmos, pois essa energia criadora deve estar em nós, já que somos fruto dela mesma, temos em nós todo o potencial do universo à nossa disposição e precisamos de múltiplas e variadas experiências para aprender a usá-la.

Acreditamos que a criação é um ato de amor e só nos completaremos quando soubermos amar a tudo, a todos e a nós mesmos.

Jesus disse: “Vós sois deuses e não o sabeis!”.

MENSAGEM FINAL

O ser humano é dotado de livre-arbítrio, porém subordinado a leis universais. Em geral não consegue compreendê-las e colocá-las a seu favor, por isso tem uma enorme dificuldade para desfrutar todo o potencial que a vida planetária pode proporcionar.

Estudar os mecanismos e as leis físicas e morais que regem o universo é obrigação de todos os que já chegaram ao estágio de se fazerem as perguntas fundamentais da vida, como fez o matuto no seu sítio bonito, olhando admirado para o infinito: Quéqueusô? Donqueuvim? Onqueutô? Ponqueuvô?

Se respondeu a todas as perguntas, parabéns.

Se há dúvidas, já que chegou até aqui, vá em frente e não pare mais; o estudo é o caminho para você se fazer feliz!!!

ROTEIRO PARA DEBATES

Aqui vão algumas sugestões que visam auxiliar a tarefa de mediar grupos de debates sobre a vida e a morte.

O autor vem promovendo-os há anos na Seara Bendita Instituição Espírita, em São Paulo, para espíritas ou não, com grande aceitação por todos, o que levou à elaboração desta obra.

O que se propõe é que uma pessoa, no papel de mediadora, dotada de boa vontade para estudar, preparando-se bem, mesmo não sendo um profissional, congregue grupos de pessoas interessadas que queiram debater o assunto.

Cabe a ela expor o tema por meio dos argumentos aqui constantes, ou outros que venham a complementar, fazendo-se acompanhar por imagens disponibilizadas pelo autor, bem como pela apostila de seu curso *Reflexões sobre a Vida e a Morte*.

Naturalmente, o que consta do livro é só roteiro, balizamento, mas não é hermético e cabe a cada mediador dar o seu toque pessoal ao trabalho.

Para o sucesso da empreitada, algumas regras deverão ser fielmente seguidas em todos os debates:

- ✓ Não há pretensão de se dar aula, apenas levar a reflexões; cada um tirará suas conclusões por intermédio das contribuições dos participantes.
- ✓ O que o mediador pensa e aceita como provável verdade não é o mais importante, mas sim o respeito ao que cada um pensa.
- ✓ Apenas são mostrados dados que foram levantados, para que, em conjunto, se possa pensar no que eles representam para melhorar nossa maneira de encarar a vida, nossos parceiros, nossas tarefas, nosso bem viver e nosso bem morrer.

- ✓ Cada um, livremente, poderá apresentar sua opinião sobre os assuntos expostos.
- ✓ Todos deverão acatar as opiniões alheias respeitosamente.
- ✓ Poderá haver debates de ideias – e é bom que haja –, mas sem que alguém queira impor a sua como verdadeira.
- ✓ Todas as ideias são válidas, porque ninguém é dono da verdade, e sequer sabemos o que é verdade mesmo.
- ✓ A condução do debate deverá, por seu turno, orientar-se pelas seguintes normas para que haja harmonia no grupo:
- ✓ As opiniões serão sempre dirigidas ao mediador, nunca ao companheiro;
- ✓ As opiniões não serão terminativas, mas sim sugestivas;
- ✓ Quem expõe uma ideia deve ser sucinto;
- ✓ Cada um falará na sua vez, sob o comando do mediador.

Estas condições, quando bem respeitadas, favorecem plenamente o diálogo que deverá fluir naturalmente, em reunião intimista – por isso o grupo deve ser restrito a no máximo 30 participantes –, em que as pessoas se sintam cúmplices, abram suas almas, exponham suas inseguranças, contem suas experiências e compartilhem suas expectativas para com a vida e a morte.

É preciso muito cuidado para não permitir que o tema fuja de controle, pois, como são interessantes, levam a indagações e questionamentos novos que podem tomar todo o tempo disponível. Pode acontecer, e já aconteceu, que uma reunião extra seja realizada para terminar um assunto do interesse de todos, que não pôde ser fechado naquele momento.

Também é preciso cuidado para não extrapolar o proposto, que é somente refletir. Os participantes tendem a pedir conclusões, mas se elas aparecerem deve ser de maneira natural, e não induzida pelo mediador. Cada um deve tirar suas próprias conclusões.

Como formato sugerido, gastam-se cerca de 60 minutos para expor o tema, entregando-se em seguida os questionários, encontrados no fim de cada capítulo para que o grupo responda em 15 minutos. Nos restantes 45 minutos, debatem-se as respostas. Esses tempos são os ideais, mas não taxativos, podendo variar de acordo com a dinâmica própria que cada grupo apresenta.

O questionário tem cinco perguntas que poderão ser respondidas individualmente ou em grupo de cinco pessoas e cada um deles deve responder a uma das perguntas. É mais rico, os participantes gostam mais, mas é muito mais demorado.

Quando o participante responde individualmente, pede-se que exponha ao grupo o que respondeu e isso suscita o debate. Quando as perguntas são respondidas em grupo, aí se faz necessário que um dos integrantes leia a resposta do grupo e todos comentem.

O principal na condução das dinâmicas é a aceitação da opinião de cada um e o profundo respeito à diretriz básica do que será feito: não convencer ninguém de que determinada postura é a correta. Cada um tem a sua e o que se pretende é levar à reflexão, para que essa postura seja pela fé raciocinada, e não imposta.

No início de cada tema há uma frase – chamada de reflexão –, que deverá ficar na tela antes do início dos trabalhos, para que as pessoas possam, de antemão, refletir sobre o que será apresentado.

No tema 1, quando se convida para a viagem na nave espacial e se coloca como condição que cada viajante tenha uma função, torna-se interessante anotar no quadro a tarefa que cada um quer desempenhar. Haverá surpresas.

A situação ideal é aquela em que o futuro mediador frequente um ciclo de debates mediado pelo autor antes de formar seu próprio grupo. Normalmente, isso aconteceria em São Paulo, mas, havendo interesse, será possível atender a convites para que tal aconteça em outras localidades em horários mais concentrados.

Estarei à disposição para esclarecer eventuais dúvidas no seguinte e-mail: viverdenovo@gmail.com.

REFERÊNCIAS

- ALDRIDGE, Susan; LUCÍRIO, Ivonete. A fórmula do corpo. **Superinteressante: Ciência**, 2016 (original, 1996). Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/a-formula-do-corpo/>. Acesso em: 13 mai. 2020.
- ALVES, Rubem. A morte como conselheira. In: CASSORLA, Roosevelt M. S. (coord). **Da morte**. Campinas: Papirus, 1991.
- ANDRADE, Hernani Guimarães. **Psi Quântico**. São Paulo: Pensamento, 1986.
- ARIËS, Philippe. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BAILEY, Alice A. **Morte: a grande aventura**. Niterói: Fundação Cultural Avatar, 1988.
- BOZZANO, Ernesto. **A crise da morte**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1980.
- BUDGE, E. A. Wallis. **O livro egípcio dos mortos**. São Paulo: Pensamento, 1985.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CARTAS polêmicas do príncipe Charles serão publicadas na 4a. **Exame: Mundo** (2015). Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/cartas-polemicas-do-principe-charles-serao-publicadas-na-4a/>. Acesso em: 13 mai. 2020.
- CASTRO, João Duarte de. **Vamos matar a morte**. Catanduva: Petit, 1990.
- CLARET, Martin. **O poder do dinheiro**. São Paulo: Martin Claret, 1994.
- COBRA, Nuno. **A semente da vitória**. São Paulo: Senac, 2001.
- D'ASSUMPÇÃO, Evaldo A. **Dizendo adeus: como viver o luto para superá-lo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- DELANNE, Gabriel. **A reencarnação**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1994.
- DENIS, Léon. **O problema do ser, do destino e da dor**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2012.
- EMOTO, Masaru. **Messages from water**. HadoKeiyakusha Co. Ltd., 1999.
- EVANS-WENTZ, W. Y. **O livro tibetano dos mortos**. São Paulo: Pensamento, 1993.
- FARIA, Nogueira de. **O trabalho dos mortos: o livro do João**. 4. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1984.

FLAMMARION, Camille. **A morte e o seu mistério**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **Uma jornada sobre o luto**. São Paulo: Livro Pleno, 2002.

JACOBSON, Nils O. **Vida sem morte**. São Paulo: Nórdica, 1971.

KAPLEAU, Philip. **A roda da vida e da morte**. São Paulo: Cultrix, 1993.

KARDEC, Allan. **O céu e o inferno**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1990.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1996.

KASTENBAUM, Robert. **Haverá vida depois da morte**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1984.

KOVACS, Maria Júlia. **Educação para a morte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **A roda da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LEADBEATER, C. W. **O que há além da morte**. São Paulo: Pensamento, 1997.

MEDEIROS JR., Geraldo. **A consciência encarnada**. São Paulo: Ícone Editora, 1995.

MOODY JR., Raymond A. **Vida depois da vida**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.

MOREIRA, Milton R. Medran. **O espírito de um novo tempo**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2009.

NEEDLEMAN, Jacob. **O dinheiro e o significado da vida**. Rio de Janeiro: Best Seller, 1991.

RINCÓN, Maria Luciana. Confira 5 dos maiores impérios que já existiram na história. Megacurioso: Educação, 2015. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/historia-e-geografia/67240-confira-5-dos-maiores-imperios-que-ja-existiram-na-historia.htm>. Acesso em: 13 mai. 2020.

RODRIGUES, Wallace Leal V. **Katie King**. Matão: O Clarim, 1980.

ROGO, D. Scott. **Vida após a morte: evidências da sobrevivência à morte corporal**. São Paulo: Ibrasa, 1991.

SIMONETTI, Richard. **Quem tem medo da morte**. Catalão: Editora Gráfica São João, 1996.

SIMONTON, Carl *et al.* **Com a vida de novo**. São Paulo: Summus Editorial, 1987.

STEAD, William T. **Real ghost stories**. New York: George H. Doran Company, 1921.

TORRES, Wilma Costa. **A criança diante da morte: desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

WALSCH, Neale Donald. **Conversando com Deus**. Rio de Janeiro: Agir, 2003.

WEIL, Pierre. **A morte da morte**. São Paulo: Gente, 1995.

ANEXO 1

TABELA DOS ELEMENTOS - AÇÃO NO CORPO HUMANO

Elemento	Efeito no corpo humano
Cálcio	funciona como guardião da célula, controlando o que entra e sai
Cloro	é negativo e atua para neutralizar elementos de carga positiva e refazer o equilíbrio dos fluidos corporais
Cobalto	é um dos componentes da vitamina B12, e sua falta leva à anemia
Cobre	libera o nosso combustível aos poucos
Cromo	participa, junto com a insulina, hormônio produzido pelo pâncreas, na metabolização do açúcar no organismo
Enxofre	transforma parte de tóxicos (como mercúrio e chumbo) em compostos solúveis em água, ajudando na sua eliminação
Ferro	carrega o oxigênio captado pelos pulmões para o restante do corpo
Flúor	importante para proteger os dentes contra bactérias
Fósforo	indispensável para a formação do DNA, que guarda as informações genéticas
Iodo	auxilia a glândula tireoide a regular a velocidade de todo o metabolismo do corpo
Magnésio	atua na formação do ATP (molécula que armazena energia)
Manganês	faz parte das enzimas que disparam as reações químicas responsáveis pelo amadurecimento celular, inclusive do feto

Elemento	Efeito no corpo humano
Molibdênio	ajuda em várias reações químicas que acontecem no organismo
Potássio	ajuda na contração e relaxamento dos músculos (inclusive do coração)
Selênio	faz parte das enzimas destruidoras de radicais livres, moléculas instáveis acusadas de causar o envelhecimento e várias doenças
Sódio	regula os 42 litros de água existentes no nosso corpo tirando o excesso das células e jogando na corrente sanguínea
Zinco	faz com que o gás carbônico fique em estado líquido, não oferecendo risco

Fonte: Adaptado de Aldridge; Lucírio (2016).

ANEXO 2

OS CINCO MAIORES IMPÉRIOS AO LONGO DA HISTÓRIA

Império	Descrição
1) Império Otomano	Também conhecido como Império Turco, seu território ocupou partes da África, Ásia e Europa, e foi estabelecido definitivamente em meados do século XV, quando Mehmed II conquistou Constantinopla e transformou o sultanato otomano em império. Era um Estado Otomano multicultural e uma das preocupações dos governantes era a de crescer economicamente sem afetar as atividades comerciais, crenças, tradições e vidas de seus súditos. Persistiu durante mais de 600 anos, até sua dissolução em 1923, quando proclamada a República da Turquia.
2) Macedônia Antiga	A Macedônia Antiga existiu entre 808 a.C. e 168 a.C., mas conquistou seu apogeu territorial em apenas 12 anos sob o comando de Alexandre, o Grande, que tinha como objetivo desbravar os mares e chegar até os confins do mundo. Com esse propósito, o comandante conseguiu estender seu império do Mar Jônico – localizado entre a Grécia, Albânia e Itália – até o Himalaia. E fez isso dos 20 anos de idade, quando se tornou rei, até a sua trágica e precoce morte, aos 32 anos.

Império	Descrição
3) Império Mongol	Conhecido como o maior império em área contígua da História, foi fundado por Genghis Khan em 1206 e, sob o seu comando, chegou a contar com 33 milhões de quilômetros quadrados em seu apogeu. O território mongol se estendia desde a península da Coreia até o Danúbio, incluindo o Iraque, Irã, China, assim como países da Ásia Central e da Ásia Menor. Após a morte de Genghis Khan, em 1227, o império começou a entrar em declínio e foi dissolvido em 1368.
4) Califado Omíada	Existiu de 661 a 750, e foi o segundo dos quatro califados islâmicos estabelecidos após a morte de Maomé. Seu território se estendia por uma área de 15 milhões de quilômetros quadrados, incorporando a região do Cáucaso, que hoje corresponde ao Uzbequistão, Tadjiquistão e sudoeste do Cazaquistão, o Sind (uma das quatro províncias do Paquistão), o noroeste da África e a Península Ibérica. Foi o maior império que o mundo já havia visto, e ele o quinto maior de todos os que existiram ao longo da História. Suas capitais foram Damasco, atual capital da Síria, e Córdoba, na Espanha, e o período em que o califado perdurou ficou conhecido como Era Dourada da civilização árabe.
5) Império Aquemênida	Conhecido por muitos como o Primeiro Império Persa, foi fundado por volta de 550 a.C. por Ciro, o Grande, e, em seu apogeu – então sob o comando de Dario I –, ocupou um território enorme, que hoje corresponde à Grécia, Bulgária, Líbia e Paquistão, assim como algumas regiões do Cáucaso, Sudão e Ásia Central. Contava com cerca de 50 milhões de habitantes, ou seja, naquela época, 44% da população mundial vivia em seu território, fazendo dele o maior império em termos populacionais de todos os tempos. Sua sucessão de monarcas tinha como objetivo unificar as tribos e nacionalidades ao longo das complexas vias que foram construídas para interligar o império – mas ele foi derrubado por volta do ano 330 a.C., depois de o exército de Alexandre, o Grande, invadir o território e dominar os persas.

Fonte: Rincón (2015).

ANEXO 3

SISTEMAS DE GOVERNO VIGENTES NO MUNDO

Países	Forma constitucional	Chefe de estado	Base de legitimidade executiva
 Afeganistão	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 África do Sul	República	Executivo	Presidência e ministros podem, ou não, estar sujeitos a confiança parlamentar
 Albânia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Alemanha	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Argélia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Andorra	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Angola	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Antígua e Barbuda	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Arábia Saudita	Monarquia absoluta	Executivo	Toda a autoridade investida no monarca absolutista
 Argentina	República	Executivo	Presidência independente da legislatura

Países	Forma constitucional	Chefe de estado	Base de legitimidade executiva
 Arménia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Austrália	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Áustria	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Azerbaijão	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Bahamas	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Bahrain	Monarquia constitucional	Executivo	O monarca exerce pessoalmente o poder em concertação com outras instituições
 Bangladeche	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Barbados	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Bielorrússia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Bélgica	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Belize	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Benim	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Butão	Monarquia constitucional	Executivo	O monarca exerce pessoalmente o poder em concertação com outras instituições
 Bolívia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Bósnia e Herzegovina	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Botsuana	República	Executivo	Presidência e ministros podem, ou não, estar sujeitos a confiança parlamentar
 Brasil	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Brunei	Monarquia absoluta	Executivo	Toda a autoridade investida no monarca absolutista

Países	Forma constitucional	Chefe de estado	Base de legitimidade executiva
 Bulgária	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Burquina Faso	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Burúndi	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Cabo Verde	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Camboja	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Camarões	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Canadá	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Casaquistão	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Catar	Monarquia absoluta	Executivo	Toda a autoridade investida no monarca absolutista
 Chade	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Chile	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 República Popular da China	República	Executivo	Poder constitucionalmente vinculado a um único movimento político
 Chipre	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Cidade do Vaticano	Monarquia absoluta	Executivo	Toda a autoridade investida no monarca absolutista
 Colômbia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Comores	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Coreia do Norte	República	Executivo	Poder constitucionalmente vinculado a um único movimento político
 Coreia do Sul	República	Executivo	Presidência independente da legislatura

Países	Forma constitucional	Chefe de estado	Base de legitimidade executiva
 Costa Rica	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Costa do Marfim	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Croácia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Cuba	República	Executivo	Poder constitucionalmente vinculado a um único movimento político
 Dinamarca	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Djibouti	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Domínica	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Equador	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Egípto	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Emirados Árabes Unidos	Monarquia constitucional	Executivo	O monarca exerce pessoalmente o poder em concertação com outras instituições
 Eritreia	República	Executivo	Poder constitucionalmente vinculado a um único movimento político
 Eslováquia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Eslovénia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Espanha	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Estados Unidos da América	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Estónia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Etiópia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar

Países	Forma constitucional	Chefe de estado	Base de legitimidade executiva
 Fiji	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Finlândia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 França	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Filipinas	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Gabão	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Gâmbia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Geórgia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Gana	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Grécia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Granada	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Guatemala	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Guiné	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Guiné-Bissau	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Guiné Equatorial	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Guiana	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Haiti	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Honduras	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Hungria	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar

Países	Forma constitucional	Chefe de estado	Base de legitimidade executiva
 Iémen	n/a	n/a	<i>Nenhuma base constitucionalmente definida para o regime em vigor</i>
 Índia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Indonésia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Irão	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Iraque	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Irlanda	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Islândia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Israel	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Itália	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Jamaica	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Japão	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Jordânia	Monarquia constitucional	Executivo	O monarca exerce pessoalmente o poder em concertação com outras instituições
 Kiribati	República	Executivo	Presidência e ministros podem, ou não, estar sujeitos a confiança parlamentar
 Kosovo	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Kuwait	Monarquia constitucional	Executivo	O monarca exerce pessoalmente o poder em concertação com outras instituições
 Laos	República	Executivo	Poder constitucionalmente vinculado a um único movimento político
 Lesoto	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar

Países	Forma constitucional	Chefe de estado	Base de legitimidade executiva
 Letónia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Líbano	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Libéria	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Líbia	n/a	n/a	<i>Nenhuma base constitucionalmente definida para o regime em vigor</i>
 Listenstaine	Monarquia constitucional	Executivo	O monarca exerce pessoalmente o poder em concertação com outras instituições
 Lituânia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Luxemburgo	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Macedónia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Madagáscar	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Malawi	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Malásia	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Maldivas	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Mali	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Malta	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Marrocos	Monarquia constitucional	Executivo	O monarca exerce pessoalmente o poder em concertação com outras instituições
 Ilhas Marshall	República	Executivo	Presidência e ministros podem, ou não, estar sujeitos a confiança parlamentar

Países	Forma constitucional	Chefe de estado	Base de legitimidade executiva
 Mauritânia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Maurícia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 México	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Micronésia	República	Executivo	Presidência e ministros podem, ou não, estar sujeitos a confiança parlamentar
 Moçambique	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Moldávia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Mónaco	Monarquia constitucional	Executivo	O monarca exerce pessoalmente o poder em concertação com outras instituições
 Mongólia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Montenegro	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Mianmar	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Namíbia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Nauru	República	Executivo	Presidência e ministros podem, ou não, estar sujeitos a confiança parlamentar
 Nepal	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Nicarágua	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Níger	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Nigéria	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Noruega	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar

Países	Forma constitucional	Chefe de estado	Base de legitimidade executiva
 Nova Zelândia	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Omã	Monarquia absoluta	Executivo	Toda a autoridade investida no monarca absolutista
 Palau	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Palestina	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Panamá	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Papua-Nova Guiné	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Paquistão	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Paraguai	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Peru	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Países Baixos	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Polónia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Portugal	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Quênia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Quirguistão	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Reino Unido	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 República Árabe Saaráui Democrática	República	Executivo	Poder constitucionalmente vinculado a um único movimento político
 República Centro-Africana	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 República Checa	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar

Países	Forma constitucional	Chefe de estado	Base de legitimidade executiva
 República Democrática do Congo	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 República do Congo	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 República Dominicana	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Roménia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Rússia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Ruanda	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Salvador	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Ilhas Salomão	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Samoa	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Santa Lúcia	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 São Cristóvão e Nevis	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 São Vicente e Granadinas	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 São Marinho	República	Executivo	Presidência e ministros podem, ou não, estar sujeitos a confiança parlamentar
 São Tomé e Príncipe	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Seicheles	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Senegal	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar

Países	Forma constitucional	Chefe de estado	Base de legitimidade executiva
 Serra Leoa	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Sérvia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Singapura	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Síria	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Somália	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Sri Lanka	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Suazilândia	Monarquia absoluta	Executivo	Toda a autoridade investida no monarca absolutista
 Sudão	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Sudão do Sul	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Suriname	República	Executivo	Presidência e ministros podem, ou não, estar sujeitos a confiança parlamentar
 Suécia	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Suíça	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Tailândia	Monarquia constitucional	Executivo	O monarca exerce pessoalmente o poder em concertação com outras instituições
 Taiwan	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Tajiquistão	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Tanzânia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Timor-Leste	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar

Países	Forma constitucional	Chefe de estado	Base de legitimidade executiva
 Togo	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Tonga	Monarquia constitucional	Executivo	O monarca exerce pessoalmente o poder em concertação com outras instituições
 Trindade e Tobago	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Tunísia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Turcomenistão	República	Executivo	Poder constitucionalmente vinculado a um único movimento político
 Turquia	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Tuvalu	Monarquia constitucional	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Uganda	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Ucrânia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura; ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Uruguai	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Usbequistão	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Vanuatu	República	Cerimonial	Ministros sujeitos a confiança parlamentar
 Venezuela	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Vietname	República	Executivo	Poder constitucionalmente vinculado a um único movimento político
 Zâmbia	República	Executivo	Presidência independente da legislatura
 Zimbabué	República	Executivo	Presidência independente da legislatura

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_pa%C3%ADses_por_sistema_de_governo

ANEXO 4

MAIORES LÍDERES RELIGIOSOS DA HISTÓRIA

Líder	Região	Período
Abraão	Israel	2000 a.C.
Isaac/Jacó	Israel	1950-1800 a.C.
Hamurabi	Babilônia	1810-1750 a.C.
Akhnaton	Egito	1302-1234 a.C.
Samuel	Israel	1025 a.C.
Davi	Israel	1012-972 a.C.
Salomão	Israel	971-932 a.C.
Amós/Oséias	Israel	781-743 a.C.
Josias	Israel	688-637 a.C.
Jeremias	Israel	650-575 a.C.
Sócrates	Grécia	470-399 a.C.
Platão	Grécia	428-348 a.C.
Aristóteles	Grécia	384-322 a.C.
Jesus	Palestina	0
Mencio	China	300
Agostinho	Itália	354-430
Patrício	Irlanda	389-461

Líder	Região	Período
Aquino	Itália/França	1227-1274
Wycliff	Inglaterra	1320-1384
Huss	Inglaterra	1373-1415
Savonarola	Itália	1452-1498
Erasmus	Europa	1465-1536
Nanak	Índia	1469-1538
Melanchton	Alemanha	1497-1560
Roger Williams	EUA	1604-1684
Swedenborg	Suécia	1688-1772
Schlenr Macher	Alemanha	1768-1834

Fonte: Diversas.

ANEXO 5

RELIGIÕES MAIS EXPRESSIVAS DO MUNDO

Religião	Líder/Criador	País	Período
Judaísmo	Moisés	Israel	1391 a.C.
Zoroastrismo	Zoroastro	Irã	660 - 583 a.C.
Jainismo	Mahavira	Índia	599 - 583 a.C.
Budismo	Buda	Índia	583 - 563 a.C.
Confucionismo	Confúcio	China	551 - 479 a.C.
Taoismo	Lao-Tsé	China	551 - 475 a.C.
Cristianismo	Paulo	Palestina	Ano 62
Zen-Budismo	Mahaka Shyapa	Índia	500
Zen-Budismo	Bodhidharma	China	520
Islamismo	Maomé	Arábia	622
Catolicismo Ortodoxo	(*)	Turquia	1054
Sikhismo	Nanak	Punjab	1469 - 1539
Protestantismo	Lutero	Alemanha	1483 - 1541
Ana Batistas	Zwineli	Suíça	1484 - 1531
Ana Batistas	Munzer	Alemanha	1490 - 1525
Calvinismo	Calvino	Suíça	1509 - 1564
Presbiterianismo	Knox	Escócia	1513 - 1572
Anglicanismo	Henrique VIII	Inglaterra	1559
Batistas	John Smith	Inglaterra	1568 - 1612
Catolicismo Oriental	Nicon	Rússia	1605

Religião	Líder/Criador	País	Período
Quakers	George Fox	Inglaterra	1624 - 1691
Hassidismo	Besht	Rússia	1699 - 1760
Metodistas	Wesley	Inglaterra	1703 - 1791
Universalistas	John Murray	Inglaterra	1741 - 1815
Unitários	W. E. Channing	EUA	1780 - 1842
Adventistas Milenários	W. Miller	EUA	1782 - 1849
Novo Pensamento	F. Quimby	EUA	1802 - 1866
Mórmons	J. Smith	EUA	1805 - 1844
Ciência Cristã	M. B. Eddy	EUA	1821 - 1910
Exército da Salvação	C. Booth	Inglaterra	1829 - 1912
Agnósticos	R. Ingersoll	EUA	1833 - 1899
Espiritismo	Allan Kardec	França	1857
Adventistas do 7º Dia	E. G. White	EUA	1860
Teosofia	H. P. Blavatski	EUA	1875
Testemunhas de Jeová	C. H. Russel	EUA	1879
Assembleia de Deus	Seymour	EUA	1910
Assembleia de Deus	G. Vingrew	Brasil	1918

Fonte: Diversas.

(*) O Grande Cisma da Igreja Católica teve como causa principal a divisão do Império Romano em ocidental e oriental no século IV, pelo imperador Teodósio, que tornou o cristianismo religião oficial do império. Desde então, surgiram discordâncias teológicas e políticas entre as igrejas de Roma e de Constantinopla (atual Istambul, Turquia). Seis séculos mais tarde, em 1054, com a acirrada divergência, houve a mútua excomunhão entre o Papa Leão IX e o Patriarca de Constantinopla Miguel Cerulário. A partir daí, surgiu a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa como dissidência da Igreja Católica Apostólica Romana.

ANEXO 6

RELIGIÕES REENCARNACIONISTAS

Religião	País	Período
Hinduísmo	Índia	3000 a.C.
Judaísmo	Israel	1391 a.C.
Vodu	África	Milenar
Jainismo	Índia	599 - 583 a.C.
Budismo	Índia	583 - 563 a.C.
Confucionismo	China	551 - 479 a.C.
Taoísmo	China	551 - 475 a.C.
Seita dos Essênios	Palestina	Séc. 2 a.C.
Sikhismo	Punjab	1469 - 1539
Ayyavazhi	Índia	Séc. 19
Espiritismo	França	1857
Umbanda	Brasil	1908
Católica Liberal	Grã-Bretanha	1916
Caodaísmo	Vietnã	1926
Seicho-No-Ie	Japão	1930
Cientologia	EUA	1952
Eckankar	EUA	1964
Renovação Cristã	Brasil	2002

Fonte: Diversas.

ANEXO 7

INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS LIGADAS AO TEMA LUTO E MORTE

Amigos Solidários na Dor do Luto

Endereço: União dos Escoteiros do Brasil, Rua Rodrigo e Silva, 18, 7º andar, Centro, Rio de Janeiro, RJ. (Obs.: primeira visita deve ser agendada).

Reuniões: Terças-feiras das 17h às 19h

Telefone: (21) 3577-1086, celular/WhatsApp (21) 99823-4770 – Márcia Torres, Coordenadora e Assistente Social

E-mail: amigosolidarios.dordoluto.rj@gmail.com

Site: amigossolidariosnadordolutorj.blogspot.com

Facebook: <https://www.facebook.com/amigossolidariosnadordolutorj>

API – Apoio a Perdas Irreparáveis

Endereço: Rua Espírito Santo, 2727, auditório, Belo Horizonte, MG

Telefone: (31) 3282-5645 – Glaucia Rezende Tavares, presidente

E-mail: contato@redeapi.org.br

Site: <http://redeapi.org.br>

Facebook: <https://www.facebook.com/api.apoioaperdasirreparaveis>

Casulo – Associação Brasileira de Apoio ao Luto, SP

Endereço das reuniões do grupo de autoajuda: Paróquia do Colégio Assunção

Alameda Lorena, 655, Jardim Paulista, São Paulo, SP

E-mail: falacasulo@hotmail.com, anacrisf.rocha@gmail.com A/C Ana Cristina

Facebook: <https://www.facebook.com/apoiocasulo>

CRAVI – Centro de Referência e Apoio à Vítima

Secretaria da Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo, capital – Fórum Criminal da Barra Funda

Endereço: Av. Dr. Abraão Ribeiro, 313, piso térreo, rua D, sala 0-429, Barra Funda, São Paulo, SP

Telefone: (11) 3666-7778, 3666-7334, 3666-7960

E-mail: cravi@justica.sp.gov.br

Site: <http://justica.sp.gov.br/index.php/servicos/cravi>

Death Café Sampa

Em São Paulo um jeito fácil de falar de coisas difíceis. Reuniões regulares para pessoas que querem conversar sobre finitude.

Facebook: <https://www.facebook.com/deathcafesaopaulo>

Grupo de Apoio a Pais Enlutados – Anjos Secretos (Gape)

Endereço: Av. Júlio de Castilhos, 2845, São Pelegrino, Caxias do Sul, RS

Telefone: (54) 3028-0015, das 13h às 18h

E-mail: luspe@luspe.com.br

Site: luspe.com.br

Facebook: <https://www.facebook.com/LuspeInstitutoDePsicologia>

Grupo de Apoio às Perdas e ao Luto do Distrito Federal (GALDF)

Endereço: SRTVN 701 LOTE P, Ed. Brasília Rádio Center, salas 1139, Asa Norte, Brasília, DF

Telefone: (61) 99151-8389

Facebook: <https://www.facebook.com/GALDFpsicologiaClinicaedaSaude>

Instituto 4 Estações // Intervenções Psicológicas de Emergência (IPE)

Endereço: Rua Dr. Melo Alves, 89, conj. 202, Jardim Paulista, São Paulo, SP

Telefone: (11) 3891-2576

E-mail: secretaria@4estacoes.com

Site: http://www.4estacoes.com/nucleo_intervencoes_emergencias.asp

Site: <http://www.4estacoes.com>

Facebook: <https://www.facebook.com/quatroestacoes.institutodepsicologia>

Laboratório de Estudos sobre a Morte (LEM) USP-SP

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721, sala 251, bloco D, Cidade Universitária, São Paulo, SP

Telefone: (11) 2648-0197

E-mail: lem@usp.br, lempsicousp@gmail.com e lemipusp@lemipusp.com.br

Site: <http://www.lemipusp.com.br>

LELu Laboratório de Estudos e Intervenções sobre Luto (PUC-SP)

Endereço: São Paulo, SP

Telefone: (11) 3862-6070

E-mail: mhfranco@pucsp.br

Facebook: <https://www.facebook.com/mhelena.francoLELu>

ONG Amada Helena

Endereço: Rua Tiradentes, 53, Bairro Independência, Porto Alegre, RS

Telefone: (51) 98198-9205

Facebook: www.facebook.com/ong.amadahelena

Sociedade Brasileira de Psico-Oncologia (SBPO)

E-mail: contato@sbpo.org.br

Site: <http://sbpo.org.br>

Facebook: <https://www.facebook.com/SocBrasPsicoOncologia>

ANEXO 8

VÍDEOS SOBRE O TEMA MORTE

A morte é um dia que vale a pena viver / Ana Claudia Quintana Arantes (TEDxFMUSP) https://www.youtube.com/watch?v=ep354ZXKBEs
Sobre a Morte (Correio Braziliense) https://www.youtube.com/watch?v=4RtzAJWcif8
Uma reflexão médica sobre a morte / Paulo Saldiva (Casa do Saber) https://www.youtube.com/watch?v=qaRUpZfz9Hk
Como falar com as crianças sobre a morte? / Momento Papo de Mãe (TV Cultura) https://www.youtube.com/watch?v=1DvVXGw2-4g
(...)



Fontenele
Publicações

www.editorafontenele.com.br

“Morri um mineral e tornei-me planta.
Morri planta e nasci animal.
Morri animal e transformei-me em homem.
Por que devo temer? Quando fui menos por morrer?
Ainda outra vez morrerei como homem, para elevar-me
com anjos abençoados; e mesmo de anjo terei de passar. Tudo, exceto
Deus, perece.
Quando tiver sacrificado minha alma de anjo, eu me tornarei aquilo
que nenhuma mente concebeu.”

*Maulana Jalaladim Maomé, conhecido como Rumi de Bactro
(1207-1273), poeta, jurista e teólogo persa.*

